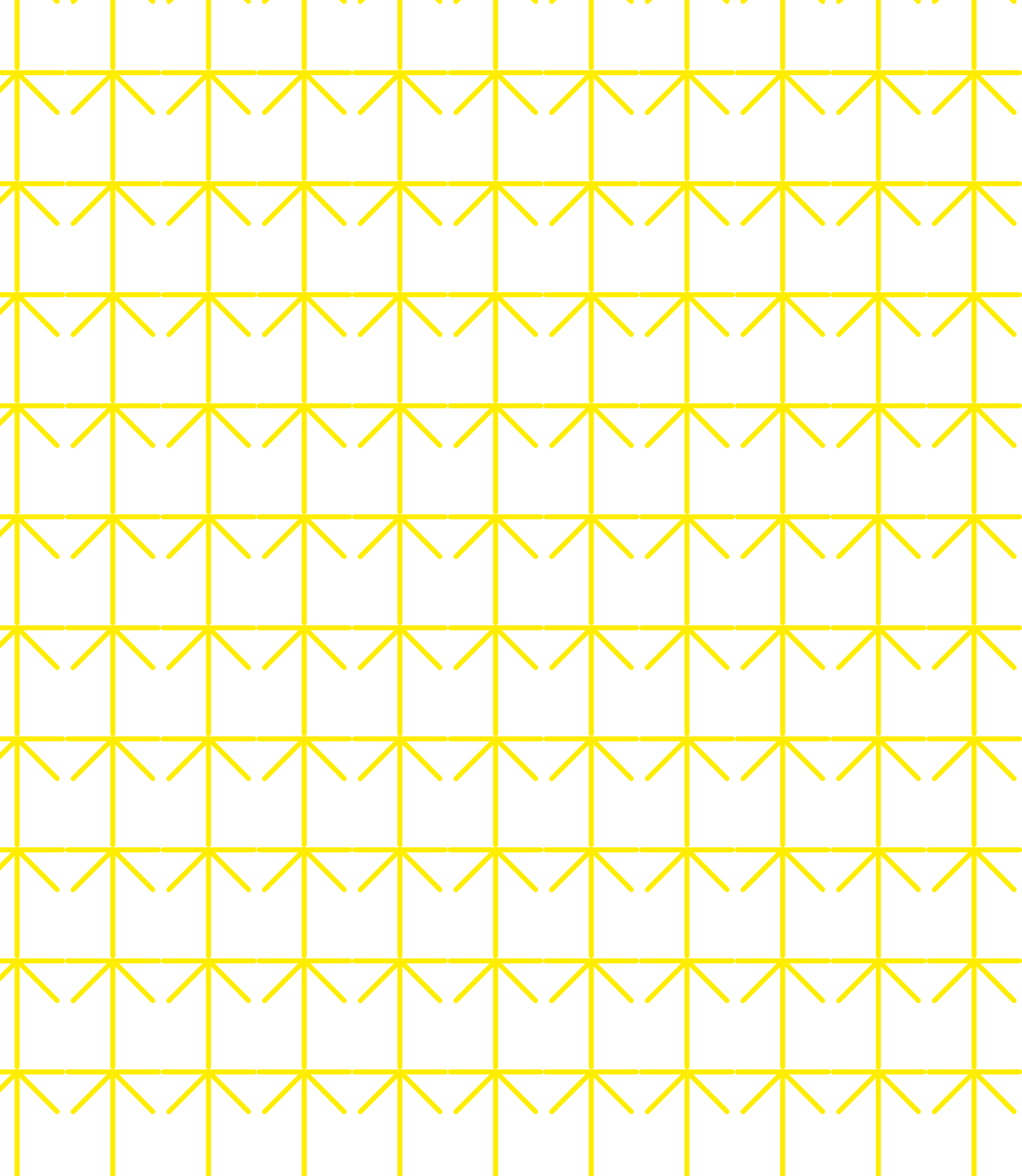
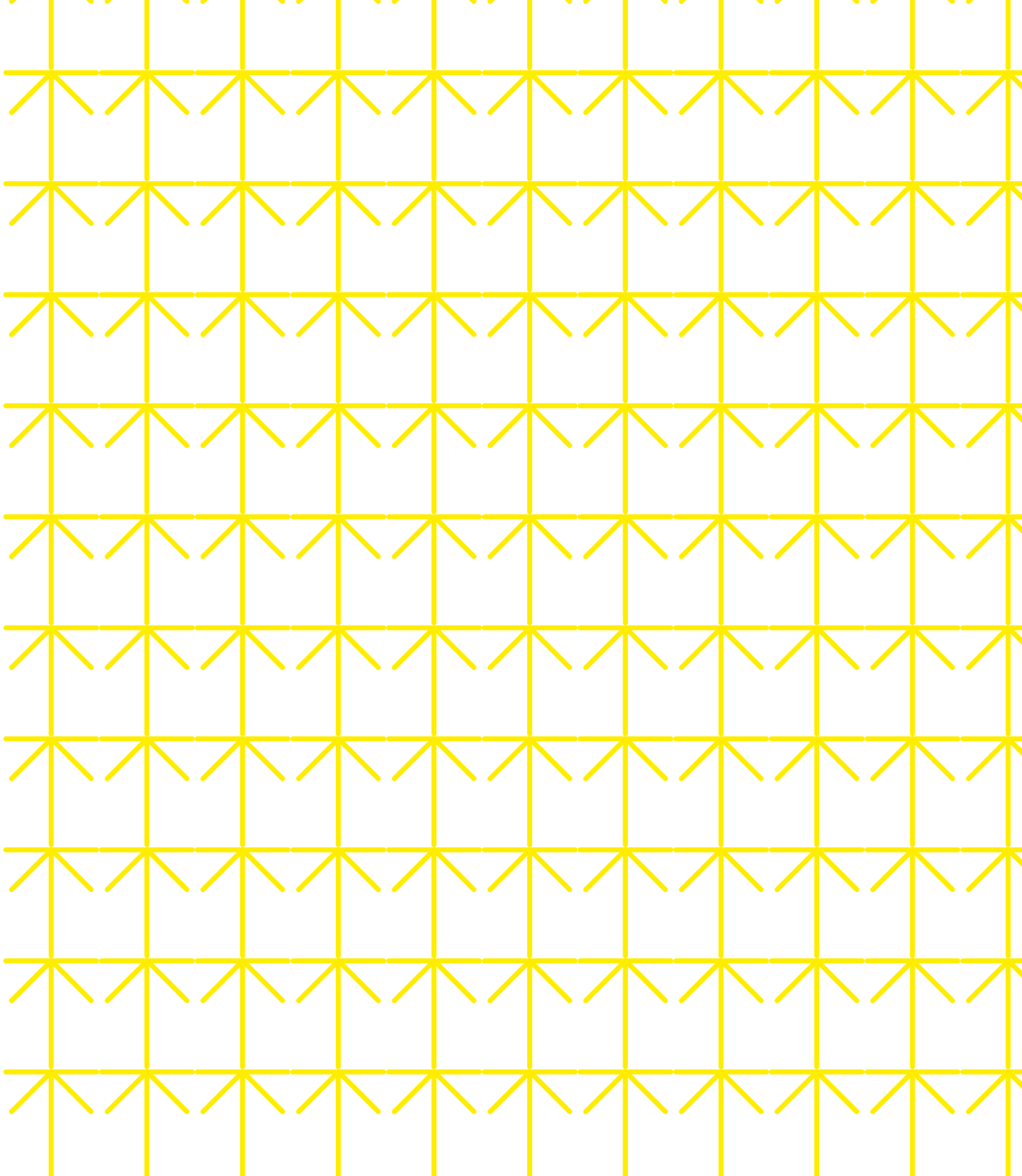


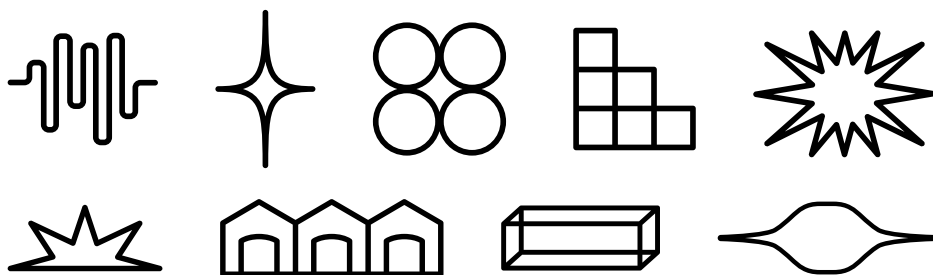
Ministério do Turismo e Shell apresentam

mc FESTIVAL
MOVIMENTO
CIDADE









QUE MC É ESSE?

O Movimento Cidade é um movimento de criatividade e sustentabilidade urbana, nascido no Espírito Santo. Com o lema “cidades são pessoas”, o Movimento Cidade se identifica como um projeto de causa pela cultura na cidade, que valoriza a criação coletiva através de criação de redes, programas, ações e produtos culturais, envolvendo diretamente a área da sustentabilidade urbana. Através de uma multiplataforma de canais, conecta os movimentos, artísticos, culturais e sociais, sempre buscando refletir sobre uma cidade melhor para todas e todos em diversas atividades e programações que vão desde a produção própria de conteúdos, à difusão audiovisual e palco de debates e performances. O objetivo central do movimento é estimular a consciência sustentável para provocar mudança de comportamento, pensamento e ação: engajar causas, promover novos movimentos e interação com a cidade, utilizando sobretudo a criatividade e a conexão entre as pessoas.

O MC se pauta na dinâmica dos centros urbanos a partir das linguagens de cinema, música, performance e debates temáticos, além de outras atividades de formação artística e cultural. Em seu quarto ano, se propõe a provocar a relação das pessoas com os territórios em que habitam, pautando temas como: mobilidade urbana, ocupação e esvaziamento de espaços públicos, novas tecnologias, economia criativa, processos participativos, protagonismo de comunidades, representatividade urbana, cidade e consumo, o corpo na cidade, cidades humanas e inteligentes.

O movimento surgiu em 2018 promovendo debates em torno da sustentabilidade urbana e do modo de vida nas cidades. Em 2020, em sua segunda edição, o MC foi pioneiro na reinvenção do fazer cultural no período agudo da pandemia do novo coronavírus, abrindo novas possibilidades à cadeia produtiva do setor cultural capixaba. Com um edital de R\$80 mil destinado aos artistas, promoveu 35 dias de Festival em formato remoto, com inúmeras atividades nas mais diferentes linguagens artísticas.



O momento de se pensar, agir e curtir. Pensar para aumentar as percepções, agir para transformar, e curtir para festejar a partilha.

Ao longo de três dias, o Festival Movimento Cidade traz uma programação composta por mostras de cinema, shows musicais, bate-papos, e laboratórios com foco em juventude, sustentabilidade urbana e criatividade.

É o ponto alto da celebração da diversidade, equidade, reflexão e criação que são a essência do movimento.

Mostras de Cinema

Os filmes selecionados pelo edital MC.Projeta são exibidos em três categorias: Mostra Movimento Cidade, Mostra Arte e Mostra Cidade Pedal.

As exibições acontecem na plataforma MC.On, no site oficial do Movimento Cidade e durante o Festival.

Bate-papo

Momento que propõe o pensar dentro da programação do Festival Movimento Cidade. Os diálogos são pautados por representantes de projetos, empresas, e sociedade civil interessados em debates sobre a cidade, a criatividade, a inovação e a sustentabilidade.

Shows musicais

No MC.Música, artistas do Espírito Santo e todo Brasil se apresentam ao final de cada dia de Festival Movimento Cidade. Em 2022, as apresentações podem ser assistidas presencialmente e virtualmente pelo canal do MC no Youtube. No lineup do palco principal, o palco Carmélia, estão Emicida (SP), Budah (ES), Cesar MC (ES), Majur (BA), Rachel Reis (BA), Bixarte (PB), FBC & Vhoor (MG), Totô de Babalong (BA) e Alinne Garruth (ES). No palco Rua acontecem batalhas de dança e rimas, além de atrações musicais. Os artistas disputam premiação em dinheiro.



Mostra de Cinema

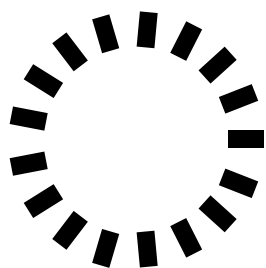
A inédita Mostra Arte exhibe seis filmes de curta e média duração sobre arte urbana em gêneros diversos como ficção, documentário e animação, com temáticas em processos criativos e produção de artes visuais - design, ilustração, pintura, lambe-lambe, entre outras técnicas.

Galeria de arte urbana

O MC.Arte é uma plataforma que estimula, conecta, incentiva, fomenta e premia artistas urbanos das artes visuais. Atua oferecendo remuneração, diálogo e espaço de troca com diversas comunidades de diferentes municípios da Grande Vitória, atraindo essas comunidades para ações de formação. Tudo isso promovendo o suporte no intercâmbio dos artistas com os espaços/locais escolhidos para as intervenções artísticas propostas.

MC.Roda

Itinerâncias propostas fora do território do Espírito Santo, sede oficial do Movimento Cidade. Em 2022, com o MC.Roda viajaremos até a Distrito Federal, Alagoas, Ceará e Paraíba. Na bagagem, vai uma programação com shows, mostras de cinema, bate-papos, oficinas e editais de capacitação - tudo isso também com foco específico na juventude, na sustentabilidade urbana e na criatividade.



GERAÇÃO REELS DO FUTURO

Como alguns segundos podem fazer a diferença para a nação? É possível, usando a música, corpo e criatividade pensar no futuro? Tendo o Instagram como principal plataforma de produção e difusão, o projeto convida jovens do Brasil a pensar soluções e ideias para um mundo melhor inspiradas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU). A programação inclui ações em Vitória, Maceió e Brasília.

Mostra de Cinema

Mostra on-line composta por 15 vídeos-manifestos. Os vídeos partirão da rede social Instagram e abordam de forma criativa algum ODS da ONU.

Imersão

Imersão de capacitação com jovens referências da cena sustentável e audiovisual do Brasil. A proposta do programa é aprimorar ferramentas de discurso, reflexão e empoderamento dos jovens selecionados, fortalecendo seus canais e narrativas. Cada jovem ganha um aparelho celular que será peça chave na realização das atividades da programação.

QUEM FAZ O MC ACONTECER?



Luísa Costa
Diretora de Comunicação



Léo Alves
Diretor Geral



Júlia Aguiar
Diretora de Programação



Bárbara Magalhães
Coordenadora
Administrativo e Financeiro



Matheus Moretti
Coordenador Administrativo
e Financeiro



Suellen Castello
Diretora de Planejamento



Paula Parú
Produtora



Thaís Vieira
Assistente de Programação



Douglas Passamani
Produtor



Raquel Amaral
Coordenadora de Produção



Layla Castro
Produtora



Diego Cavaleiro Andante
Coordenador de Programação



Gabriela Bezzato
Coordenadora de Comunicação



Allana Angélica
Designer



Beatriz Sacht
Designer



Isabella Baltazar
Coordenadora de Comunicação



Paulo Prot
Designer



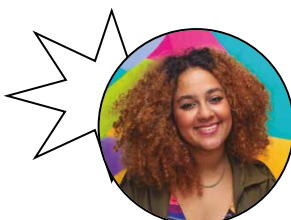
Ana Luzes
Fotógrafa



Ana Pessoa
Social Media



Carolina Castilholi
Jurídico



Izabelle Ribeiro
Assistente de jurídico



Marina Baião
Coordenadora de Programação

COM QUAIS ODS O MC SE RELACIONA?

Por Suellen Castello

Após dois anos de pandemia, o Movimento Cidade realiza seu festival de forma presencial, e se prontifica a agitar a cidade e fomentar a ação de CONSTRUIR CIDADES, colocando o cidadão no papel de protagonista, e se tornando agente mediador para a transformação do seu território. A transformação global se inicia localmente e, com o olhar voltado para nossa cidade, precisamos pensar novas formas de agir, valorizar nossas potencialidades e nossa história. É a partir dessa visão que tornamos nossas cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.

Toda essa nossa atitude é o pilar do ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis. Nossas Mostras são pautadas em conteúdos que discutem mobilidade urbana e processos de urbanização, com uma atenção especial para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência, idosos e LGBTQIA+. Nosso público alvo, envolve, diretamente, questões importantes apresentadas nos ODS 05 – Igualdade de Gênero, e ODS 10 – redução de desigualdades.

Nosso propósito é promover uma reflexão e voltar o olhar para nossa cidade, e o que podemos fazer em contribuição para o desenvolvimento sustentável do nosso entorno e, como efeito, do planeta.

O que são os ODS?

De acordo com as Nações Unidas Brasil, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.



Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero

Diversos filmes da Mostra de Cinema Movimento Cidade abordaram as questões da igualdade de gênero destacando as intersecções com raça e orientação sexual.

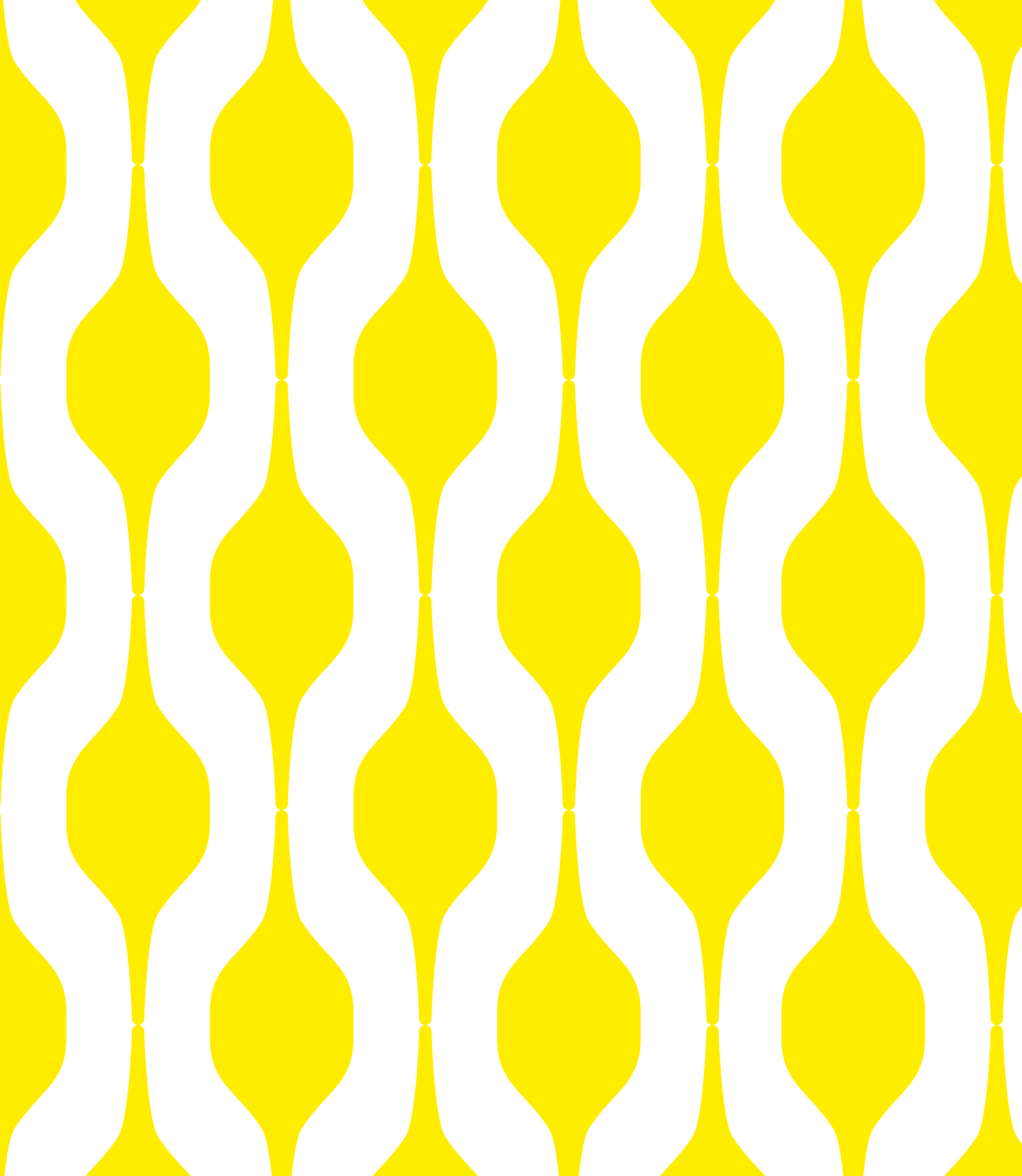
Objetivo 10: Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles

O MC.Lab e o MC.Arte buscam equilibrar o acesso dos jovens de periferia às oportunidades de formação gratuita com benefícios financeiros diretos.



Objetivo 11: Tornar as cidades humanas inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis

A ODS 11 é trabalhada em diversos temas dos bate-papos realizados pelo projeto com convidados da cena sustentável das cidades. As três revistas já lançadas são exemplos que reforçam o compromisso do projeto com o tema.



O QUE FAZEMOS?

Multiplataforma de canais que busca refletir sobre cidade em diversas atividades e programações, que vão desde a produção própria de conteúdos, à difusão audiovisual, formações, debates e performances.

SELO

Legitima e reconhece/identifica os produtos de formação e experimentação laboral do MC.

PROGRAMAÇÃO

São transversais. Podem acontecer tanto dentro de produtos, quanto isoladamente.

PROGRAMAS

Ações institucionais de relacionamento de comunicação.

PRODUTOS

Agrupa atividades. Sempre tem programação amarrada por uma temática específica.

Produtos principais do MC

mc^o MOVIMENTO CIDADE

mc^o RODA

mc^o PEDAL

mc^o ARTE

mc^o MULHERES

Produtos do selo mc^o LAB

Escola de Compositores

Geração Reels do Futuro

Som Na Tela

Escola de Arte Empreendedora

mc^o LAB

mc^o FALA

mc^o PROJETA

mc^o MÚSICA

mc^o LAB

mc^o CHAMA

mc FESTIVAL
MOVIMENTO
CIDADE 2022

APRESENTA

FESTA DO BURACO



UMA CRÔNICA DA CIDADE

QUEM É CARMÉLIA

Ícone da cultura capixaba

Carmélia Maria de Souza (1936-1974) foi uma das mais importantes cronistas do Espírito Santo. Dona de um humor irônico, transformou-se em uma das figuras mais emblemáticas da cultura capixaba. Nunca houve mulher como Carmélia – A maior cronista capixaba das décadas de 50 e 60.

Por suas crônicas e sua vida, ela foi uma mulher que marcou uma época. Nas crônicas, impregnadas de um lirismo que bate em cheio na veia, Carmélia Maria de Souza falou como ninguém de amor, solidão, abandono, fossa, esperança e amizade. Seu estilo de vida, dividido entre música, livros, amigos e rodas boêmias, abriu cabeças e caminhos.

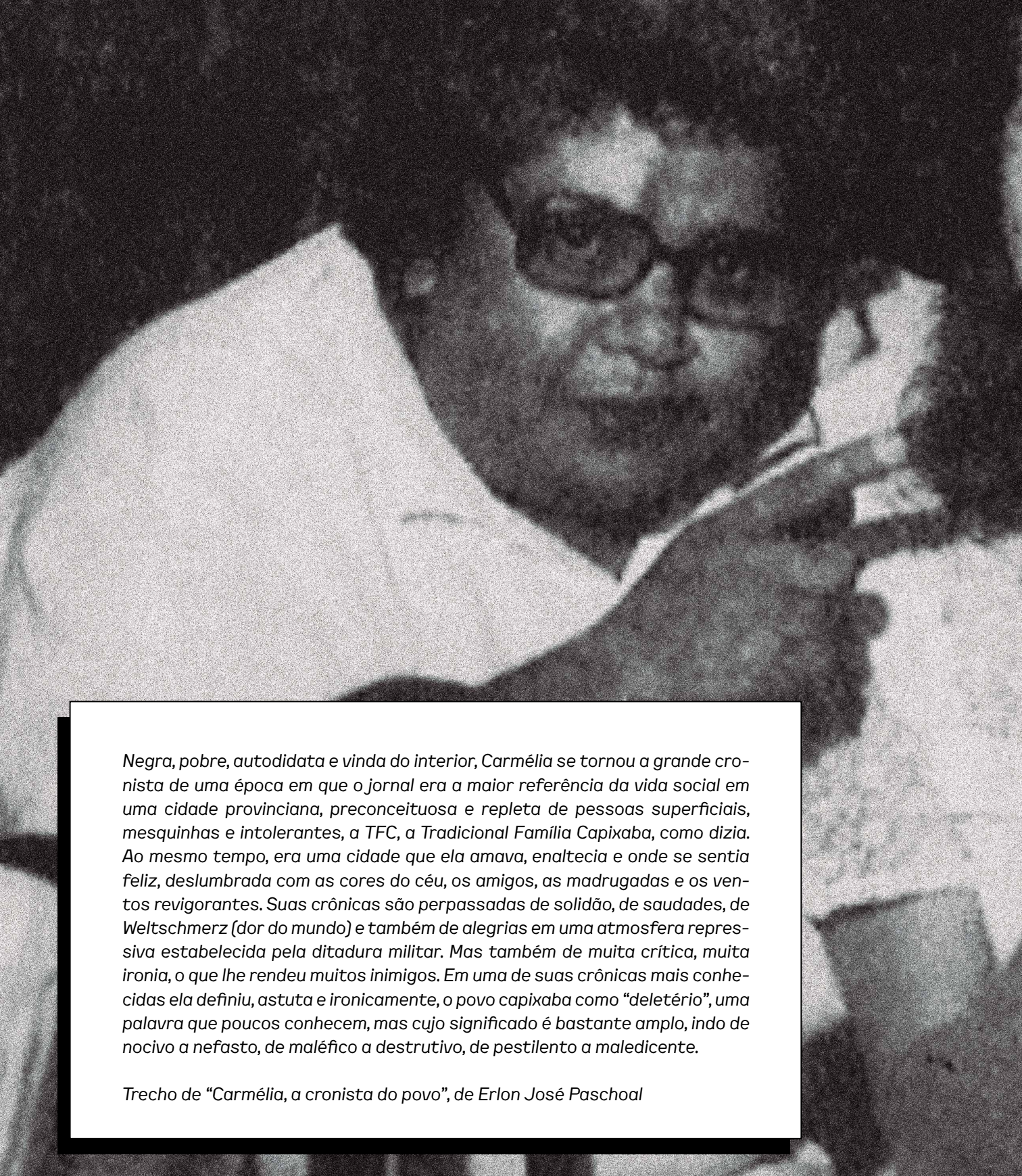
Muitas décadas à frente de seu tempo, a mais importante cronista capixaba nos anos 50 e 60 era dona de uma personalidade singular: tímida, irreverente, simples, complicada, sentimental, gozadora, bruxa, carinhosa e violenta. “De certa forma, sempre tive orgulho de mim – destes meus 84 quilos de sinceridade, de erros, de sonhos e de poesia”, disse.

Carmélia amava as rosas, as estrelas, os passarinhos, o vento, a Rua Duque de Caxias, o pôr-do-sol e as madrugadas que a levava com os amigos para jantar no Mar e Terra. Vestia-se com surradas calças compridas masculinas, fumava, bebia e falava palavrão, deixando de cabelo em pé a TFC (Tradicional Família Capixaba, expressão de sua autoria).

Gostava de escrever em casa, isolada e descalça. Não tinha paciência com gente chata e burra. Um pouco triste e atormentada, de vez em quando entrava numa “fossa desgraçada”. E sobre isso revelou: “Há momentos em que sou obrigada a colar a cabeça no travesseiro e alguma vez, de noite também, chorar baixinho”.

Dora Dalmasio - Reportagem para o Jornal Metropolitano, agosto de 2002.

Agradecimentos especiais a Vitor Lorenção pela partilha generosa.



Negra, pobre, autodidata e vinda do interior, Carmélia se tornou a grande cronista de uma época em que o jornal era a maior referência da vida social em uma cidade provinciana, preconceituosa e repleta de pessoas superficiais, mesquinhas e intolerantes, a TFC, a Tradicional Família Capixaba, como dizia. Ao mesmo tempo, era uma cidade que ela amava, enaltecia e onde se sentia feliz, deslumbrada com as cores do céu, os amigos, as madrugadas e os ventos revigorantes. Suas crônicas são perpassadas de solidão, de saudades, de Weltschmerz (dor do mundo) e também de alegrias em uma atmosfera repressiva estabelecida pela ditadura militar. Mas também de muita crítica, muita ironia, o que lhe rendeu muitos inimigos. Em uma de suas crônicas mais conhecidas ela definiu, astuta e ironicamente, o povo capixaba como “deletério”, uma palavra que poucos conhecem, mas cujo significado é bastante amplo, indo de nocivo a nefasto, de maléfico a destrutivo, de pestilento a maledicente.

Trecho de “Carmélia, a cronista do povo”, de Erlon José Paschoal

POR QUE CARMÉLIA?

Uma edição histórica em um lugar icônico para a cultura do Espírito Santo

De um lado, um Movimento Cidade com o desejo de ocupar com respeito, lançar um olhar com admiração, reativar histórias, celebrar memórias.

Do outro, um complexo vibrante com ambientes como teatro, cinema, galeria de arte e biblioteca. Completo.

O Centro Cultural Carmélia Maria de Souza foi criado no início da década dos anos de 1980. Localizado nos arredores do Centro de Vitória e do Sambão do Povo, no bairro de Caratoíra, consolidou-se como um dos pontos culturais mais importantes do Estado durante os anos de 1980 e 1990.

Seu nome é uma homenagem a Carmélia Maria de Souza, lembrada como uma das autoras mais importantes da literatura do Espírito Santo. Carmélia foi uma mulher negra, artista autodidata, de origem interiorana, que além de cronista, foi também jornalista.

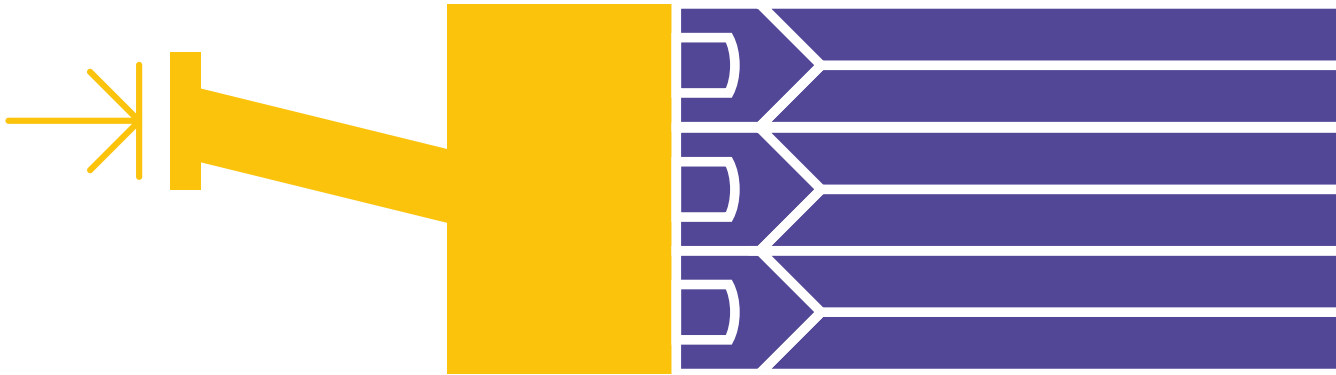
Ocupar e exaltar: o ponto de encontro do Movimento Cidade com seu público, depois de duas edições virtuais, não poderia ser menos icônico. Percorrer todos os espaços do complexo Carmélia, é manifesto potente, é desejo realizado.



CARMELIA



centro cultural
M. DE SOUZA



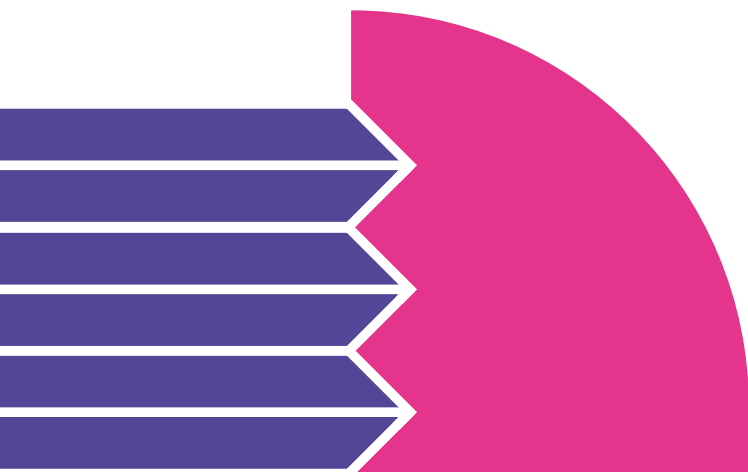
MANIFESTAR

A cidade é performance. A cidade é um misto de concreto e gente. Nosso “seja bem-vindo” é um protótipo da cidade que gostaríamos de construir - e reconstruir. Neste espaço, projetamos nosso manifesto. É a apresentação da mistura de arte, máquinas, futurismo e pessoas.

CIRCULAR

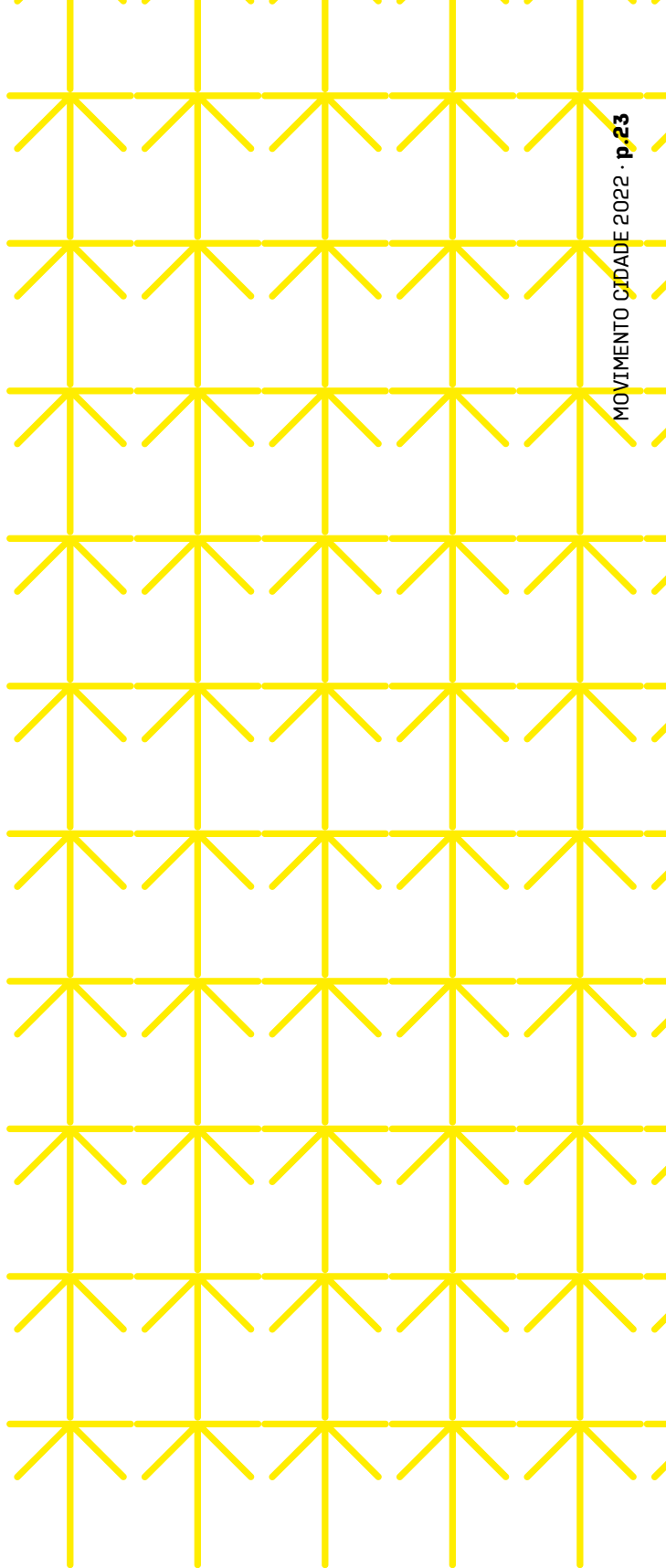
Área para circular, descansar, encontrar alguém para um café, pedalar. É o lugar certo para conhecer novos produtos de empreendedores sociais que buscam desenvolver métodos mais sustentáveis de produção. É a mentalidade de consumo que o MC quer fazer circular.

Circulando mais adiante, mais sustentabilidade: projeção de cinema gerada por energia limpa de bicicletas, laboratório de reaproveitamento de plástico com o Cidade Quintal, exposição e circulação de ideias em bate-papos.



VOAR

Sair do chão, abrir os braços à céu aberto, respirar, cantar e curtir, experienciar um quintal para imaginar e experienciar o corpo e o espaço. É o lugar para curtir e conhecer atrações musicais nacionais e locais que encerram as nossas noites de Mostra de Cinema, da melhor forma possível: exaltando a conexão da música com o audiovisual, entre projeções e sons. O convite é de se inspirar, e viajar.



PROGRAMAÇÃO GERAL

Dia 1 | 19 de agosto

Ocupar

>> ZONA CIRCULAR

- 13h-17h - MC.Lab: Oficina de Videoclipe “Som na Tela”
- 14h-22h - Exposição Vilarjeo 4.7 de Vitor Lorenção e Glauber Vianna
- 14h-22h - Mostra Audiovisual Cidade Pedal
- 14h-22h - Mercado Carmélia
- 14h-20h - Espaço Café e Oportunidade com Realcafé
- 14h-15h30 - Bate-papo “Geração Reels do Futuro”
- 15h-19h - Residência “A Fantástica Carpintaria” com Cidade Quintal
- 16h-17h30 - Bate-papo “MC.Mulheres”
- 18h - Abertura Oficial da Mostra Cidade Pedal e Mostra Audiovisual Movimento Cidade
- 18h30-18h45 - Filme de Abertura “A Gente foi Feliz Aqui”, de Paulo Accioly e Renata Baracho
- 18h45-20h - Mostra Audiovisual

Movimento Cidade

>> ZONA VOAR

- 15 -19h - Intervenção Artística “Sopa das Minas” por Cidade Quintal e Mulheres Urbanas
- 20h-21h - Batalha de Vogue apresentada pela Casa de Boneketys
- 21h-01h - Tiaguim [Dj Residente Voar]
- 21h15 - Show musical com Budah (ES)
- 22h30 - Show musical Bixarte (PB)
- 23h30 - Prêmio MC.Música com apresentações musicais de Nego2m, Lou Fonseca e Kayonavoz
- 00h00 - Show musical com Majur (BA)

>> ZONA MANIFESTAR

- 14h-18h - Asiat [Dj Residente Manifestar]
- 18h-20h - Mostra Audiovisual Arte
- 20h-01h - Pabluxu [Dj Residente Manifestar]
- 01h-02h - Dj Sista Ilú com performance da Casa de Boneketys

Dia 2 | 20 de agosto

Projetar

>> ZONA CIRCULAR

- 14h-22h - Exposição Vilarjeo 4.7 de Vitor Lorenção e Glauber Vianna
- 14h-22h - Mostra Audiovisual Cidade Pedal
- 14h-22h - Mercado Carmélia
- 14h-22h - Espaço Café e Oportunidade com Realcafé
- 15h-19h - Residência “A Fantástica Carpintaria” com Cidade Quintal
- 14h-15h30 - Bate-papo “Som na Tela”
- 16h-17h30 - Bate-papo “Arte e Cidade” | Cena Capixaba
- 18h-19h20 - Mostra Audiovisual Movimento Cidade

>> ZONA VOAR

20h-01h - Qmila [Dj Residente Voar]

20h-21h - Batalha de Mcs
apresentada por Mar de Monstros

21h - Show musical de Cesar
MC com participação de Coral
Serenata de D'Favela (ES)

22h - Prêmio MC.Música com apresentações
musicais de Quintella WQ com Cabelera99,
Jovem Savage e Joe Caetano

22h30 - Show musical com Emicida (SP)

00h - Show musical com FBC & Vhoor (MG)

>> ZONA MANIFESTAR

14h-18h - Asiat [Dj Residente Manifestar]

18h-20h - Mostra Audiovisual Arte

20h-21h - Carol Vargas (Discotopia) com
performance da Casa de Boneketys

01-02h - Dj Úrsula Pussynail com
performance da Casa de Boneketys

Dia 3 | 21 de agosto

Erguer

>> ZONA CIRCULAR

14h-15h30 - Bate-papo "Nosso movimento
na cidade" | Mostra Cidade Pedal

14h - 22h - Mostra Audiovisual
"Cidade Pedal"

14h- 22h - Mercado Carmélia

15h-19h - Residência "A Fantástica
Carpintaria" com Cidade Quintal

16h - Bate-papo "A Cidade que nos
Habita" | Mostra Movimento Cidade

17h30-18h - Premiação Mostra
Audiovisual "Cidade Pedal"

18h-19h35 - Mostra Audiovisual
"Movimento Cidade"

20h - Mostra Resultado Oficina "Videoarte"

20h15 - Premiação Oficial dos Filmes
Mostra Movimento Cidade

>> ZONA VOAR

20h - Batalha de Danças Urbanas Open
Style apresentada por Arte da Rua

20h-01h - Tiaguim [Dj Residente Voar]

21h-22h - Show musical com
Alinne Garruth (ES)

22h-22h30 - Prêmio MC.Música
com apresentações musicais de
Th Mc, Cristal Korres e TheFox

22h30-23h30 - Show musical
com Totô de Babalong (BA)

23h30 - 00h30 - Show musical
com Rachel Reis (BA)

>> ZONA MANIFESTAR

14h-18h - Asiat [Dj Residente Manifestar]

18h-20h - Mostra Audiovisual Arte

20h-21h - Dj Karolla com performance
da Casa de Boneketys

21-00h30 - Pabluxu [Dj
Residente Manifestar]

00h30-01h30 - Apresentação Deekapz
com performance da Casa de Boneketys

EXPOSIÇÃO

VILAREJO 4.7

Instalação artística

19, 20 e 21 de agosto | sex, sáb e dom | Centro Cultural Carmélia | 14 - 22h | Gratuito

Por Glauber Vianna e Vitor Lorenção

VILAREJO 4.7 é uma instalação artística que se constrói através do movimento. Decisões coletivas e individuais sobrepostas em inúmeras camadas, criam ao longo do tempo a ideia de um espaço que se ressignifica constantemente.

Uma experiência onde a ação se dá nos nossos sentidos criando um ambiente sensorial e coletivo, onde a presença do indivíduo dentro do espaço é também construtora narrativa desse emaranhado chamado “cidade”.

Uma relação entre corpos no espaço, que se manifesta sob a ordem da música e da luz em busca de um novo horizonte.

GLAUBER VIANNA

Artista multidisciplinar, Glauber Vianna desenvolve sua estética a partir de uma perspectiva transversal, explorando materiais visuais, sonoros e formas. Esses elementos dialogam no espaço cênico e assumem a forma de uma experiência audiovisual / sensorial.

Em sua trajetória, Glauber criou e participou de projetos como a videoinstalação OCA RED: The Nature of Living Together na Bienal de Veneza (2021); a instalação artística CUBE – Escultura Digital Urbana durante a residência artística do Festival Conexidade/RJ (2018); a obra FLOOD na exposição O algoritmo como lugar de especulação poética no Parque Lage/RJ (2017) e a obra ORFEU na exposição coletiva Maria de Todos Nós no Paço Imperial/RJ, em homenagem aos 50 anos de carreira da Maria Bethânia (2015). Glauber também participou como artista visual da instalação imersiva A JANELA PARA O IMAGINÁRIO no Sesc Quitandinha (2017); NÓS do Festival Multiplicidade (2014) e VINICIUS DE MORAES – MEU TEMPO É QUANDO? (2014).

Além disso, também participou da criação dos visuais dos espetáculos de Maria Bethânia, Gilberto Gil, Tribalistas, Los Hermanos, Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho. E como coordenador de pós-produção para as projeções de abertura e encerramento de JOGOS PARALÍMPICOS no Rio de Janeiro.

VITOR LORENÇÃO

Graduado em Design pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2009, passou por instituições como a Belas Artes-SP, IATEC-RJ chegando até a Universidade de Artes de Londres em 2011. Trabalha com artes visuais desde 2003, tendo a luz como elemento chave de sua pesquisa. Seja na arquitetura, teatro, exposições, audiovisual ou intervenções urbanas, o trabalho com iluminação sempre esteve em foco na sua produção.

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

SOPA DAS MINAS

Intervenção artística

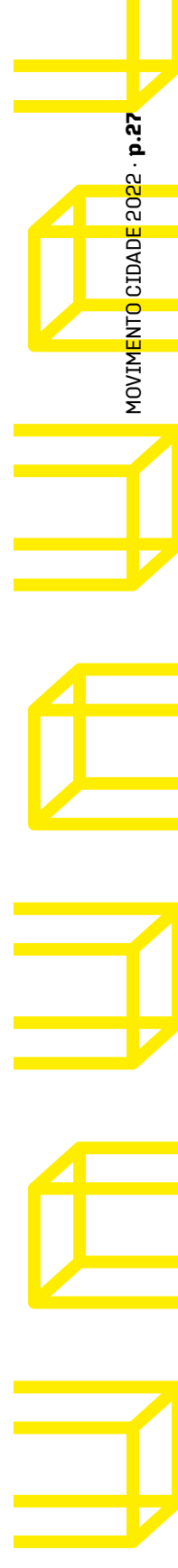
Por Cidade Quintal e Mulheres Urbanas

18, 19 e 21 de agosto | Centro Cultural Carmélia | Zona Voar

Nessa parceria entre a Cidade Quintal e o movimento Mulheres Urbanas, dez artistas escritoras urbanas são convidadas a realizar uma intervenção ao vivo no Palco Rua, inspirada no evento Sopa de Letras. Além de fortalecer a cena feminina na arte urbana, a ação de pintura está pensada a partir da ideia de uma cenografia sustentável e circular, que será construída e montada no primeiro dia do evento, e no final será desmontada e destinada à venda, a preço camarada.

CIDADE QUINTAL

Laboratório de práticas urbanas que fortalece comunidades a partir da arte, do urbanismo e do design participativo.



CAMZ ARTZ

Camz é graffiteira, ilustradora e agitadora cultural. Contribui em corres como o Mulheres Urbanas e SLES (Sopa de Letras ES), coletivos dentro do graffiti ES que buscam promover ações de interação e crescimento artístico entre os companheiros e novatos da cena.

18 e 19 de agosto | 14h30 - 19h | Centro Cultural Carmélia | Pintura das letras

21 de agosto | A partir das 16h | Ação de vendas “RE-latão”



mc^o LAB



SOM NA TELA ▶

**15 a 19 de agosto | Segunda a sexta-feira |
13 às 17hs | Alunos selecionados | Sala TVE**

Aprendendo na prática com Guilherme Brehm

A imersão será focada no processo de produção de um videoclipe musical, do briefing inicial até a entrega final do conteúdo artístico. A ideia é capacitar os alunos para prosperarem na economia criativa, mesmo com poucos recursos, e ainda ampliar os conhecimentos do mercado atual.

Programação

DIA 1

Aula Inaugural “Narrativa Cinematográfica do Rap” com Guilherme Brehm e Cesar MC

Como abertura da oficina, será realizada uma palestra inaugural com duração de 1h, que contará com a participação do rapper Cesar MC e o mentor do curso Guilherme Brehm.

Juntos, eles irão discutir o processo de criação e execução de uma obra audiovisual. A dupla já realizou colaborativamente vários clipes para as canções de Cesar e com a direção do Guilherme, como em “Canção Infantil” ou “Dai à Cesar o que é de Cesar”, como alguns deles.

1. Introdução
 - 1.1. Apresentação do diretor
 - 1.2. Influências
 - 1.3. Escopo do curso
2. Conceituação
 - 2.1. Primeiro contato com a música
 - 2.2. Como criar um roteiro
 - 2.3. Criando um tratamento visual

DIA 2

- 3. Preparação técnica
- 3.1. Direção de fotografia
- 3.2. Direção de arte
- 3.3. Elenco e locação

17 - 19h | Palestra SEBRAE “Como se tornar um MEI”, com Reynaldo Luiz Fassarella.

REYNALDO LUIZ FASSARELLA

Mestrado em Administração, com foco em Finanças pela FUCAPE, Pós-graduação em Gestão Estratégica de Finanças Empresariais e Mercado Futuro pela UVV e Qualidade Total em Administração e Serviços pela FAESA. Graduação em Administração e Direito.

Nesta palestra, o participante se sensibiliza quanto aos benefícios de ser Microempreendedor Individual (MEI) e compreende o MEI como um mecanismo de formalização e fomento ao empreendedorismo.

DIA 3

- 4. Produção
- 4.1. Gestão e organização da equipe
- 4.2. Orçamento
- 4.3. Ponto de atenção nos sets de filmagem
- 5. Resumo dos 3 dias

DIA 4

- 6. Gravação do projeto

DIA 5

- 7. Finalização do clipe
- 7.1. Conceitos de edição
- 7.2. Conceitos de coloração
- 8. Considerações finais

Mentores

HANNA BATISTA é amazonense formada em fotografia, seu primeiro trabalho como diretora de cena foi o videoclipe independente da artista Bia Ferreira com a música tema “Boto Fé”. O videoclipe concorreu no Music Video Festival (MVF) na categoria “Melhor videoclipe” envolvendo diversidade e inclusão em uma parceria com a marca de tênis Converse. Em 2021 ganhou um Leão de bronze na categoria Entertainment Lion, com o clipe “Qual teu sonho” da artista Yzalú em uma ação do dia das mulheres da Hershey’s, foi sua primeira participação no Cannes Lions Festival of Creativity, o mais importante da indústria da propaganda.

Seu trabalho busca inspirações no afrofuturismo, cultura street e pop, universo geek, cinema e na identidade brasileira, usando sua vivência que cruza o país e suas principais matrizes, sendo as raízes étnicas indígena e a afrobrasileira, explorando esses universos de forma responsável para que haja identificação sem estereótipos, ampliando referências desses povos que também compõem nosso Brasil.

GUILHERME BREHM já trabalhou com mais de 130 artistas em vídeos, entre eles Duda Beat, Luísa Sonza, Kevinho, Emicida, Djonça, Filipe Ret, Cesar e Xamã. Nesses 5 anos como diretor, acumulou + de 2 bilhões de views e criou diversos projetos que são referência no mercado do rap. O grande legado de Guilherme se fez no Hip-hop, um gênero dinâmico, politizado e, até a época, sem grandes investimentos, Guilherme dedicou o início da carreira em criar projetos com baixo valor mas com resultados relevantes a nível nacional. Junto a ele, outros grandes profissionais se formaram como produtores culturais, de moda, de arte, roteiristas, operadores de câmeras e toda uma cadeia ramificada a partir da produção independente de vídeos.

DIEGO CAVALEIRO ANDANTE é pai, Poeta, Professor de Poesia e Produtor Cultural. Em 2015 se tornou Cavaleiro Andante e passou a percorrer o Brasil oferecendo oficinas de escrita criativa, fotografia, graffiti stencil e ativismo em escolas, faculdades, instituições sociais, comunidades e centros de reclusão. Graduando da vida, já estudou Comércio Exterior, Gestão Empresarial, História, Serviço Social e Fotografia. Se especializou em Empreendedorismo Social pelo Programa Iniciativa Jovem da Faculdade Anhembi Morumbi em parceria com a Laureate Foundation e International Youth Foundation. Atualmente é mestrando das periferias e quebradas, com a linha de pesquisa “Rexistência: Porque resistir é existir”. Em 2017 lançou o seu primeiro CD intitulado #ISSOAQUINÃOÉRAP e publicou os seguintes livros independentes: Ensaio Poético Sobre a Teoria das Coisas (2018); Palivrar (ebook, 2020) e o Homem Que Quase Fez (2021).

A FANTÁSTICA CARPINTARIA

Residência em reciclagem do plástico

Com Cidade Quintal

**15 a 19 de agosto | seg a sex | 14h - 18h | Centro Cultural Carmélia |
Gratuito | Privado para alunos selecionados**

Ao longo de 5 dias iremos transformar uma das salas do Carmélia na Fantástica Carpintaria, um lab de inovação - criado pelo Cidade Quintal - mão-na-massa que irá processar parte do plástico pós-consumo do festival. Será um espaço de residência coletiva composto por criativos das áreas de artes, design, arquitetura, engenharia, economia e oceanografia que também será aberto ao público, com o propósito de imaginarmos sistemas circulares de regeneração que tenham a cooperação e o meio ambiente com centro.

Teremos maquinários, ferramentas e muito plástico que será transformado em objetos e mobiliário ao longo do festival.

Programação

17/08, 15h às 19h > Início da residência

18/08, 15h às 19h > prática coletiva

19/08, 15h às 19h > prática coletiva + oficina aberta ao público

20/08, 15h às 19h > prática coletiva + intervenções no espaço

21/08, 15h às 19h > prática coletiva + intervenções

no espaço + bate-papo fechamento

Encontros que propõem o diálogo em temas transversais ao Movimento Cidade. Formando a roda de conversa, estão representantes de projetos, empresas, e sociedade civil interessados na partilha de pontos de vista, e na contribuição crítica sobre a vida na cidade.

Bate-papo Geração Reels do Futuro

19 de agosto | sex | 14h - 15h30 | Centro Cultural Carmélia | Gratuito | Auditório Principal | Gratuito

Com Suellen Castello, Marcelo Rocha, Mikaelle Farias, Paloma Costa, Renata Padilha e Txai Suruí

O que te inspira a pensar no futuro?

O que nos inspira a pensar no futuro? O que nos inspira a promover mudanças positivas no mundo do futuro em alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a partir da nossa realidade, da expressão de nossa arte, de nosso engajamento e criatividade? Cinco jovens brasileiros, representando as cinco regiões do Brasil, irão dividir parte da sua trajetória de luta e ativismo, convidando todos a fazerem parte desse movimento global em prol de cidades, países e um mundo mais justo, solidário e melhor.

SUELLEN CASTELLO

Bióloga, Mestre em Ecologia de Ecossistemas. Gestora de projetos, é especialista na responsabilidade socioambiental, com mais de oito anos de experiência no terceiro setor. Desenvolve projetos socioambientais que unem comunidade, setor privado e governo. Atualmente se debruça na elaboração de recursos didáticos, além de planejamento, desenvolvimento e execução de ações de conscientização e sensibilização cidadã.

MARCELO ROCHA

Nascido em Mauá, região metropolitana de São Paulo. Diretor Executivo do Instituto AYIKA. Conselheiro do Greenpeace Brasil. Colunista no "Um só planeta" e na Mídia NINJA. É fotógrafo, ativista em educação,

negritude e mudanças climáticas no Fridays For Future Brasil e FFF MAPA (Most Affected Peoples and Areas). Foi uma das vozes brasileiras destaque nas COPs 25 e 26, indicado junto a MIPAD/ONU como um dos 100 negros mais influentes da década.

MIKAELLE FARIAS

Estudante de engenharia de energias renováveis, ativista do movimento internacional Fridays For Future, uma das autoras do manifesto do Climaty Reality, reivindicando educação climática nas instituições de ensino brasileiro e da carta direcionada ao presidente dos Estados Unidos Joe Biden, dias antes da Cúpula do Clima.

PALOMA COSTA

Jovem ativista do Clima de Brasília, bacharel em Direito e graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. É pesquisadora na Clínica Jurídica de Direitos Humanos da UnB - Gabinete Jurídico para a Diversidade Étnica e Cultural (JUSDIV), assessora jurídica e pesquisadora no Instituto Sociambiental. De 2018-2020, ela coordenou o Grupo de Trabalho do Clima na organização liderada por jovens Engajamundo e as delegações da juventude brasileira na COP24, COP25, UN LAC Climate-Week e #AmazonCenteroftheWorld.

RENATA PADILHA

Formada em Relações Internacionais UFPEL, ativista socioambiental em Eco Pelo Clima - Fridays For Future Brasil, promotora das agendas internacionais Agenda 2030 e Acordo de Paris. Também atua no combate aos combustíveis fósseis e promoção de uma transição energética justa em todos os lugares.

TXAI SURUÍ

Ativista do Povo Paiter Suruí; Coordenadora do Movimento Juventude Indígena de RO; Coordenadora Geral na Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé; Conselheira Suplente no Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de Rondônia; Voluntária no Engajamundo; Acadêmica de Direito; Conselheira no WWF Brasil. Conselheira do Pacto Global da ONU. Colunista na Folha de São Paulo.

Bate-papo *Cidade é substantivo feminino*

19 de agosto | 16h - 17h30 | Centro Cultural Carmélia | Auditório Principal | Gratuito |

Da programação do MC.Mulheres, com Isabella Baltazar, Bianca Manicongo (Bixarte), Cronista do Morro e Ester Carro.

Se compreendermos que cidades são pessoas, compreendemos que, assim como a sociedade brasileira, as cidades têm nas mulheres seu esteio - sobretudo as mulheres negras. A filósofa e ativista Angela Davis sustenta: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. O argumento da autora endossa nosso chamamento de se refletir o construir uma cidade a partir de uma perspectiva de gênero, tendo a mulher como o centro das dinâmicas da vida urbana. Se há impacto na vida da mulher, há impacto na vida da cidade. Temáticas como agência, corpo e negritude mostram-se incontornáveis para se pensar e viver cidades seguras, acessíveis, justas e que oportunizem às mulheres. O bate-papo é mais uma proposta da programação do MC.Mulheres, projeto que nasce com o intuito de fortalecer a economia criativa e impulsionar a carreira de mulheres artistas da música e do audiovisual brasileiro.

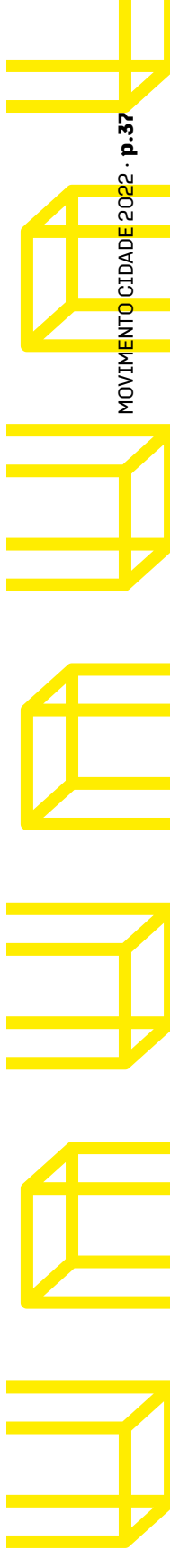
ISABELLA BALTAZAR

Escritora e doutora em Literatura pela Ufes. Jornalista por formação, possui pesquisas nas áreas do Jornalismo Literário. Atualmente estuda as teorias pós-colonial e decolonial na crítica literária. Tem envolvimento com a produção cultural e audiovisual no Espírito Santo.

BIANCA MANICONGO [BIXARTE]

Ela é bicampeã do slam estadual da Paraíba, indicada ao prêmio sim são paulo e como artista revelação no Women Music Event em 2021. Bixarte é a primeira mulher trans ganhadora do festival de música da Paraíba em 2020.

Reconhecida pelo que canta e recita sobre o que vive e também sobre suas dores, anseios e paixões embalados nos ritmos do rap, funk e etnopop. Atualmente a cantora se prepara para lançar seu primeiro álbum de estúdio patrocinado pela Natura Musical.



CRONISTA DO MORRO

Cronista do Morro, é uma das promessas da cena hip hop. Mulher preta, periférica, lésbica traz em seus versos fortes e impactantes, a luta pela liberdade e pela sobrevivência. Diretamente da Liberdade, em Salvador, já pôde participar do trio do Afropunk e do Palco Origens, no carnaval da Bahia, e subiu ao palco do Afropunk Bahia a convite do duo paulista Deekapz.

ESTER CARRO

Arquiteta, urbanista social e mestre em planejamento urbano, pesquisadora no Núcleo de Mulheres e Território do Laboratório de Cidades (Arq. Futuro e Insper). Desde 2017 é presidente do Fazendinho, Instituto de transformação territorial, cultural e social. Em 2019 foi uma das selecionadas para participar da XII Bienal Internacional de Arquitetura, em 2021 finalista no Prêmio Empreendedor Social pela Folha e vencedora da Premiação IAB-SP na categoria, urbanismo, planejamento e cidade. Realiza a gestão de projetos sociais em territórios vulneráveis, buscando o desenvolvimento da sociedade por meio da educação e do empreendedorismo social, empoderamento feminino e a transformação de espaços físicos, desde moradias a áreas urbanas.

Bate-papo Arte e Cidade

20 de agosto | sab | 16h - 17h30 | Centro Cultural Carmélia | Auditório Principal | Gratuito

Com Gabriela Gaia, Jhon Conceito, Larissa Barbosa, Luciene Chagas e Thiara Pagani

Curadoria por Angela Gomes

ANGELA GOMES

Arquiteta Urbanista, Mestre em Artes, Doutora em Geografia, Produtora Cultural e sócia-Diretora do DAUS projetos.

SINOPSE

Quais são as palavras que movem as pessoas, ações, narrativas e as paixões nas manifestações artísticas urbanas - arte urbana? Como

acontecem as práticas e vínculos com ações coletivas e a diversidade?

Como se estabelece a relação corpo - cidade, as presenças e as ausências?

Com que olhares, recortes e imaginações desenha-se o futuro?

Quem faz outras cidades?

GABRIELA GAIA [MEDIAÇÃO]

Arquiteta e Urbanista, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, atualmente realizando pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFES, em Vitória - ES. Desenvolve pesquisas sobre história, memória e narrativas sobre as cidades e arquitetura. É conselheira da Casa Sueli Carneiro e integrante e co-fundadora da coletiva Terra Preta Cidade.

JHON CONCEITO

Capixaba canela verde, amante e defensor da arte poética. Onde quer que vá, sua potente ferramenta são as palavras. Como ele mesmo intitula: “palavras facas que cortam seu alívio”, ou seja, com versos diretos movimenta o seu público e ouvinte à reflexão sobre os problemas sociais de classe e raça. Ainda neste ano, Jhon lança o livro “Empreendedorismo de Quebrada - Um ensaio sobre a pobreza”.

LARISSA BARBOSA

Desenvolvedora web e professora de desenvolvimento web para mulheres. Fundadora do FeminisTec e sócia-fundadora do Tec Perifa. Defende a importância de pensarmos em uma tecnologia feminista, antirracista e latinoamericana.

LUCIENE CHAGAS

Luciene Pratti Chagas, pedagoga, estudante de artes. Professora da EMEF Mauro Braga em Vitória. Há 12 anos vive o Coral Serenata D´Favela, hoje Instituto Serenata D´Favela com seus 205 integrantes. Meninos e meninas de favelas da capital. O Projeto que é *de quem vier*, e busca absolutamente por Justiça Social. Música que é catarse e calma para quem vive aqui no alto. Conhecimento que gera trabalho e dignidade. Olhe para o alto, só nós sabemos o que vivemos e sentimos.

Acreditar que toda conquista só acontece se “você” quiser. Ter certeza que o Bem “Salva”.

THIARA PAGANI

Thiara Pagani é professora de artes na rede pública, co-fundadora da Confraria de Teatro, grupo formado por mulheres que pesquisa dramaturgia do espaço e novos espaços de encenação, é artista visual pela Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisa e desenvolve trabalhos que abordam gênero, raça e cidade.

Bate-papo *Som na Tela*

20 de agosto | sáb. | 14h - 15h30 | Centro Cultural Carmélia | Auditório Principal | Gratuito

Com Diego Cavaleiro Andante, Guilherme Brehm, Hanna Batista

Narrativa e Poética em Videoclipes: Dia a dia, conexões e desafios de linguagem e produção

O videoclipe tem o papel de traduzir imgeticamente uma canção. Essa linguagem audiovisual tem se consolidado cada vez mais no mercado global da música, e o gênero do Hip Hop tem acompanhado essa tendência artística. Ao longo dos últimos anos, os cliques extrapolaram a missão de ser apenas um registro visual de um artista ou banda cantando uma música, e estão ganhando mais contornos de curtas-metragens complexos, com influências diretas do cinema.

HANNA BATISTA

É amazonense formada em fotografia, seu primeiro trabalho como diretora de cena foi o videoclipe independente da artista Bia Ferreira com a música tema “Boto Fé”. O videoclipe concorreu no Music Video Festival (MVF) na categoria “Melhor videoclipe” envolvendo diversidade e inclusão em uma parceria com a marca de tênis Converse. Em 2021 ganhou um Leão de bronze na categoria Entertainment Lion, com o clipe “Qual teu sonho” da artista Yzalú em uma ação do dia das mulheres da Hershey’s, foi sua primeira participação no Cannes Lions Festival of Creativity, o mais importante da indústria da propaganda.

Seu trabalho busca inspirações no afrofuturismo, cultura street e pop, universo geek, cinema e na identidade brasileira, usando sua vivência que cruza o país e suas principais matrizes, sendo as raízes étnicas in-

dígena e a afrobrasileira, explorando esses universos de forma responsável para que haja identificação sem estereótipos, ampliando referências desses povos que também compõem nosso Brasil.

GUILHERME BREHM

Já trabalhou com mais de 130 artistas em videoclipes, entre eles Duda Beat, Luísa Sonza, Kevinho, Emicida, Djonga, Filipe Ret, Cesar e Xamã. Nesses 5 anos como diretor, acumulou + de 2 bilhões de views e criou diversos projetos que são referência no mercado do rap. O grande legado de Guilherme se fez no Hip-hop, um gênero dinâmico, politizado e, até a época, sem grandes investimentos, Guilherme dedicou o início da carreira em criar projetos com baixo valor mas com resultados relevantes a nível nacional. Junto a ele, outros grandes profissionais se formaram como produtores culturais, de moda, de arte, roteiristas, operadores de câmeras e toda uma cadeia ramificada a partir da produção independente de videoclipes.

DIEGO CAVALEIRO ANDANTE

É pai, Poeta, Professor de Poesia e Produtor Cultural. Em 2015 se tornou Cavaleiro Andante e passou a percorrer o Brasil oferecendo oficinas de escrita criativa, fotografia, graffiti stencil e ativismo em escolas, faculdades, instituições sociais, comunidades e centros de reclusão. Graduando da vida, já estudou Comércio Exterior, Gestão Empresarial, História, Serviço Social e Fotografia. Se especializou em Empreendedorismo Social pelo Programa Iniciativa Jovem da Faculdade Anhembí Morumbi em parceria com a Laureate Foundation e International Youth Foundation. Atualmente é mestrando das periferias e quebradas, com a linha de pesquisa “Rexistência: Porque resistir é existir”. Em 2017 lançou o seu primeiro CD intitulado #ISSOAQUINÃOÉRAP e publicou os seguintes livros independentes: Ensaio Poético Sobre a Teoria das Coisas (2018); Palivrar (ebook, 2020) e o Homem Que Quase Fez (2021).

Bate-papo *Nosso movimento na cidade*

21 de agosto | sáb. | 14h - 15h30 | Centro Cultural Carmélia | Auditório Principal | Gratuito

Com cineastas selecionados da Mostra Cidade Pedal: Begê Muniz, Maria Mourão, Laís Guimarães, Felipe Pamplona e Maria Augusta Vilalba. Mediação por Fernanda Couzemenco.

Bate-papo *A cidade que nos habita*

21 de agosto | sáb. | 16h - 17h30 | Centro Cultural Carmélia | Auditório Principal | Gratuito

Com cineastas selecionados da Mostra Movimento Cidade: Júlia da Costa, Julia Leite, Sandro Vilanova, Renata Monte, Jefferson Cabral, Sidjonathas Araújo, Anderson Bardot, Rucka de Lacaia, Matheus Cabral, Dorottya Czakó, Gianluca Cozza.

Curadoria por Suellen Vasconcelos e Ursula Dart

De que forma nos traduzimos, nos contamos, causamos reflexões a partir de nossos corpos? Nesse bate-papo, realizadoras e realizadores das obras audiovisuais da Mostra Movimento Cidade trazem um apanhado de suas reflexões e como seus processos e expressões artísticas contam um pouco da cidade que habita em nós.

MC.PROJETA

*EXIBIÇÃO ONLINE E GRATUITA DOS FILMES DA MOSTRA
MOVIMENTO IDADE, MOSTRA CIDADE PEDAL E MOSTRA ARTE*

EXIBIÇÃO ONLINE: 13 de julho a 13 de agosto

VOTAÇÃO ONLINE: 6 a 13 de agosto

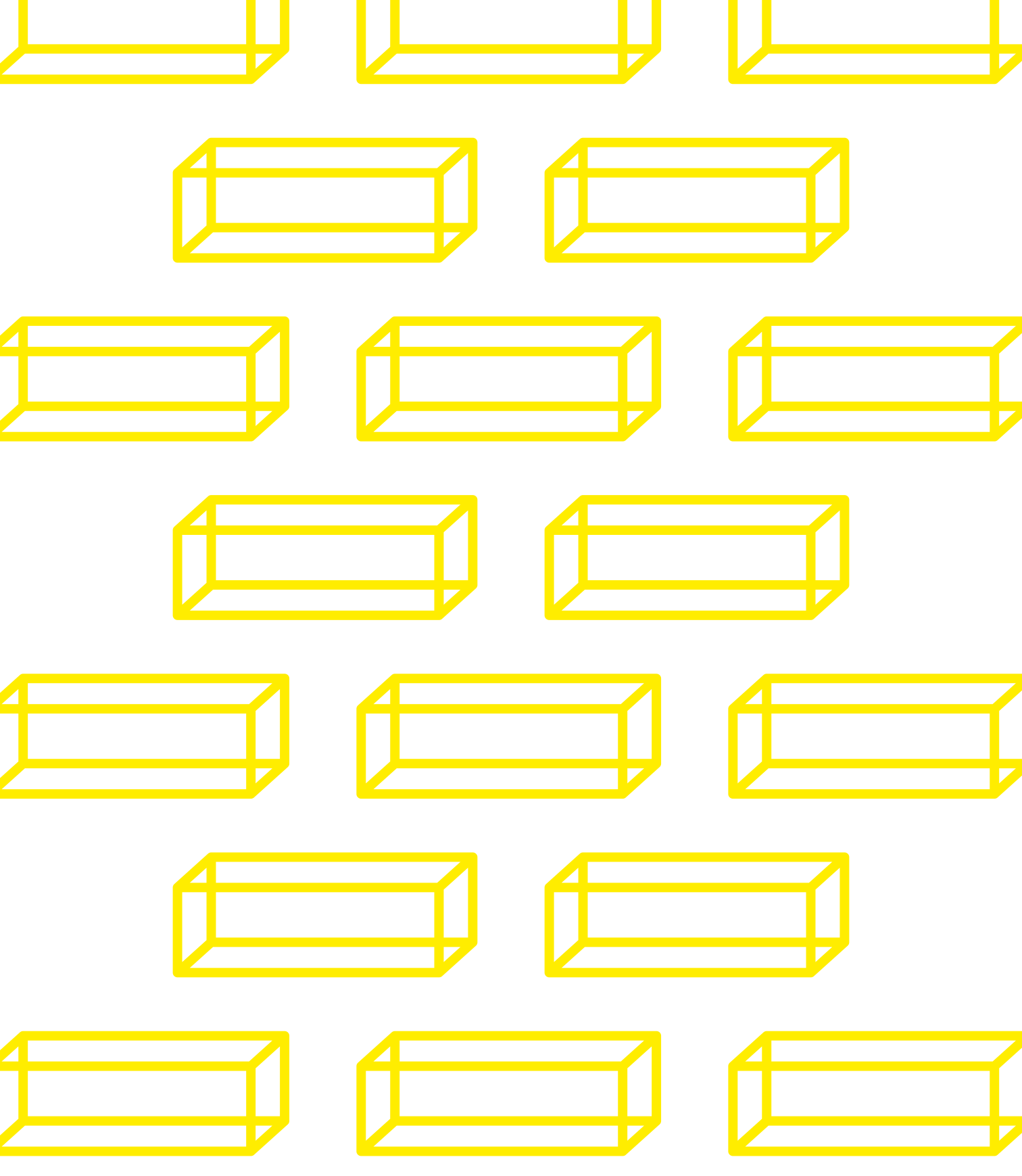
Curadoria audiovisual

SUELLEN VASCONCELOS

Mestre em Educação (UERJ) e Bacharel em Rádio e TV (Faesa). Professora dos cursos de Rádio e TV e Multimídia do CEET Vasco Coutinho. Curadora do Festival de Cinema de Vitória e da Mostra Produção Independente, promovida pela ABD Capixaba. Diretora, assistente de direção, montadora e som direto da Filmes Fritos, produtora independente de Vitória-ES. Atualmente dirige seu primeiro longa-metragem, Toda Noite Estarei Lá, financiado pela Secult-ES.

URSULA DART

Desde 2000, entre cursos de formação, escrita, desenvolvimento e produção de projetos autorais e comerciais, Ursula Dart é Mestre em Comunicação e Territorialidades (UFES), bacharel em Direito e conta com um Máster em Documentário de Criação pela UAB/Espanha. É sócia da Ladart Filmes, produtora independente sediada na ilha de Vitória, e atua como produtora executiva, diretora e diretora de fotografia.





Mostra de Cinema Movimento Cidade

Tradicional mostra que chega em sua 4ª edição. Nesta categoria, os 10 filmes em exibição são focados em reflexões sobre cidades acessíveis, criativas e a relação das pessoas e suas manifestações artísticas e culturais.

ABJETAS 288

De Júlia da Costa e Renata Mourão (SE), 2021, Ficção, 21'11", 14 anos



Em um futuro distópico, Joana e Valenza fazem uma jornada à deriva por uma cidade nordestina.

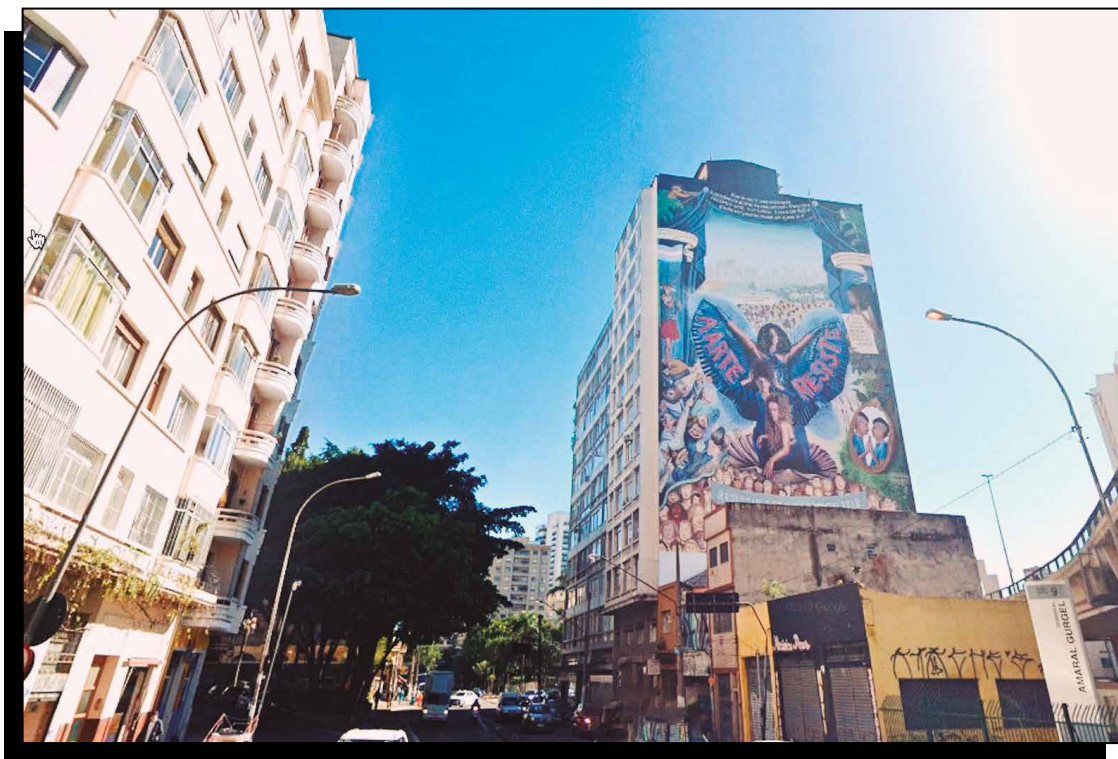
Renata Mourão, paulistana radicada em Aracaju, graduada em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Sergipe. Atuou na produção de diversos curta-metragens universitários, e atualmente seu foco está na roteirização e produção de pequenas obras para experimentações audiovisuais.



Júlia da Costa nasceu em Curitiba (PR), mas reside em Aracaju onde realizou sua graduação em Cinema na Universidade Federal de Sergipe. Hoje se especializa em montagem, mas continua flertando com a criação de roteiros e direção. Gosta de contar histórias.

ACESSO

De Julia Leite (SP), 2021, Documentário, 18', Livre



Lugares suspensos na memória de 5 pessoas LGBTs de São Paulo são revisitados durante a pandemia através do Google Street View.

Julia Leite é diretora, montadora e roteirista, “Ainda não” é seu filme de estréia, premiado como Melhor Curta LGBT Nacional no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo.



Atuou como editora e curadora assistente do Festival do Minuto e é autora do livro de poemas “minúscula” (Editora Patuá, 2018), finalista no Prêmio Mix Literário, promovido pelo Festival Mix Brasil. “Acesso” é seu segundo curta-metragem, contemplado no edital do Sesc Convida.

AIRÃO VELHO, SAYONARA

De Sandro Vilanova (DF), 2020, Documentário Experimental, 25', 12 anos.



Shigeru Nakayama é um imigrante japonês que vive sozinho em Airão Velho, uma cidade em ruínas na floresta amazônica. Após Nakayama reativar uma misteriosa máquina escondida na região, as luzes da cidade abandonada reacendem e, junto delas, antigos fantasmas voltam a perambular pela mata e pelas casas.

Sandro Vilanova nasceu em Manaus. É formado em Cinema e Mídias Digitais pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). É diretor do curta-metragem “Airão Velho, sayonara” (2020), premiado como melhor curta-metragem nos festivais nacionais Semana Paulista do Curta Metragem (2021) e Festival de Cinema Tarrafa (2021). O curta-metragem também foi exibido no 17º Cine Amazônia (2020), no 15º Festival Visões Periféricas e no 2º Floripa Que Horror (2021).



ARREDA HOMEM QUE CHEGOU MULHER

De Renata Monte (CE), 2021, Documentário, 25'41", 14 anos.



Telma, Elisa e Cristina. Três mulheres, umbandistas, mães de santo, donas de si e de seus terreiros. Histórias que atravessam as encruzilhadas da vida e subvertem o patriarcado religioso, sob a pedagogia das senhoras Pombagiras: a desobediência em nome da liberdade. Terreiros governados por mulheres são escolas de emancipação.



Jornalista, produtora cultural e realizadora audiovisual, Renata é diretora da Peixe-Mulher, produtora que atua na área da cultura com foco em protagonismo de mulheres e LGBTQIA+. Trabalha com teatro, música, humor, documentários, publicidade, festivais e carnavais. No audiovisual, dirige as séries “Olho d’Água”, “Ponto Cantado”, os documentários “E tu, tens medo de mim” e “Arreda Homem que Chegou Mulher” e clipes de artistas, como Baiana System, Mestrinho e Bráulio Bessa.

Com Legenda Descritiva | ODS 5 - Igualdade de Gênero

CIDADE SEMPRE NOVA

De Jefferson Cabral (RN), 2021, Experimental, 24', 16 anos



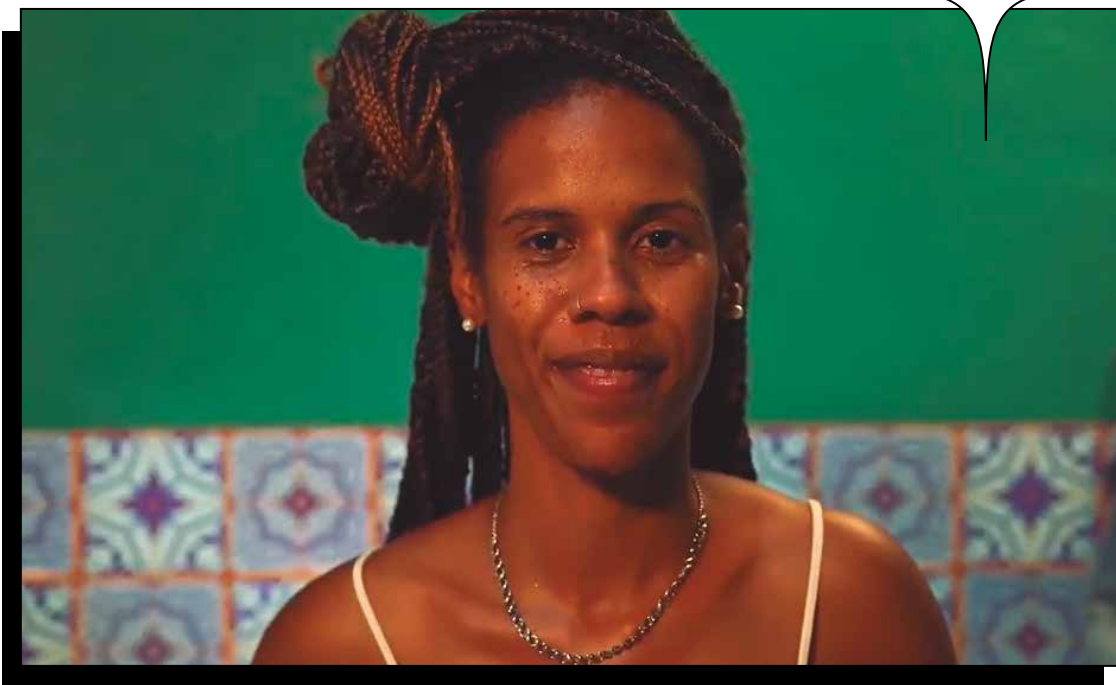
Uma cidade feita de cinema. Um cinema que imagina a cidade do Natal.



Jefferson Cabral é pesquisador, realizador e editor de vídeo em projetos audiovisuais. É graduado em História e Audiovisual, especialista em Cinema e mestre em Estudos da Mídia, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Se interessa pelas imagens do passado e o arquivo, seja enquanto campo de pensamento ou como material de criação.

ÍMÃ DE GELADEIRA

De Carolen Meneses e Sidjonathas Araújo,
SE, 2022, Ficção, 19'54, Livre.



Depois que um casal de costureiros perde a sua geladeira, em decorrência de uma série de apagões no bairro, eles saem em busca de um novo eletrodoméstico. Numa loja de usados, uma geladeira parece oferecer risco. Mas sô para pessoas negras.

Carolén Meneses é graduada em Cinema e Audiovisual (UFF), produtora, diretora e roteirista sócia na Floriô de Cinema (SE). Seu trabalho foca na construção de subjetividades negras e nordestinas.



Sidjonathas Araújo é cineasta sócio na produtora Floriô de Cinema, graduando em Cinema e Audiovisual (UFS). Desde 2016, produz e dirige curta-metragens sobre negritudes, identidade e território.

INABITÁVEIS

De Anderson Bardot (ES), 2020, Ficção, 25', 12 anos



Uma companhia contemporânea de dança está prestes a estreitar “Inabitáveis”, o seu mais novo espetáculo que aborda como tema a homoafetividade negra. Paralelamente aos ensaios, o coreógrafo constrói uma amizade com Pedro, um jovem menino negro que não se identifica como menino.



Agraciado com o prêmio Emerging Artists Awards, do Out South Queer Film Festival, nos EUA, em 2021, Anderson Bardot é um realizador audiovisual capixaba, formado em Cinema e Audiovisual pela UFES, é sócio-fundador da Vale Encantado Filmes, e é diretor do curta-metragem “Inabitáveis”. O filme estreou no 49th International Film Festival Rotterdam, em 2020, e participou de 70 festivais e mostras de cinema, entre nacionais e internacionais, ganhando 13 prêmios, dentre estes, Prêmio Canal Brasil de Curtas na 28ª Mix Brasil e os prêmios de Melhor Filme Brasileiro e Melhor Fotografia no 14º Festival For Rainbow.

JARDIM DA TESTÍCULOSA, PRAINHA DAS TRAVESTIS

De Rucka de Lacaia (ES), 2021, Videoarte, 3'51", Livre



Uma companhia contemporânea de dança está prestes a estreitar “Inabitáveis”, o seu mais novo espetáculo que aborda como tema a homoafetividade negra. Paralelamente aos ensaios, o Coreógrafo constrói uma amizade com Pedro, um jovem menino negro que não se identifica como menino.

Capixaba, natural de Guarapari - cidade litorânea da Grande Vitória, ES - Rucka de Lacaia é uma descantora e compositora pajubeira. Consagra seus dias racionalizando feminilidades testiculadas usufruindo das artes visuais, artes plásticas, poesia e música. De dentro do quarto registra performances em arquivos fotográficos e audiovisuais. Na internet expõe para o mundo.



KIKAZARU

De Matheus Cabral (ES), 2021, Experimental, 2'45", Livre



A rotina matinal de uma mãe na perspectiva de uma pessoa não ouvinte. O curta-metragem “Kikazaru” tem como objetivo trazer a crítica sobre a acessibilidade, além de propor uma discussão sobre a inclusão do deficiente auditivo no audiovisual.



Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e filho de pais surdos, com quem passou boa parte da sua vida, vendo as dificuldades e as superações nos quais eles passaram e ainda passam, assim o inspirando para fazer um estudo mais aprofundado sobre a acessibilidade e inclusão do deficiente auditivo no audiovisual, tendo um TCC e um curta metragem como o resultado deste estudo.

MADRUGADA

De Leonardo da Rosa e Gianluca Cozza (RS), 2022, Documentário, 19', Livre



Trabalhadores arriscam suas vidas subindo em trens em movimento para recolher restos de grãos e revendê-los. Madrugada transpõe em filme essas noites de trabalho sem fim em que corpos desaparecem, engolidos pela paisagem industrial do porto de Rio Grande e pela crise econômica brasileira.



Leonardo da Rosa e Gianluca Cozza são realizadores graduandos em Cinema pela UFPel. Seu trabalho foca em um retrato do trabalhador do sul do Brasil, através de um hibridismo entre documentário e ficção. Dentre seus projetos anteriores se destacam os curtas Construção (2020) e Um Lugar ao Sul (2018).

RUÍNA DO FUTURO

De Dorottya Czakó (ES), 2022, Videodança, 4'50", Livre



Corpos e sons que emergem e ecoam, apropriando-se do espaço, carcomido pelo tempo, ativando a potência poética deste grande complexo cultural interrompido. Se a ruína do futuro apontava para o fracasso do amanhã, o que vemos nesta apropriação é um desvio pelo presente e pela presença, uma aposta naquilo que ainda pulsa, um roçar na matéria nua, crua e viva.



Formada em Arquitetura pela Universidade Moholy-Nagy de Arte e Design de Budapeste (2017). Atua como cenógrafa e arquiteta de interiores. Trabalhou no departamento de arte de filmes longa-metragem internacionais como *Midsommer*, *Birds of Paradise* e a série *FBI*, da CBS americana. Seu envolvimento com a dança vem desde a infância e participou da formação *Gangaray Artistic Program*, em Budapeste, além de diversos workshops e festivais da dança contemporânea na Europa como *Impulstanz Vienna* e *Summer Intensive Portugal*.

Com Audiodescrição | Com LIBRAS | Com Legenda Descritiva | ODS 10 - Redução de desigualdades | ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis

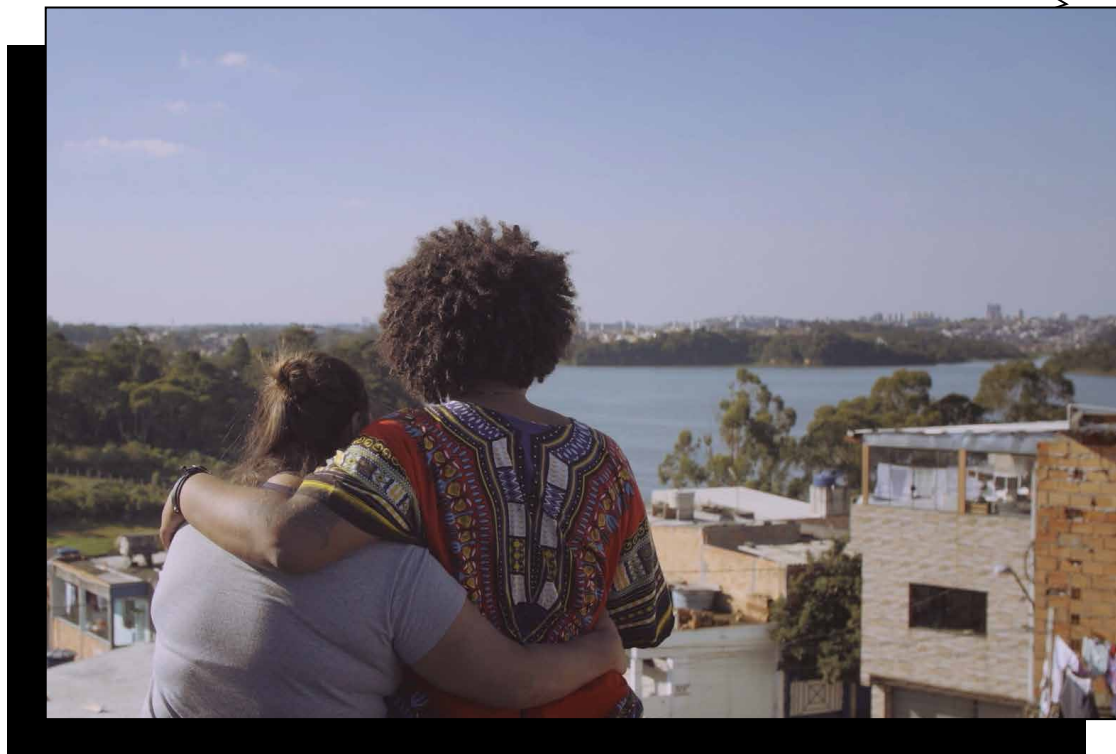


Mostra Cidade Pedal

Na Mostra Cidade Pedal os curtas refletem sobre sustentabilidade e cidade, mobilidade urbana, cidades inteligentes e movimento sustentável brasileiro e mundial.

A REPRESA É O MEU QUINTAL

De Bruna Carvalho Almeida (SP), 2022, Documentário, 23' minutos,
Livre



Laís é uma jovem instrutora de barco à vela da periferia de São Paulo. Em meio à pandemia, sobrecarregada de demandas para ajudar sua comunidade às margens da represa Billings, ela faz um mergulho interior.



Bruna Carvalho Almeida é graduada em Cinema pela Universidade de São Paulo e trabalha como diretora e editora. Dirigiu o longa-metragem “Os Jovens Baumann”, exibido no Festival de Brasília (2018) e no Indie Lisboa (2019) e o curta-metragem “Eu espero o dia da nossa independência”, uma co-direção com Brunna Laboisnière, exibido no Festival Internacional de Curta Metragem de Oberhausen (2021).

BELO HORIZONTE, MULHERES E BICICLETAS

De Maria Mourão (MG), 2021, Documentário, 15', Livre



Em Belo Horizonte, menos de 10% das pessoas que pedalam são mulheres. Mas essas mulheres estão vencendo os morros, os medos e o machismo estrutural. Juntas ou em suas individualidades, elas são exemplos de que dificuldades podem ser superadas. Seremos cada vez mais numerosas pelas ruas no Mundo todo.



Maria é pedestre, ciclista, artista, feminista e ativista ecológica.

É graduada em jornalismo e tem como principal campo de trabalho produções culturais no teatro, audiovisual e literatura. Como ciclista participa de alguns coletivos e traz sempre um olhar preocupado com a participação da mulher na sociedade. “Belo Horizonte, Mulheres e Bicicletas”, é seu primeiro projeto de documentário.

BIKE SOM

De Felipe Pamplona (PA), 2021, Documentário, 11'14", Livre



Belém é uma praça de alimentação a céu aberto e a bicicleta serve seus diferentes produtos por toda a cidade. A Bikebroca passa pelo canal, segue pela ciclofaixa e entra pelos conjuntos habitacionais. Para o paraense, broca é aquela fome incontrollável que precisa ser saciada a qualquer custo. E para isso, seja na chuva amazônica ou no sol equatorial, a bicicleta vai chegar antes de todos para “matar a tua broca”. Nesse episódio, a tradição da comida de rua se encontra com a Belém que pedala.

Artista e pesquisador, mestrando em cinema documental pela Universidad Del Cine, Buenos Aires-Argentina. Atuando como curador e programador de mostras e festivais. Como a mostra Metaesquema de arte contemporânea, maquinária de cinema experimental, festival de cinema e direitos humanos na América do Sul e o festival Amazoniadoc - Festival Pan-amazônico de cinema documental. Ministra aulas e oficinas de vídeo experimental e cinema de found-footage. Prêmio Diário Contemporâneo com a videoinstalação “cronopintura” em 2010. Como fotógrafo e produtor trabalho em projetos de documentários e vídeos experimentais.



JAMARY

De Begê Muniz (AM), 2021, Ficção, 15', 12 anos



Ane passa as tardes brincando nos arredores da floresta com seus primos, até se deparar com o Anhangã, um espírito indígena que rodeia a sua comunidade. Mas ao adentrar mais profundamente na floresta, Ane se depara com uma verdadeira assombração.



Begê Muniz é natural de Manaus do Amazonas, como ator já participou de grandes produções como o filme “A floresta de Jonathas”, de 2012, do diretor Sérgio Andrade, e recentemente o filme “Luz dos Trópicos”, da diretora Paula Gaitan. Em 2020, inicia sua carreira como realizador criando a Produtora Amazonense Jamary junto com Elisa Telles, da qual foi batizada com o mesmo nome do primeiro curta da produtora.

NONNA

De Maria Augusta V. Nunes (SC), 2021, Animação, 10'30", Livre

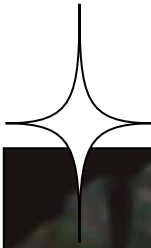


A pequena Ana e sua avó vivem no campo e sofrem com os efeitos provocados pelo uso de agrotóxicos na região. Já adulta, ao reencontrar a velha casa onde viveu sua infância, Ana entende que a presença de sua avó ali é transcendental.



Maria Augusta V. Nunes é cineasta e sócia da produtora Novelo Filmes, onde atua como roteirista, diretora e produtora. Estreou na direção em 2017 com o curta-metragem de ficção em live-action "Apenas o que você precisa saber sobre mim". O filme teve sua premiere no prestigiado Festival CINÉLATINO Rencontres de Toulouse (onde recebeu o prêmio CCAS SHORT FILM AWARD - PRIX DES ÉLECTRICIENS GAZIERS) e no Brasil, no 41º Guarnicê Festival de Cinema (onde recebeu prêmio de Melhor Roteiro).

ODS 12 - Consumo e produção responsáveis | ODS 08 - Trabalho decente e crescimento econômico | ODS 03 - Saúde e Bem Estar



ROCHA MATRIZ

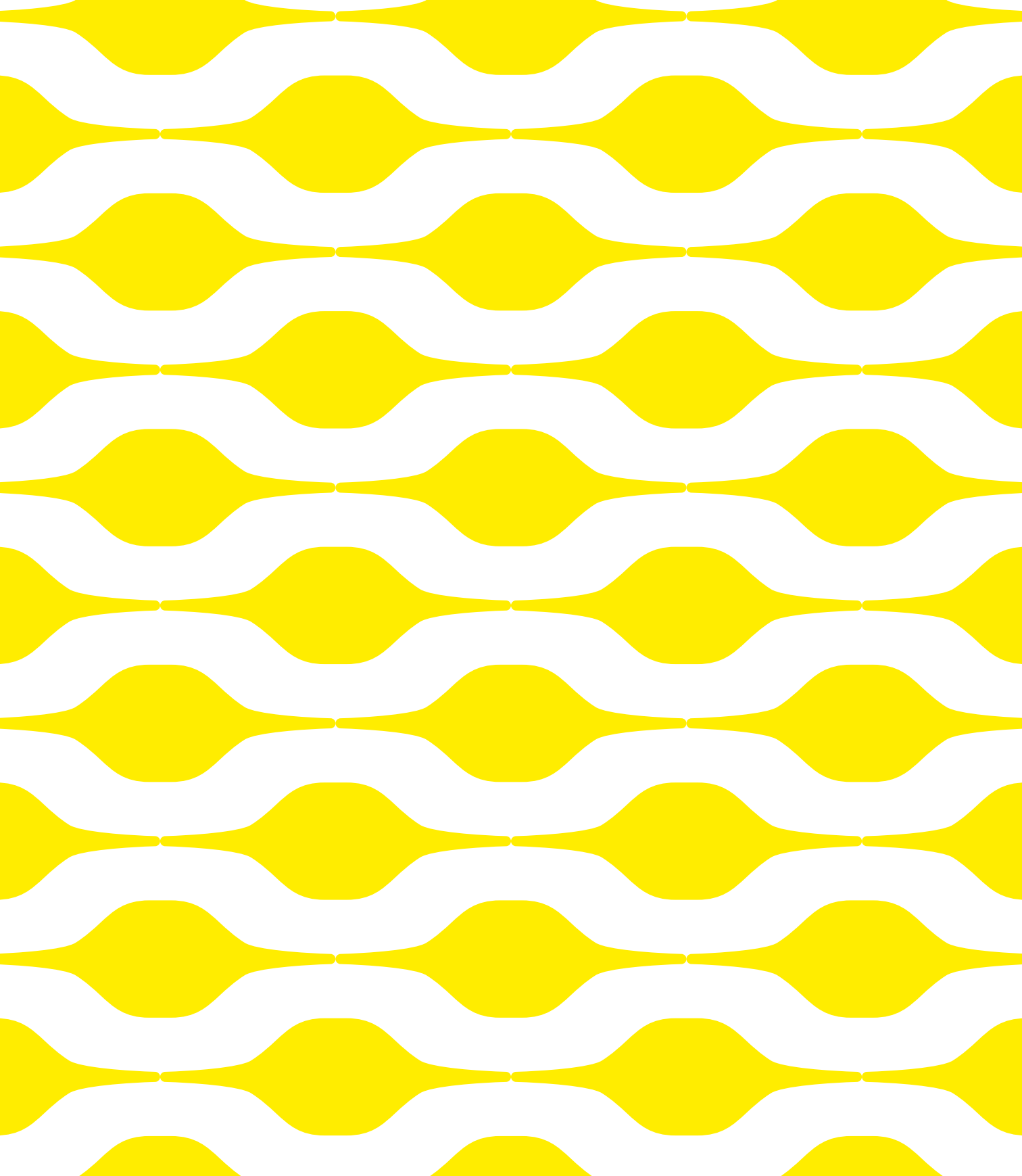
De Miro Soares e Gabriel Menotti (ES), 2020, 25', Experimental, Livre



No percurso entre feiras, portos e pedreiras no Sudeste do Brasil, o filme traça conexões entre formas de trabalho cotidiano, o mercado global, tendências em design de interiores e o tempo profundo da Terra. Através de suas muitas vidas, a rocha oscila entre objeto sensível e substância simbólica – indústria e linguagem.

Miro Soares e Gabriel Menotti são artistas, pesquisadores e curadores no campo da imagem e da tecnologia. Seus projetos sob a alcunha Cristal Líquido têm foco em narrativas cinematográficas experimentais. Miro Soares é doutor em Artes e Ciências da Arte pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e trabalha como professor adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Gabriel Menotti é pesquisador e curador independente. Trabalha como professor assistente de Curadoria de Imagens em Movimento em Queen's University, Ontario.







Mostra Arte

Os filmes da Mostra Arte partem de um processo criativo de base em gêneros diversos como vídeo-artes, vídeoperformances, trabalhos experimentais, videoclipes, ficção, documentário e animação.

BESTIÁRIO INVISÍVEL

De Tati Rabelo & Rod Linhales (ES), 2021. Videoarte, 13', Livre



Bestiário Invisível é uma pequena coleção de monstros criados por um imaginário social heteronormativo compulsório e tóxico. A vida pode ser cruel para uma pessoa LGBTQIAP+ que vive no Brasil. Esse é um filme que nos lembra que o simples fato de existir já é um grande ato de resistência.

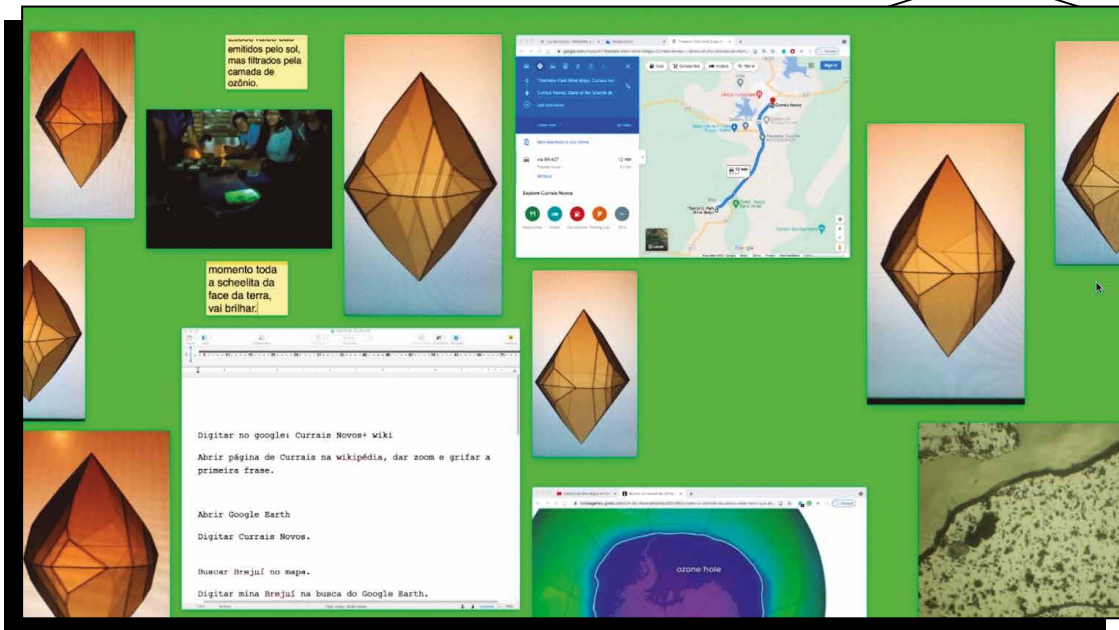


O duo Mirabólica é formado por Rod Linhales e Tati Rabelo, os diretores atuam na área audiovisual em seus mais diversos formatos. Seus mais recentes filmes são a ficção “O pássaro sem pluma” e o documentário “Zacimba Gaba-um raio na escuridão”.

ODS 10- Redução das desigualdades | ODS 5 - Igualdade de Gênero

CASTELO DA XELITA

De Lara Ovidio (RN/RJ), 2022, Ficção, 11'13", Livre



Em Currais Novos (RN), uma mina de scheelita desativada, convertida em parque temático, recebe uma nova atração que promete salvar a economia local.

Lara Ovidio (Natal, RN) é artista visual e professora. Durante a pandemia incorporou ferramentas do mundo on-line na criação de imagens em movimento. Foi correteirista do longa-metragem “Sotaque do Olhar” (2018), de Mykaela Plotkin. Escreveu e dirigiu o curta documentário “Pedras Não Flutuam” (2019), sobre uma cidade submergida pela construção de uma barragem em São Rafael (RN). Em 2021, fez a série de micro filmes de ficção científica “Marcianas”, junto com Paula Turmina. Em 2022, está lançando o curta “Castelo da Xelita”, um desktop movie catastrofista. É doutoranda em Artes Visuais pela USP, mestre em Artes Visuais pela UFRJ e bacharela em Comunicação - Audiovisual pela UnB.



CONTROLE DE TRÁFEGO

De Jackson Abacatu (MG), 2021, Experimental, 7'28", Livre



A evolução da humanidade é diretamente proporcional à evolução dos carros?



Artista plástico, cineasta e músico, formado em Cinema de Animação e Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Nascido em Belo Horizonte em 1982. Já trabalhou com diversas técnicas de animação, passando pelo recorte, 2D tradicional, stop motion, areia, recorte digital e pintura em vidro.

O ELEMENTO TINTA

De Luiz Maudonnet & Iuri Salles (SP), 2022, Documentário, 9', Livre



A morte de um pixador por covid-19, é o estopim para que um grupo de pixadores se unam em uma ação direta contra como o governo Bolsonaro vem gerindo o país durante a pandemia.



Luiz Maudonnet é Fotógrafo, Cinematógrafo e Diretor que busca, a partir do seu trabalho, discutir temas relevantes sobre o presente e o passado do território brasileiro, estimulando a discussão sobre a cultura local e a construção da identidade cultural brasileira.

Iuri Salles é Documentarista e produtor de temas de difícil acesso, como Cracolândia, pixação, crime organizado e violência institucional. Com trabalhos publicados na VICE Brasil, Stink Films e Intercept Brasil.

MODELO MORTO, MODELO VIVO

De Leona Jhovs e Iuri Bermudes (SP), 2020, Ficção, 25', 16 anos



Manuela, uma mulher trans, ao frequentar uma oficina de desenho de modelo vivo, desperta para sua própria beleza e potência.



Leona Jhovs, paulistana. Mulher Transfeminista, Atriz. Em 2015 ganha o prêmio de melhor atriz pelo FilmWorks Film Festival da Academia Internacional de Cinema.

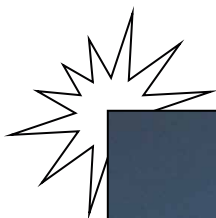
Atuando conta com 11 produções teatrais dirigidas por grandes nomes do teatro como Paulo Faria, Rogério Tarifa, Rodolfo Garcia Vásquez, Ave Terrena Alves, Luh Maza entre outros. Nas telonas conta com algumas produções, mas é a partir de “Modelo morto, Modelo vivo”, que passa a construir sua jornada como roteirista e diretora de cinema.

Iuri Bermudes, paulistano. Formado em cinema pela Academia Internacional de cinema. Dirigiu e roteirizou seu primeiro curta metragem “Lucia voltou a fumar” em 2016. O filme passou em diversos festivais pelo Brasil e recebeu o Prêmio especial do Juri - Inovação da Linguagem Cinematográfica no festival Cabo Frio de cinema. Atualmente, Iuri trabalha em seu terceiro curta metragem como diretor e roteirista.



TRANZMUTAÇÕES PANDEMYKAZ

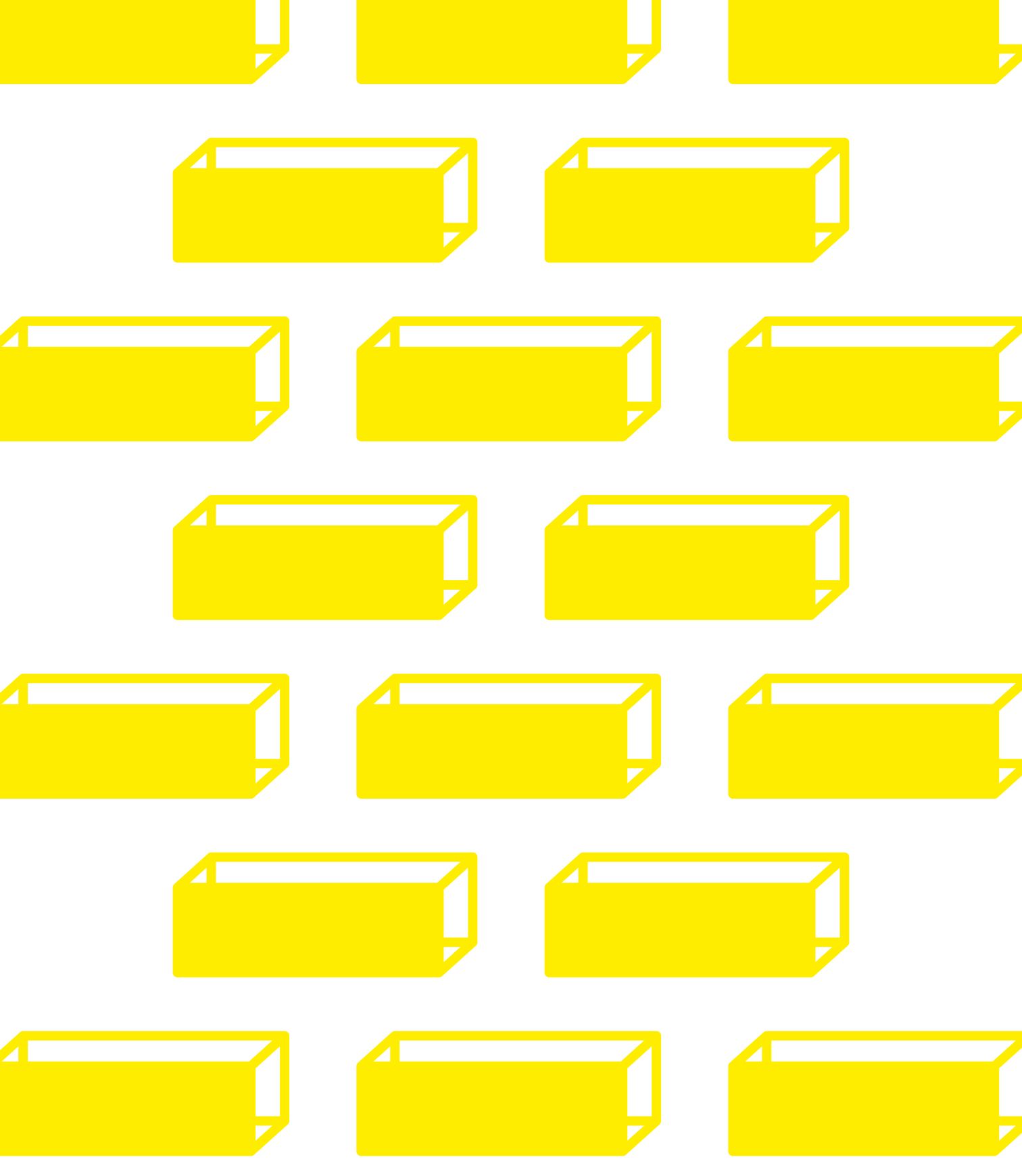
De André Lu, Carol Carvalho, Gabs Ambròzia, Pedra Homem, Quebrantxy e Oru Florydo (SP), 2021, Videoarte, 18', Livre



Tranzmutações Pandemykaz é uma vídeo-arte-documento de processos de performance, gerado por uma perspectiva do sul do mundo. Reunindo artistas que mergulham nas plurais e urgentes experiências de retomadas ancestrais, espaço e território, escuta e afetividade, a obra traz registros que flertam com o documental e revelam o impacto de se criar no cenário da pandemia.



ODS 11 - Cidades e comunidades sustentáveis





Mostra Mulheres

Mostra composta por vídeo-clipes exclusivamente de artistas mulheres com a intenção de exaltar o protagonismo feminino. Curadoria de Karol Mendes e Natália Dornelas.

ARARINHA DA VIOLA, ISIS BROKEN

De Letícia Pires, Videoclipe, 3'25", Livre.



Criativa e Diretora. No audiovisual desde os meus 16 anos, além de documentários institucionais, publicidades e, assistências para diretores como João Jardim, Antônio Carlos da Fontoura, Bárbara Paz (em Babenco – alguém precisa ouvir o coração e dizer: parou), etc. Dirigiu os curtas “No Escuro” (2011), e “A Casa Nova de Newton” (2017), ambos premiados em diversos festivais dentro e fora do país. Desde 2017 crio e realizo videoclipes, todos, até então, de baixíssimo orçamento. Nos últimos anos fui indicada a prêmios de melhor direção e melhor videoclipe do ano, como foi o caso de “Gigantesca” (2019), vencedor do 8º festival de curtas de Brasília e “Ararinha da Viola” (2021) que no 28º Festival de cinema de Vitória recebeu menção honrosa por “roteiro, atuação e referências artísticas. Trazendo na mistura de ritmos e mensagens de representatividade uma forte mensagem com grande potência poética”.

BATIDÃO, ENME

De Jessica Lauane, 2020, Videoclipe, 3'9", Livre.



Jessica Lauane é diretora, produtora, fotógrafa e proprietária da ClockWork Filmes. Premiada nos principais festivais de cinema do Maranhão e nacionais. Formada no curso de Produção Cinematográfica pelo Instituto Federal do Maranhão e nos cursos de Linguagem Cinematográfica, Atuação para Cinema e Produção Cinematográfica pela Escola de Cinema do Maranhão; além de Direção de Videoclipes e Narrativa Documental pelo Instituto de Cinema.

BXD EXISTE, XUXU COMXIS FEAT. ADRIELLE VIEIRA & TIAGO TK

De Pamela Ohnitram, 2021, Videolipe, 3'50", Livre



Formada em Publicidade e propaganda, instrutora de mediação de tecnologias no audiovisual e montadora, atua como Cineclubista e curadora em alguns festivais. Faz produção e exibição de filmes independentes através do Cineclube Xuxu ComXis na BXD RJ.

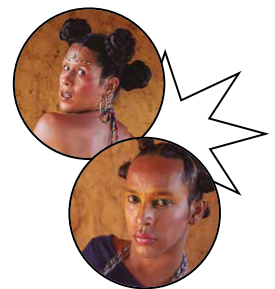
LAMENTO DE FORÇA TRAVESTI, RENNA FEAT. GABI BENEDITA

De RENNA, 2021, 4'46", Livre.



Transativista, brincante e produtora cultural RENNA evoca através da performance, da música, da poesia e do audiovisual (re)construir sua ancestralidade travesty. Denúncia, desejos e afetos atravancam por seu corpo num ato de re-existir em arte para rennascer em rito.

Gabi Benedita, artista visual-travesti-preta-sertaneja, performer, atriz, iniciou seus trabalhos na área de teatro em Arcoverde-PE, onde vive a mais de 15 anos, tendo atuado em diversos grupos e espetáculos da cidade. Integante da coletiva de artistas visuais negras “TROVOA” em PE. A artista tem desenvolvido os seus trabalhos a partir de questões que estão relacionadas à gênero e periferia.



NI UNA A MENOS, LAYLAH ARRUDA

De Daniel Lupo, Videoclipe, 3'25", Livre.



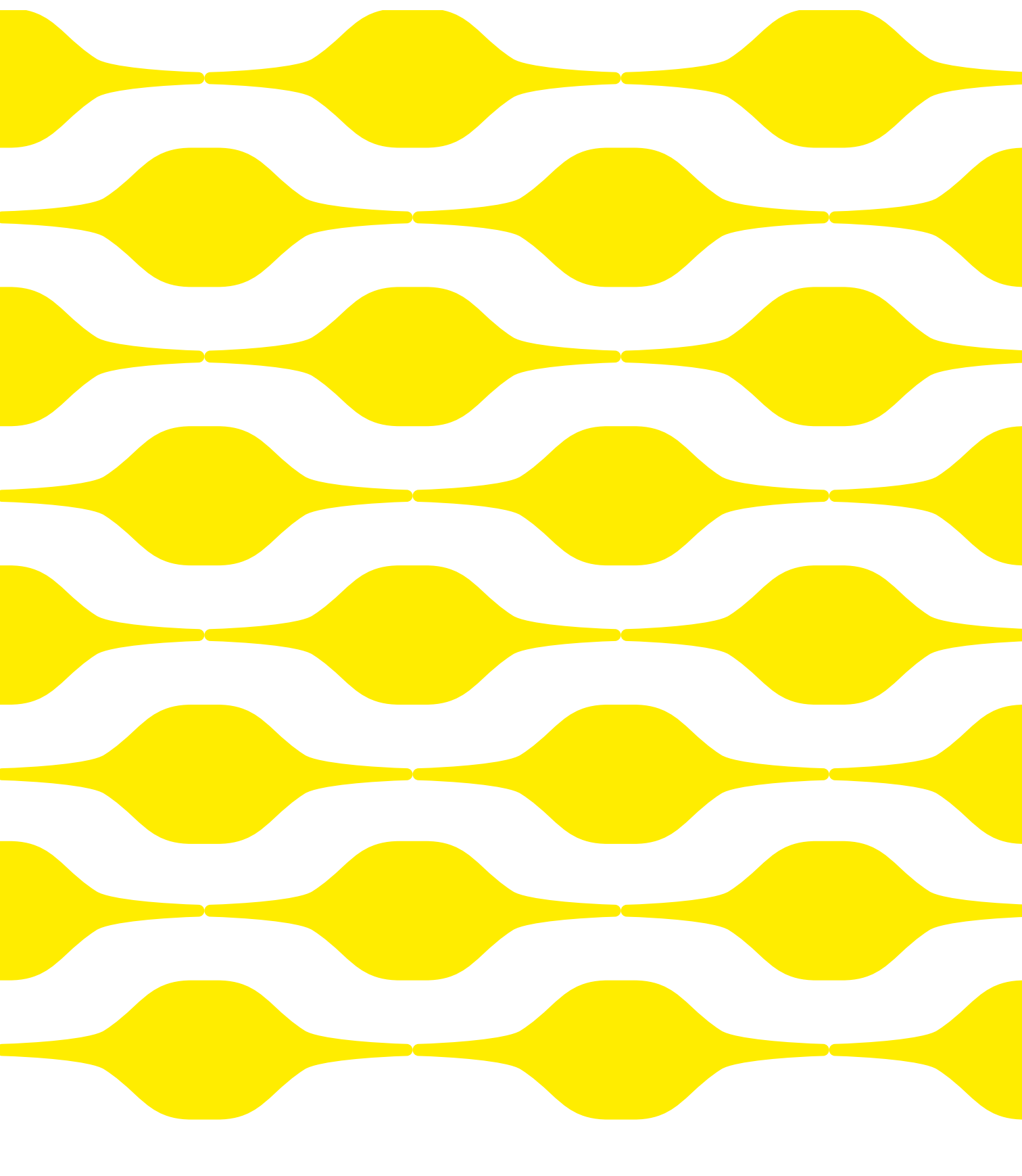
Formado em Rádio e TV pela Universidade Anhembi Morumbi, Daniel desenvolve seus trabalhos na área do audiovisual como Diretor e Diretor de fotografia de documentários, ficção, reality shows, videoclipes e filmes comerciais, realizando trabalhos no Brasil, Itália, Estados Unidos da América, Chile, Argentina, Uruguai, egipto entre outros. No cinema, trabalhou como diretor de fotografia nos filmes, longa metragem “Pão paz e terra (100 anos de revolução Russa)” dirigido por Martin Garcia, no curta metragem “Quântica” dirigido por Tati Lenna e no curta metragem “Amanhã” dirigido por Aline Flores e Alexandre Cristófar, vencedor de melhor direção no festival espanhol de Huesca, e de melhor direção de fotografia no festival de taqury, ambos em 2020. Em 2019 como diretor de fotografia, trabalhou no documentário “Amazon Fighting Fire” do canal alemão “Red Fish”, no documentário “Brega Funk” para plataforma “Spotify” e no reality show “Próxima Parada” de Winderon Nunes para a plataforma “YouTube Original”. Em 2021 entrou como sócio da produtora @pó de vidro que vem se especializando em documentários, e na parte técnica iniciou os estudos como operador de steadicam.

QUERO MAIS, BUDAH

De Patrik Braga, 2021, Videoclipe, 3'4", Livre.



Patrik Braga é capixaba e Diretor de Audiovisual. Além de direção também atua em outras áreas do audiovisual como Direção de Arte, Fotografia, Montagem e Pós Produção. Focado em videoclipes e campanhas publicitárias, tem em seu currículo nomes como Budah, Solveris, Cyeli, Morenna, Onnika, Anaju e Luisa Meirelles





MC.MÚSICA

Ao longo de três noites, o Festival Movimento Cidade traz uma programação composta por shows musicais com atrações locais e nacionais. No palco, artistas que refletem diversidade, equidade e reflexão em sua arte.

BATALHA DE VOGUE

19 de agosto | sex | 20h - 21h | Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Gratuito

Apresentado pela Casa de Boneketys



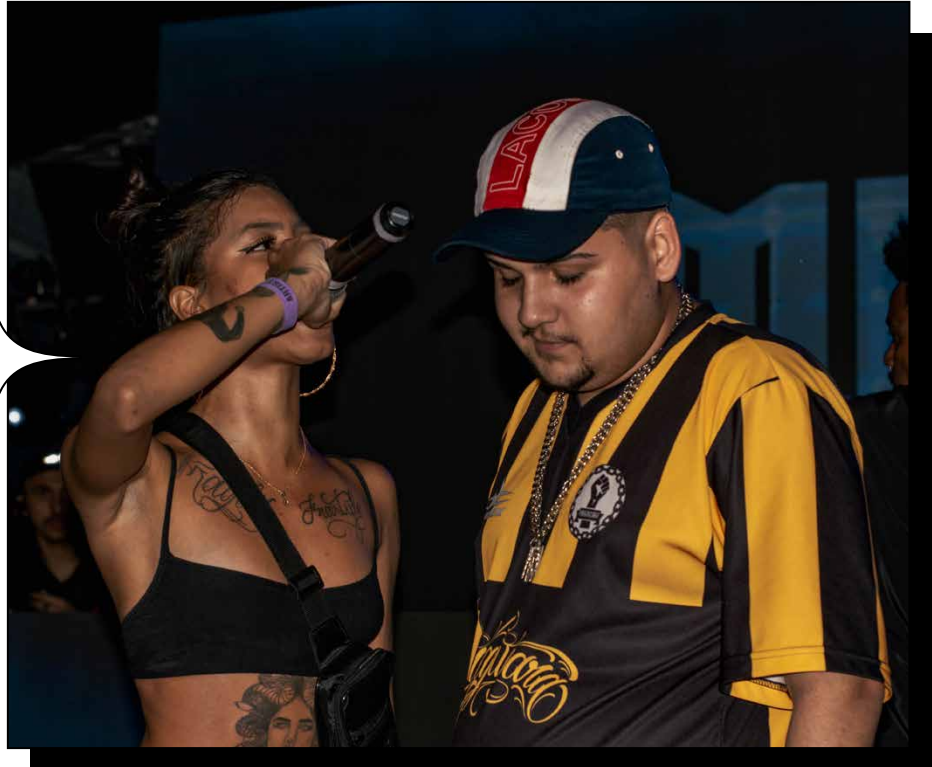
As batalhas de vogue surgiram na década de 80 por meio de pessoas LGBTQIA+ periféricas com o intuito de valorizar nossas corpos através das categorias com o que se pede em cada uma. Em cada batalha, a pessoa vencedora tem uma premiação e assim ganha prestígio e reconhecimento dentro da comunidade. Nascidas nos subúrbios de Nova York, hoje as batalhas representam a cultura ballroom espalhada pelo mundo por meio das cenas Kiki e mainstream. Cada competidora mostra sua performance para uma banca de júri, que avalia quem está hábil a competir na categoria. O júri da 10s, nota máxima, ou CHOP (um corte que te retira da competição). Nas batalhas os competidores se enfrentam até alguém ganhar o Grand Prize = Grande Prêmio). A categoria de Vogue Apt é uma categoria aberta para todas as categorias do vogue: femme, old way, new way.

O coletivo Casa de Boneketys atua de forma independente para fomentar a cena que está sendo construída no ES. Através de treinos, estudos e amadrinhamento de pessoas de outras cenas estaduais. Esses conhecimentos são passados entre os membros da casa e assim cada uma se coloca e se identifica na sua respectiva categoria que tem desejo de caminhar. Há também uma interação das casas e dos 007 (pessoas que caminham nas suas categorias, sem participarem de uma casa) existentes no estado, fazendo assim uma troca umas com as outras em conhecimento e fortalecimento da cena. Esta interação é feita majoritariamente pelas redes sociais visando maior alcance, além do “boca a boca” que também é de grande importância para a cena.

BATALHA DE MCS

20 de agosto | sex | 20h - 21h | Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Gratuito

Apresentada por Mar de Monstros

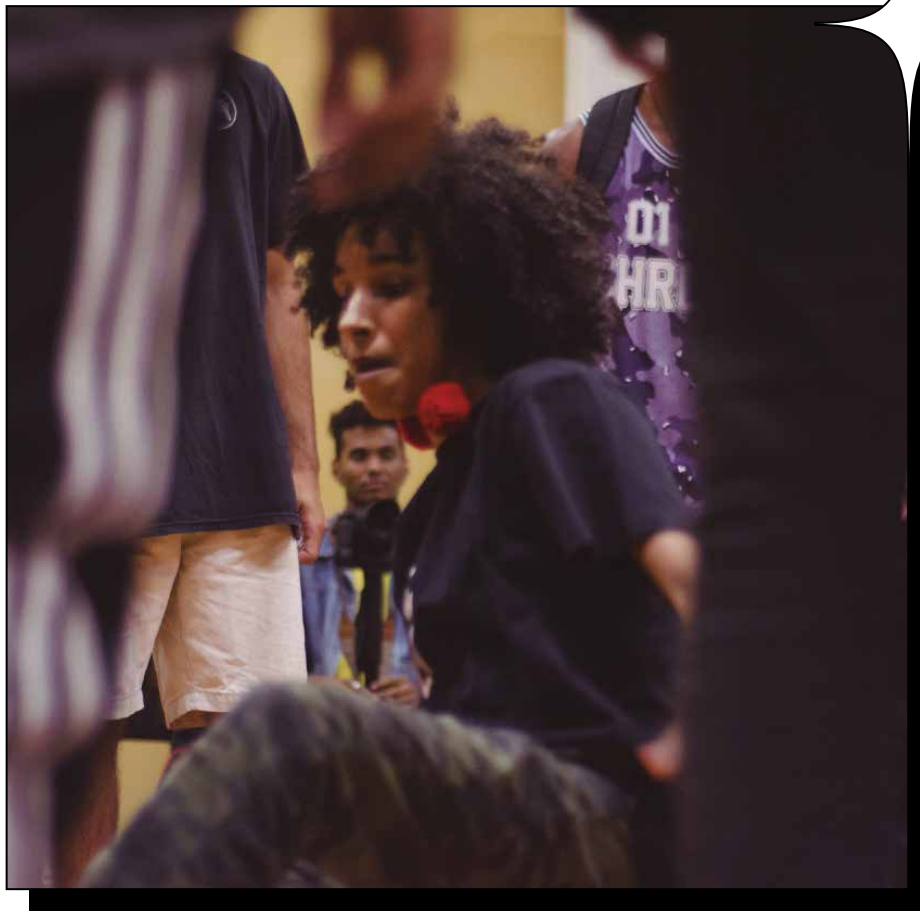


O “Mar de Monstro” é o maior evento capixaba de Batalha de Rimas de MCs e um dos principais eventos do gênero no Brasil. A primeira edição aconteceu em 19 de dezembro de 2020 e, desde então, o evento conta com a participação de rimadoras e rimadores de maior destaque do Espírito Santo e do Brasil, sempre apresentando formatos inovadores e dinâmicos (individual, dupla, trios). Os duelos funcionam sob a seguinte estrutura: a primeira pessoa a desafiar deve “atacar” a outra com rimas improvisadas em um tempo determinado, normalmente de 45 segundos. Quem foi desafiado responde no mesmo período, e a reação da plateia decide o vencedor ou a vencedora daquele round junto com o voto técnico dos jurados(as). Cada batalha dura dois rounds e, caso haja igualdade de vitórias entre os rounds, um terceiro round é realizado como desempate.

BATALHA DE DANÇAS URBANAS

20 de agosto | sex | 20h - 21h | Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Gratuito

Apresentada por Arte da Rua



A batalha Open Style de Danças Urbanas, é tradicional aqui no território capixaba! Com a participação de dançarinos das mais diversas danças como : Vogue, Dancehall, Hip Hop Dance, Passinho, Afrodance, Breaking, Locking, Popping, Krump, dentre outras.. E para o Movimento Cidade, foram convidadas 08 dançarines de diferentes estilos, que irão competir na modalidade 1 vs 1. Essa batalha vai pegar fogo!!! E pra fechar em grande estilo, os jurados são de peso, se liga! Raquel Cabaneco (MG), Félix Pimenta (SP) e Josh Antônio (RJ) e no comando das picups o Dj Umiranda (DF) e como Mestre de Cerimônias Chapola (ES).

PRÊMIO MC.MÚSICA

Atrações musicais revelação, escolhidas através de chamada aberta, concorrem a premiação

19, 20 e 21 de agosto | Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Gratuito

Júri por BRUNA KETHELYN, BELLA NOGUEIRA e GESSÉ PAIXÃO



BRUNA KETHILY (ES)

Cantora, instrumentista, compositora, professora de música e canto, produtora cultural e pesquisadora, formada em Canto Popular pela Bituca Universidade de Música Popular (Barbacena-MG). Já dividiu palco com Carlos Malta, Martinho da Vila, Carlos Papel, Danilo Diniz, Gilson Peranzetta e também o grupo Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí. Atua na área há mais de 5 anos como backing vocal e cantora solista, apresentando-se em festivais, eventos, musicais, espetáculos e espaços culturais do formato voz e violão à orquestra Big Band. Segue com trabalho autoral iniciado no ano de 2021, apresentando o show “Passarinhadeira”, com composições suas e de parceiros musicais. Atualmente compõe o Grupo de Pesquisa em Musicologia da FAMES, pesquisando a vida e obra de compositores capixabas.



BELLA NOGUEIRA (ES)

Natural de Linhares, já morou na Itália e foi obrigada a aventurar-se na grande São Paulo em busca do seu sonho de viver de música. Bella gosta de transitar por diversos gêneros e ritmos, ela mistura com facilidade versões e estilos como blues, jazz, rock e folk. Em 2012 funda na cidade de São José dos Campos a banda Bella N’Jokers, atuando como líder, compositora, letrista, arranjadora e vocalista, lançando via youtube três DVD’s. Em 2015 grava seu disco solo “Te Seguindo” e é uma das artistas selecionadas para participar do programa global SUPERSTAR em 2016. Ainda em novembro de 2015 grava o single “Doce Rio” em alusão a catástrofe ambiental do estouro da barragem de Mariana - MG que teve impactos diretos na cidade de Linhares e Regência - ES. O single viralizou nas redes sociais, ultrapassando a marca de 380.000 views. Em 2020 o mundo parou, diante do cenário desafiador para toda sociedade e para o setor cultural e musical, Bella criou o canal “Expli-Canção”, com o objetivo de dar vez e voz aos artistas da cena da música.



GESSÉ PAIXÃO (ES)

Músico multi-instrumentista, Gessé Paixão, atua como compositor, intérprete, cantor, trompetista e percussionista (pandeiro, handpan e efeitos) em projetos autorais e acompanhando artistas. Além de artista é professor de Filosofia na Rede Pública de Educação sempre vinculando às suas aulas recursos das linguagens do cinema (cineclubismo) e música (rítmica, poesia) com a reflexão para processos pedagógicos e formativos. Em seus projetos autorais criou e atua no SÃO trio, OGÓ duo e a Banda Amesá, Cineclubes Nome Provisório, dentre outros, tendo participado com esses projetos de variados festivais e mostras competitivas ou não. Sua formação musical se deu no Projeto Vale Música-Academia de Ensino, FAMES(CFM e licenciando), atuou na Orquestra Pop Jazz estudando em suas oficinas de música. Tem como mestres e orientadores em sua trajetória os Maestros Célio de Paula, Modesto Flávio, os percussionistas Edu Szajbrum, Léo de Paula e o trompetista Tônico Cardoso. Atua como músico acompanhador de projetos dos nomes da nova e talentosa safra de artistas do ES tais quais Pretaô, Lets Chaves, Eloá Eler, Bruna Kethily, Paula Maddi.

ARTISTAS



NEGO2M (ES)

Apresenta “Lobo Mau”

Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 19 de agosto | 23h - 23h30

Maurício Gomes da Silva Mendes, conhecido pelo seu nome artístico Nego2M, é um rapper e compositor de Vitória. Iniciou-se no rap em 2017 e em 2019 gravou seu primeiro som. Investindo em suas músicas, recentemente lançou seu segundo clipe “Lobo Mau”.



Kayonavoz (ES)

Apresenta “Preta”

Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 19 de agosto | 23h - 23h30

Kayonavoz é um artista do gênero R&B Pop nascido em Vitória/ES. O cantor, compositor e multi-instrumentista traz em suas músicas a mistura de beats com música orgânica, mesclando diversas referên-

cias que o influenciaram no mundo da música. Kayo deu início à sua carreira solo em janeiro de 2021 com o lançamento de seu primeiro single “Preta” e já acumula 4 singles lançados, o último deles sendo o de maior sucesso, “Casual”. Fugindo de rotulações de gênero musical, Kayonavoz busca sempre inovar em suas músicas com estilos e arranjos variados esbanjando autenticidade e originalidade.



LOU FONSECA

Apresenta “Quando Eu Lembro”

Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 19 de agosto | 23h - 23h30

Lou Fonseca é uma artista independente baiana que mora no Espírito Santo há 8 anos e vem trabalhando efetivamente com música desde meados de 2020, quando lançou seu primeiro álbum, Venus em Peixes. Nesse ano de 2022 Lou continua o seu trabalho e já conta com outro lançamento em vista, “Carta”, disponível dia 13 de Abril. Um som mais sério e questionador, com a intenção de gerar reflexões e diálogos sobre o momento que estamos vivendo em nossa sociedade.



QUINTELLA WQ

Com participação de Cabelera99

Apresentam “Quando Eu Lembro”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 20 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

Rapper mineiro nascido em 1995 na região metropolitana de Belo Horizonte, conhecido como Quintella. Iniciou a carreira artística aos 25 anos de idade no ano de 2020 através da música “Desce + um litrão”, com a participação de seu amigo Mateus Almeida, também conhecido como Cabelera - poeta com sete poesias já publicadas, compositor e rapper.



JOVEM SAVAGE

Apresenta “Voando nas Nuvens”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 20 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

Gabriel Quirino de Oliveira, de 20 anos, morador de Jacaraípe, mais conhecido como “ JOVEMSAVAGE “ nome artístico no qual é mais chamado. Apesar de sempre ter sido fascinado por música, o primeiro contato com o RAP se deu com 16 anos de idade, até que em 2018 decidiu investir nessa carreira, com a criação de suas primeiras rimas e apresentações na escola.



JOE CAETANO

Apresenta “Jeito Singular”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 20 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

Joe Caetano, 26 anos, nascido em Vitória, Espírito Santo. Canta desde criança, mas foi a partir de 2017 que resolveu fazer da música projeto de vida e assumir profissionalmente a sua paixão. Participou de trabalhos com artistas locais e com o produtor nacional Renan Samam. Atualmente está produzindo o seu primeiro EP, previsto para ser lançado no final de 2022. Através da música busca compartilhar sentimentos de afetos, dúvidas, dores, amores, fazendo valer a ideia de que ninguém está sozinho. Seu estilo musical transita entre MPB e R&B, tendo como principais influências o Samba, o Soul, R&B e a Música Popular Brasileira.



TH MC

Apresenta “Melhor Lugar”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 21 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

Thiago Freitas da Silva, jovem de 19 anos, morador do Morro do Quadro, mas conhecido como “ TH MC “, nome artístico pelo qual é mais chamado. Conheceu o RAP com 11 anos de idade, e sempre gostou de rimar,

porém não existia o desejo de cantar ainda. Tudo isso muda a partir do contato com um grupo de jovens de seu bairro, que se encontrava com objetivo de cantar e, a partir daí, começa a gravar músicas usando o celular até conseguir, depois de alguns anos, um microfone e um estúdio para gravação em 2019. Desde então, Thiago mergulhou de cabeça na cultura da música e do hip hop.



CRISTAL KORRES

Apresenta “Vibe”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 21 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

Cristal Korres Lopes, tem 22 anos e começou a cantar por volta dos seis anos na escola, onde se sentia mais confortável. Muito influenciada por seus familiares que em grande parte são músicos, inclusive seu pai que é integrante de uma banda de heavy metal, sempre estive inserida no meio musical. Atualmente fez da música seu projeto devida, com performances musicais entre os gênero POP com uma pegada brasileira, mesclando um pouco da MPB, RAP, transitando entre o moderno e a velha guarda. Despontou para cena em 2019 quando participou da música Canção Infantil do artista Cesar MC. Em 2021, lançou a música solo pelo canal do Setor Proibido intitulada de “VIBE”.



THE FOX

Apresenta “18tão”

**Centro Cultural Carmélia | Palco Rua | Dia 21 de agosto | 22h - 22h30 |
Gratuito**

The Fox, 18 anos, Produtor Musical, Beatmaker, Engenheiro de Mixagem e Masterização, Cantor e Compositor nascido em Cariacica - Espírito Santo que conquistou seu maior público no R&B alcançando mais de 1 milhão de streams nas plataformas digitais.

DJS RESIDENTES

Dj's escolhidos através da chamada aberta de seleção MC.Chama para compor a programação musical do festival.

19, 20 e 21 de agosto | Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Gratuito

ZONA MANIFESTAR

ASIAT

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dias 19, 20 e 21 de agosto | 14 - 18h | Gratuito

Certificada por um projeto que uniu Bekoo das Pretas + Todas Podem Mixar, se designa hoje como uma Dj open-format, porém com algumas tendências a alguns estilos musicais, estilos esses que brincam com a música eletrônica e o flow do Hip-Hop, como Garage UK e Grime. Por essa proximidade com a mistura dos dois gêneros, conhece a cena brasileira de ambos, do underground ao mainstream. Músicas que têm como referência o internacional, mas com o swing que só o nacional proporciona!

PABLUXU

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dias 19, 20 e 21 de agosto | 20h - 00h | Gratuito

Conhecido por misturar diversos gêneros em suas mixagens, Pabluxu é um Dj Capixaba residente da cidade de Vitória e iniciou a sua carreira no setor musical através de sets e mashups publicados na plataforma soundcloud. Uma de suas publicações conhecidas é o “21 minutinhos na onda do álcool em gel”. Pabluxu também já tocou em festas da cena urbana e local, tais como Bekoo Das Pretas e RUA FEST. Suas referências principais partem de cenas específicas que passam pela ballroom, baile funk, aparelhagem do Pará e da cultura hip-hop.



ZONA VOAR



TIAGUIM

Centro Cultural Carmélia | Zona Voar | Dias 19 e 21 de agosto | 19h - 01h | Gratuito

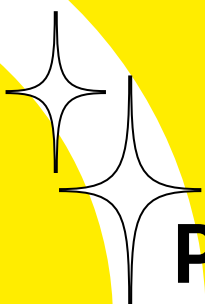
Nascido no Rio de Janeiro, Tiago Silva se mudou para Vitória/ES aos 7 anos e, através de seu pai (que também é músico), teve contato muito cedo com música e arte. Com o passar do tempo, Tiaguim se encontrou dentro da arte através Das Danças Urbanas performando nas maiores casas de shows do Espírito Santo e em torneios ao redor do Brasil. Com a experiência adquirida no convívio com os principais djs e artistas do Brasil, o Dj traz uma profunda bagagem musical apresentando ao público sons que vão do Rap, ao Trap . Suas mixagens e seleção musical vem fazendo o dj ganhar espaço nas principais pistas do ES, não deixando ninguém parado quando toca.



QMILA

Centro Cultural Carmélia | Zona Voar | Dia 20 de agosto | 19h - 01h | Gratuito

Dj Qmila representa a força da mulher negra e LGBTQIA+ na frente das pick-ups. Qmila é um projeto artístico de discotecagem fundado com base em sons de energia autêntica, banhado a raízes fortes. Desde 2015, Dj Qmila tem um trabalho de curadoria e mixagem de músicas que carregam ancestralidade, as mulheridades e a cultura negra como protagonistas. Trabalho com a riqueza cultural sonoridades afro-brasileiras e africanas, o chamado afrobeats e misturo com pontos advindos do funk carioca nas transições de mixagem, junto a uma curadoria majoritariamente representada por artistas mulheres, misturando tudo isso ao grave proveniente do Bass e outros ritmos como o pagodão bahiano e o dancehall jamaicano. A proposta é de um show/apresentação com um set de mixagem ao vivo com todas essas sonoridades e arie elas representam.



PALCO CARMÉLIA

Atrações musicais que comunicam corpo, identidade e território

19, 20 e 21 de agosto | 20h - 02h | Centro Cultural Carmélia | Gratuito



BUDAH (ES)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 19 de agosto | 21h - 22h

Brendha Rangel ou, simplesmente, Budah, é dona de letras marcantes e envolventes, sempre carregadas de referências do Black Music. Nascida em Vila Velha (ES), adquiriu múltiplas influências, que vão do R&B ao Samba, do Soul ao Trap. Suas composições giram em torno de suas próprias questões e vivências amorosas, tendo colecionado sete singles e diversas participações com artistas renomados, a exemplo de: Cesar MC, Mc Cabelinho, Djonga, Pelé Milflows, Chris MC, Yunk Vino e VK Mac, entre outros. No ano passado, ela traçou um rumo independente, com seu próprio canal e sua própria gestão artística, chamando a atenção do maior canal de rap do Brasil, o PineappleStorm TV. Uma parceria que resultou no projeto “Poesia Acústica”, com apenas 3 presenças femininas: Budah, Lourena e Azzy. Foi seu primeiro trabalho em 2021, ano em que participou do Álbum “Nu”, do rapper Djonga, e chamou ainda mais atenção do público com a sua voz aveludada.

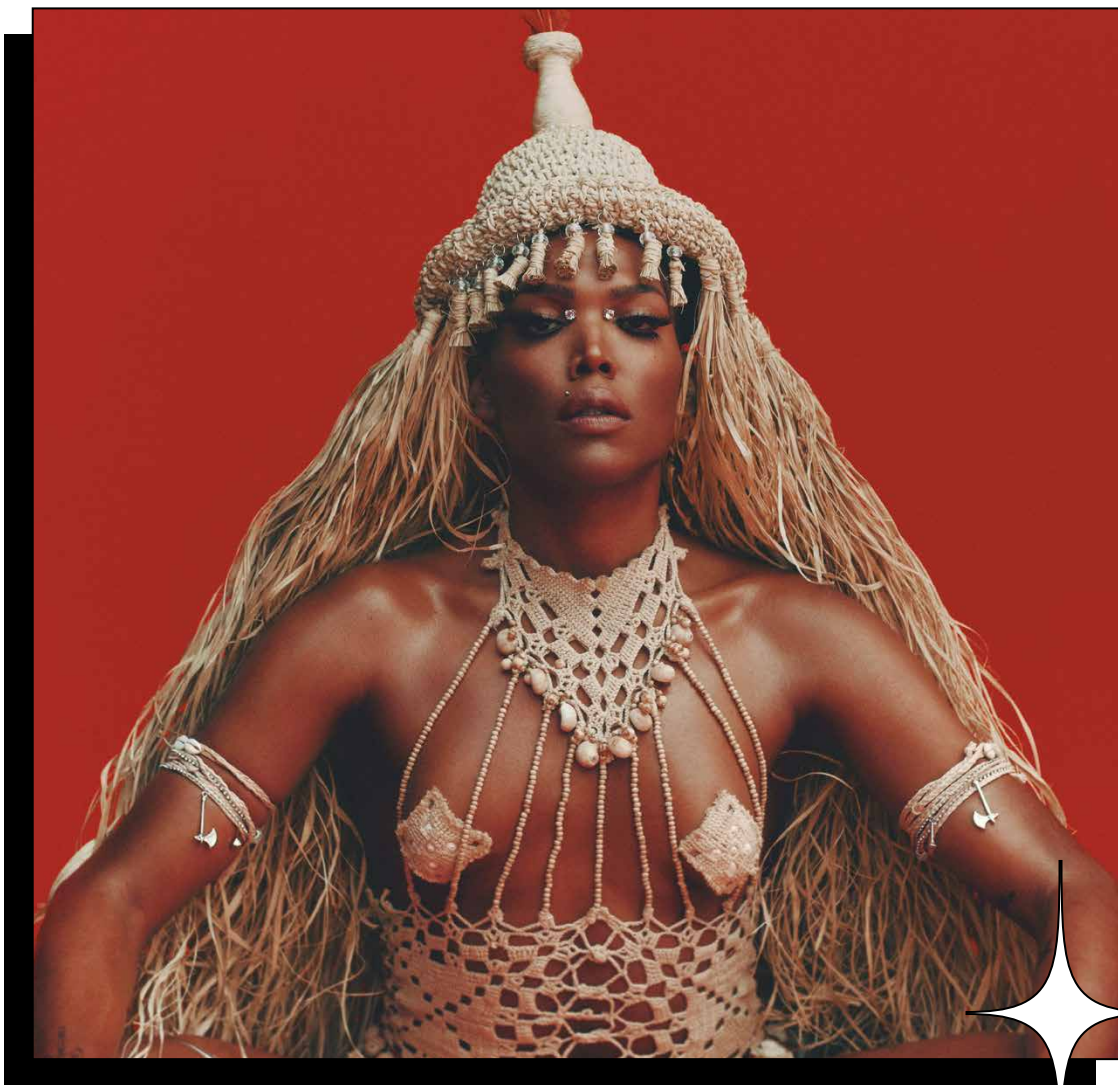


BIXARTE (PB)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 19 de agosto | 22h - 23h

Bicampeã do slam estadual da Paraíba, indicada ao prêmio Sim São Paulo e como artista revelação no Women Music Event em 2021. Bixarte é a primeira mulher trans ganhadora do festival de música da Paraíba em 2020.

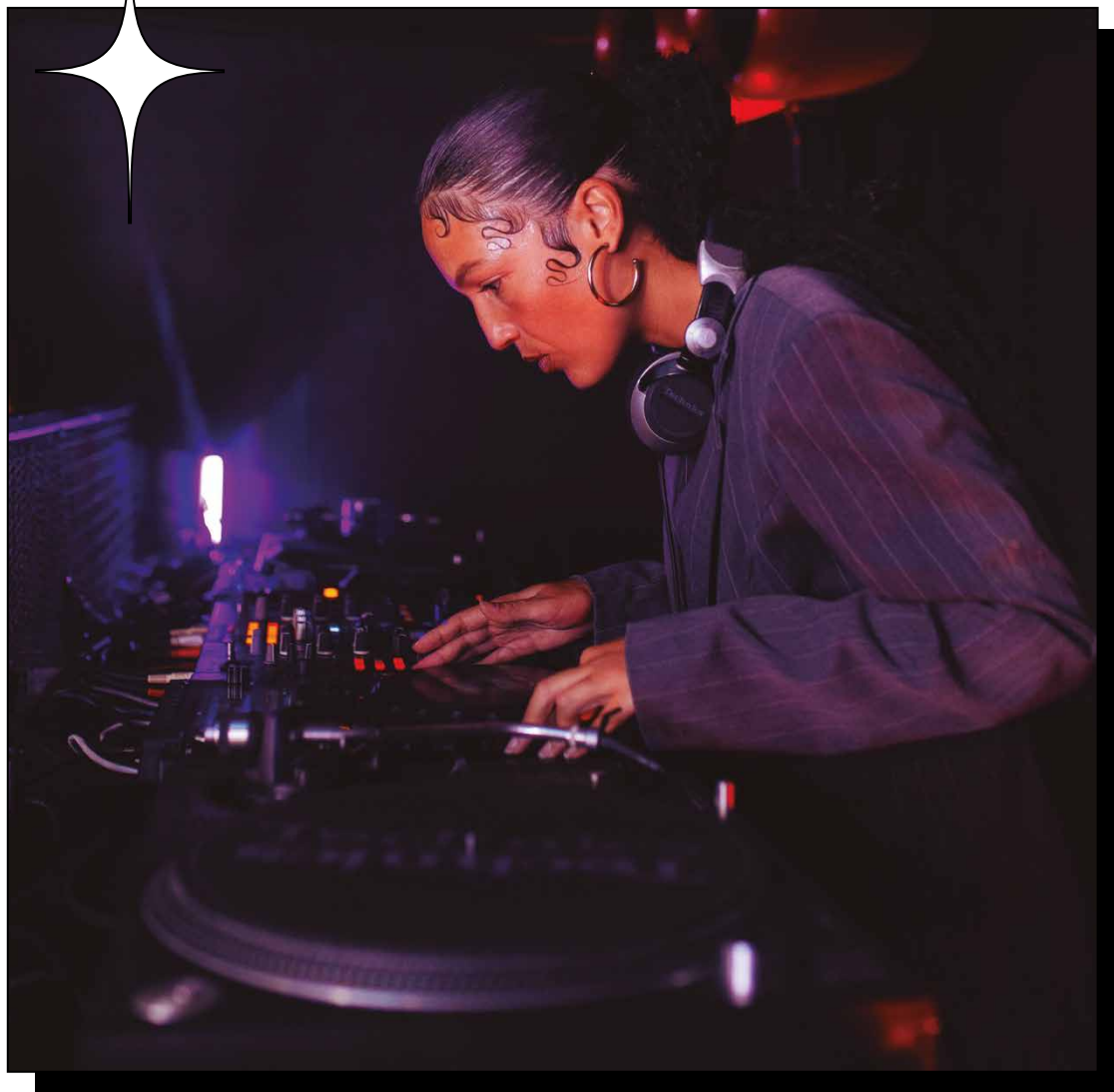
Reconhecida pelo que canta e recita sobre o que vive e também sobre suas dores, anseios e paixões embalados nos ritmos do rap, funk e etnopop. Atualmente a cantora se prepara para lançar seu primeiro álbum de estúdio patrocinado pela Natura Musical.



MAJUR (BA)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 19 de agosto | 00h - 01h

Majur lançou em 2021 seu primeiro disco de inéditas, chamado Ojunifé. O nome vem do idioma iorubá e significa “olhos do amor”, simbolizando o amadurecimento pessoal e artístico da cantora soteropolitana e dando o tom do atual momento de sua carreira. Com participações de Luedji Luna e Liniker, produção assinada por Ubuntu e Dadi e direção musical da própria artista, o álbum explora as diversas facetas dessa nova Majur, indo a fundo em suas vivências, amores e reflexões.

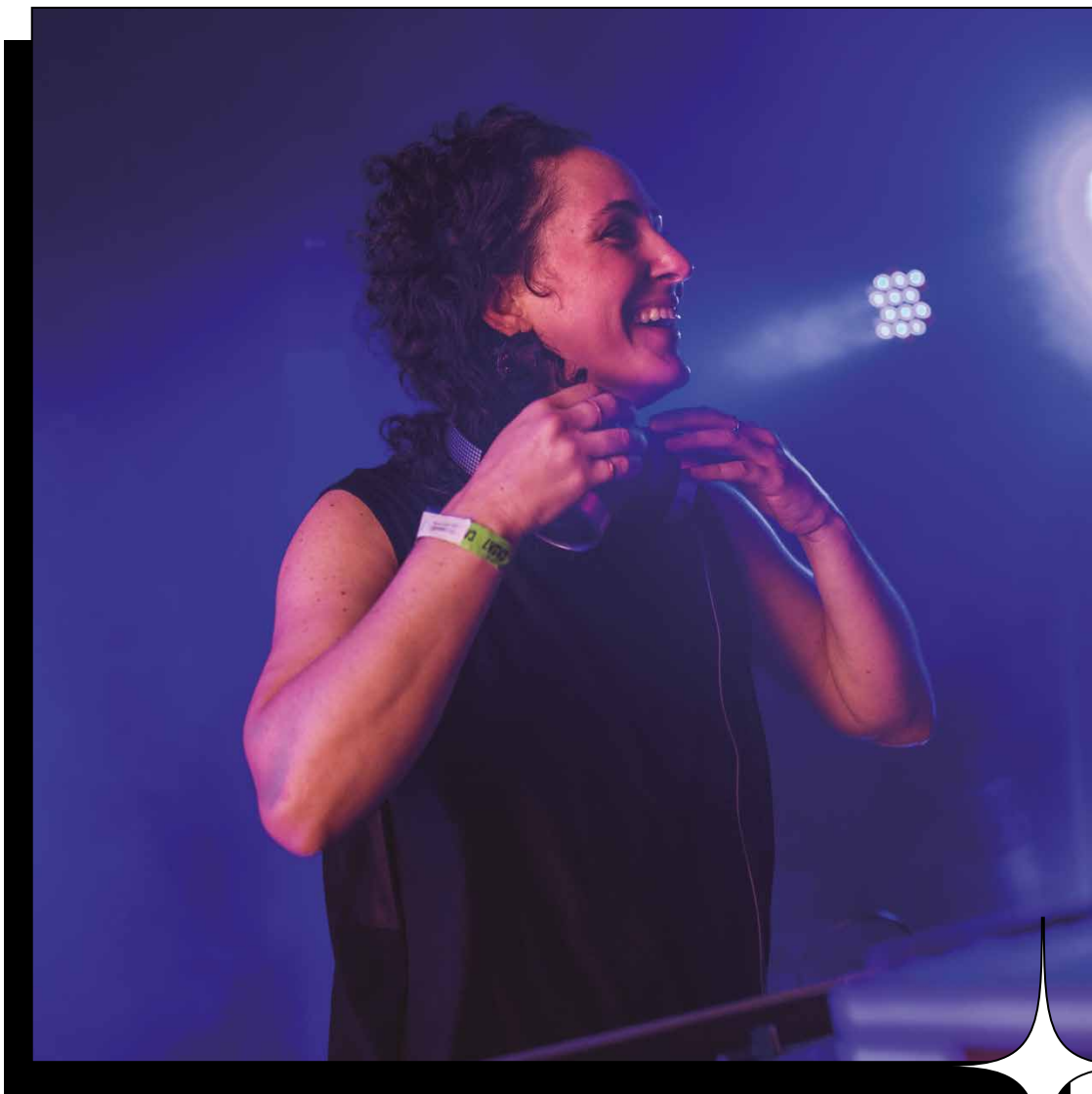


SISTA ILÚ (ES)

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dia 19 de agosto | 01h - 02h

Tocando nas pistas desde 2015, a atmosfera criada por Sista ilú é uma experimentação e pesquisa sonora que tem como principal elemento o grave dos sound system, criando uma conexão entre a música e o corpo através das batidas do som a dança é livre.

Muito bass music, afrohouse, funk, dancehall e black music nas caixas pra não deixar ninguém parado.



CAROL VARGAS (ES)

**19 de agosto | sab | Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | 00h - 01h |
Gratuito**

Carol Vargas é a musa cofundadora da DISCOTOPIA, festa de música eletrônica voltada para timbres melódicos e sons futuristas, pioneira em Vitória. A pesquisa da DJ abrange músicas de vanguarda com grande referência aos clássicos da Disco e da House Music. Se prepare para ouvir um repertório apurado e vibrante numa mistura bastante original.



EMICIDA (SP)

**Centro Cultural Carmélia | Palco Principal |
Dia 20 de agosto | 22h30 - 23h30**

Emicida nasceu em 1985, em São Paulo, onde vive e exerce a sua arte. Desde que lançou a sua primeira mixtape, "Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida, até que Eu Cheguei Longe..." (2009), o rapper construiu uma trajetória que foi conduzida como um experimento social. Assim, não limitou a sua criação à música. Por meio da Laboratório Fantasma, empresa que surgiu para gerenciar a sua carreira, mas que hoje atua como plataforma de entretenimento e de conteúdo transformador, ele deixa a sua marca na música, na moda, na literatura, na sociedade e em todo projeto a qual se dedica. Rapper, escritor, empresário, apresentador e pensador contemporâneo, Emicida tem dois livros infantis lançados "Amoras" (2018) e "E Foi Assim Que Eu e a Escuridão Ficamos Amigas" (2020), além de uma antologia que celebra os 10 anos da sua primeira mixtape. Fez história nos três desfiles que realizou na SPFW, principal semana de moda do Brasil, levando representatividade para passarela. Nos seus trabalhos musicais, ele acumula parcerias com Caetano Veloso, Wilson das Neves, Zeca Pagodinho, Vanessa da Mata, Pablo Vittar, entre outros nomes. A discografia de Emicida lista ainda a mixtape "Emicídio" (2010), os EPs "Sua Mina Ouve Meu Rep Tamem" (2010), "Doozicabraba e a Revolução Silenciosa" (2011) e os discos "O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui" (2013), "Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa" (2015) e "AmarElo" (2019). Este último, inclusive, ganhou o Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de rock ou Música Alternativa em Língua Portuguesa e o elevou ao panteão da música brasileira. AmarElo também marcou história pelo seu show de lançamento ter acontecido no Theatro Municipal de São Paulo. A apresentação serviu de fio condutor para o celebrado documentário AmarElo - É Tudo Pra Ontem, disponível na Netflix, além de ter chegado nos aplicativos de áudio.



Cesar MC (ES) com partição do Coral Serenata D’Favela

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 20 | 21h - 22h

Cesar MC, 25 anos, Jovem Negro. Começou a rimar aos 16 anos e ganhou destaque na cena ao vencer as principais batalhas de rima do seu estado e do Brasil. Em 2017 foi Campeão Brasileiro no Duelo Nacional de MC’s, maior competição de rima improvisada do país. Após a conquista do campeonato nacional de rima, Cesar passou a se destacar na cena musical, sendo apontado como uma das maiores promessas do RAP brasileiro. Seus trabalhos já somam mais de 500 milhões de players nas principais plataformas de streaming, tendo destaque as músicas solos “Quem tem boca vaia Roma”, “Minha Última Letra” e “Canção Infantil”, que recebeu o disco de platina por oneRPM por ultrapassar a marca de mais de 70 milhões de players. Em Setembro de 2021 Cesar MC lançou seu álbum de estreia intitulado “Dai a Cesar o que é de Cesar” que contou com a participação de nomes consagrado do rap nacional como Emicida e Djonga, além de apresentar a cena o talento de Jaddy, corista de 15 anos do Coral Serenata de Favela do Morro do Quadro, comunidade que o artista nasceu e vive até hoje.



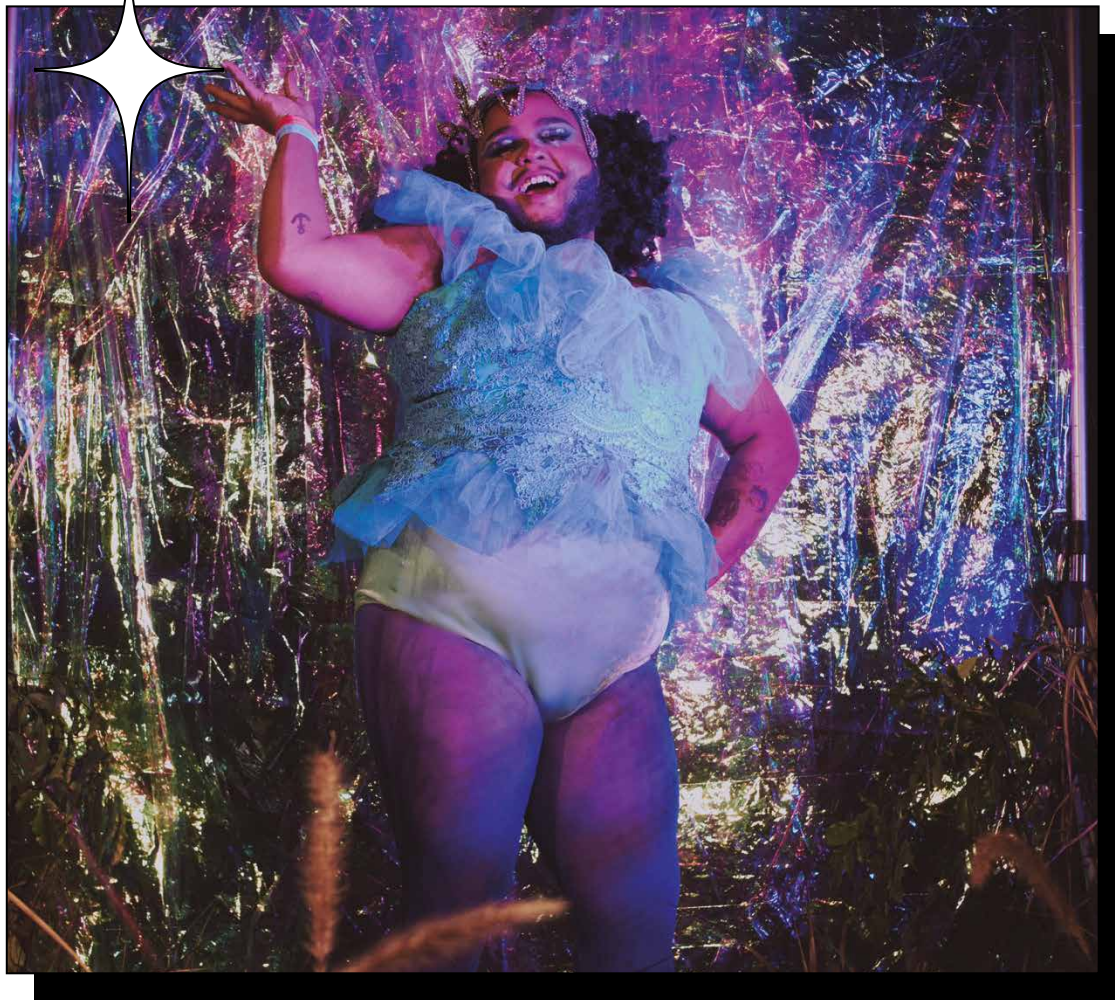
FBC & VHOOR (MG)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 20 | 00h - 01h

Criado nas batalhas de rima de Belo Horizonte, FBC é um artista com 16 anos de vivência no hip hop. Fundou a célebre DV Tribo junto com Djonga, Clara Lima, Coyote Beatz, Hot e Oreia.

VHOOR é um dos beatmakers mais originais do Brasil, misturando música eletrônica com elementos do funk e percussão afro-latina. O mineiro vem recebendo atenção da imprensa internacional, destacado em matérias no jornal britânico The Guardian, na revista Complex e no festival nova iorquino Afropunk.

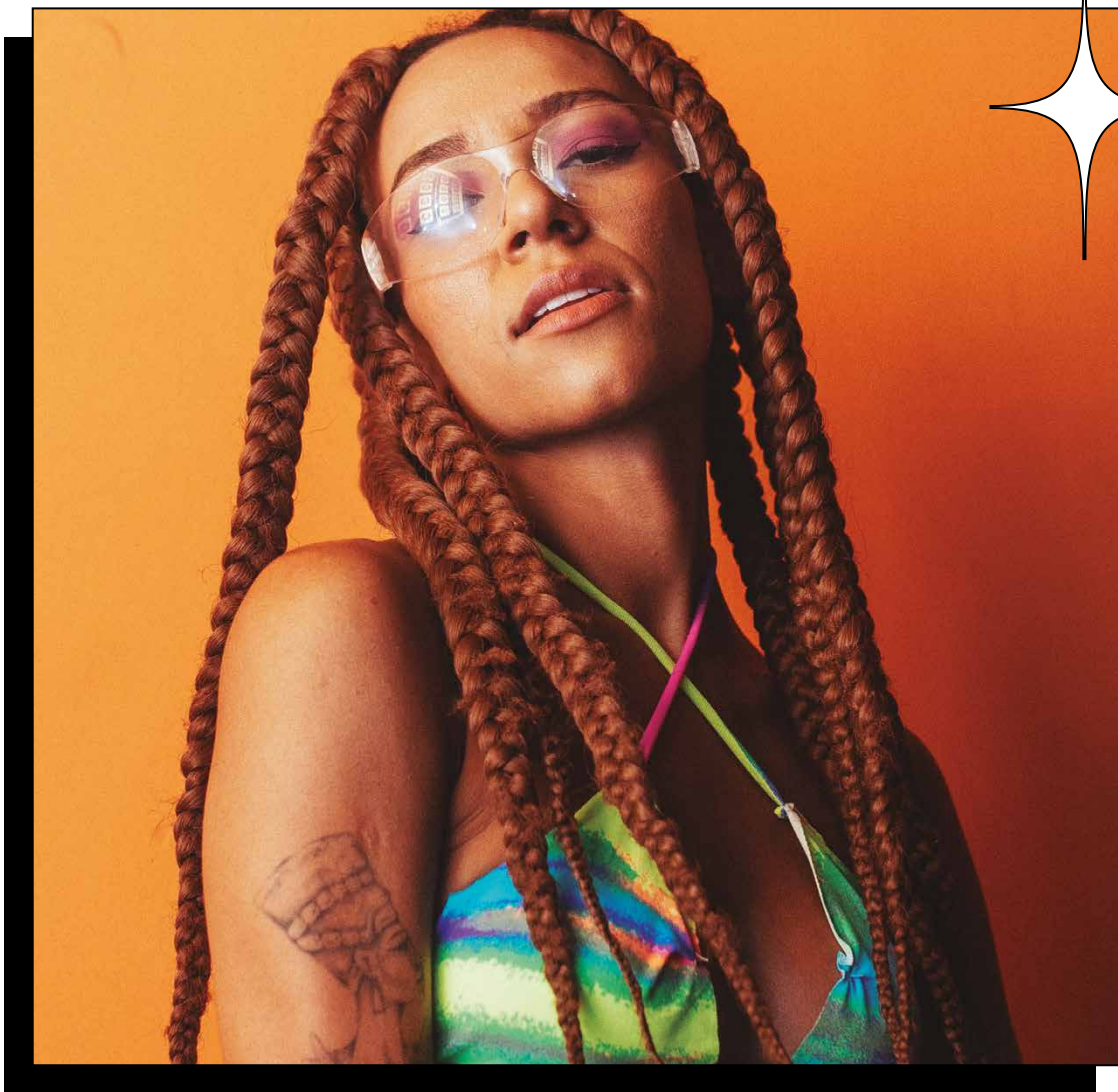
Juntos, eles produziram o álbum “Baile” que retrata a década de 90, quando os raps e melôs evidenciavam o cotidiano dos moradores dos subúrbios, abordando temas como a violência e a criminalização de seus jovens.



ÚRSULA PUSSYNAIL (ES)

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dia 20 de agosto | 01h - 02h

Autodenominada preta e gorda, a Drag Queen Úrsula Pussynail, a personagem que o artista Icaro Goulart (@ihcarai) dá a vida, é sinônimo de empoderamento e música. Há mais de 4 anos atuando como Dj. Aluna da Dj Miria (Todas Podem Mixar - SP) e do Dj Dorly (Heavy Baile - RJ) ela é referência nas pick ups quando o assunto é Drag Dj. Discotecando e performando em diversos espaços da cena capixaba, para Úrsula a única regra é soltar as feras e não ficar parado. Atualmente o artista faz parte do selo da Perc Produções (@percprod) e participante e colaborador do coletivo de djs Rua (@ruafest).

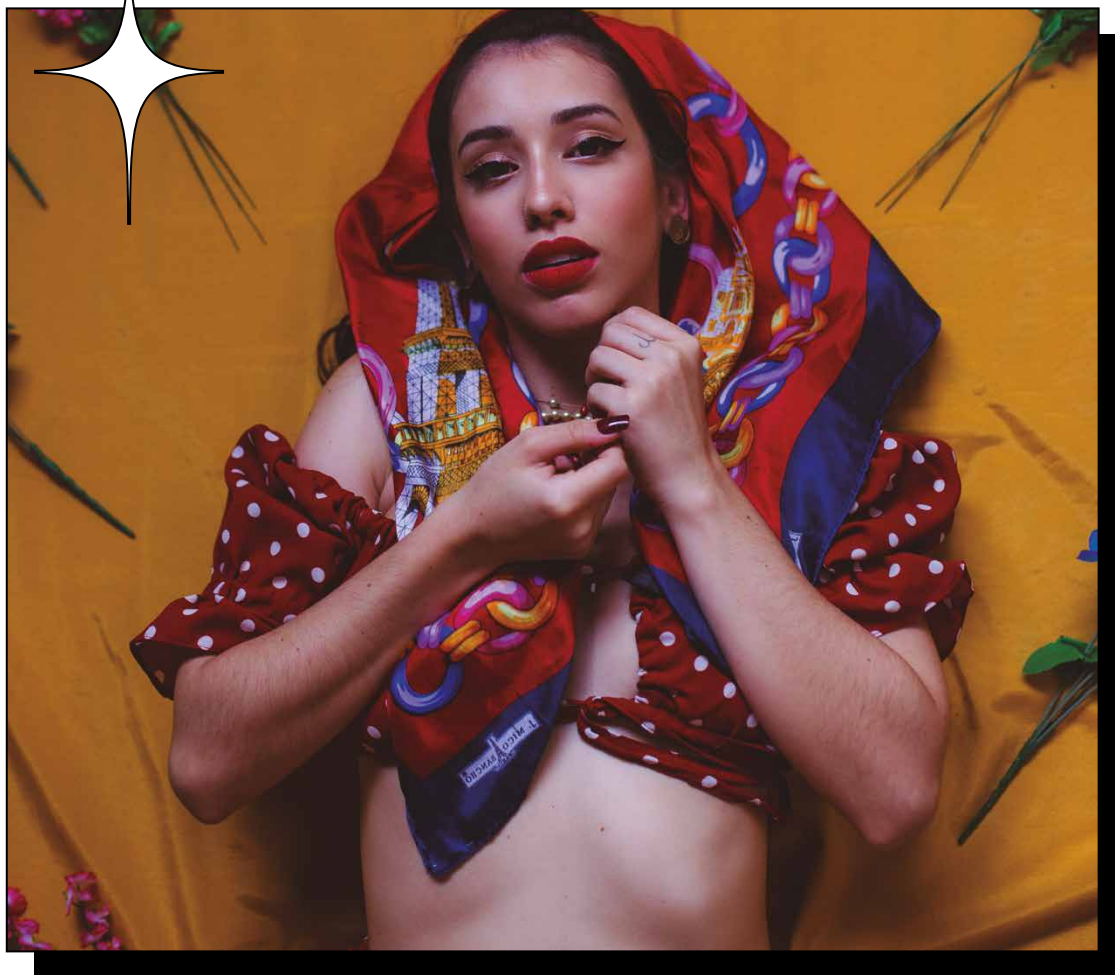


KAROLLA (ES)

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dia 21 de agosto | 20h - 21h

Começou a se interessar pelo mundo da música aos oito anos, quando aprendeu a tocar violão e a descobrir sobre os softwares de Dj.

Com um set recheado de afrobeats, pop, funk, regado à brasilidades e referências pretas, Karolla chega pra escurecer e incendiar a pista com a mistura insana de um som cativante e cheio de brasilidade. A regra é não ficar parado!

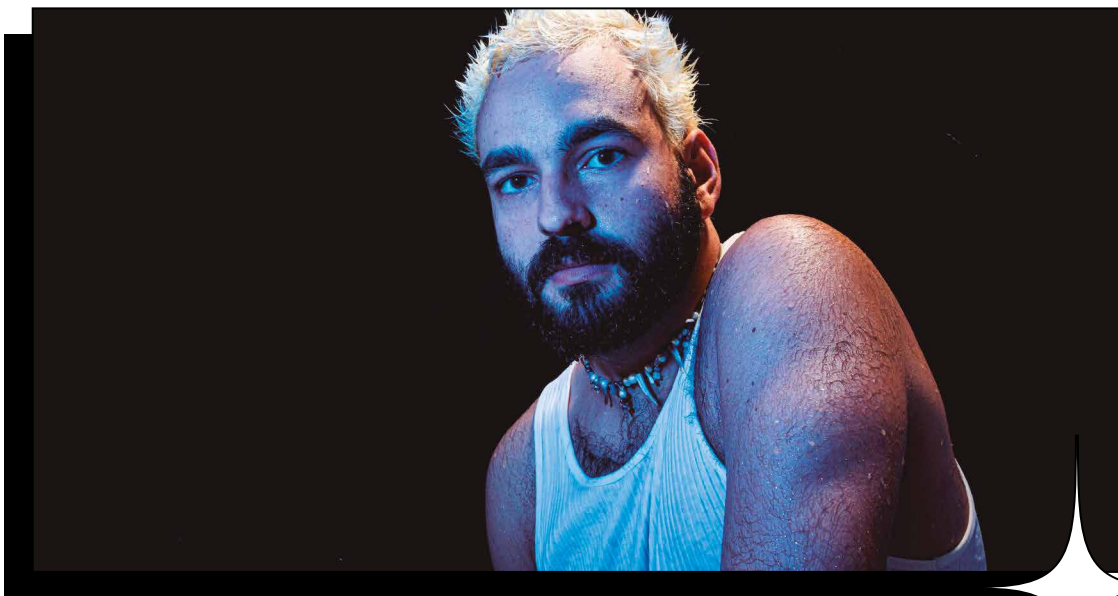


ALINNE GARRUTH (ES)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 21 de agosto | 21h - 22h

Alinne Garruth é uma cantora e compositora que vem ganhando cada vez mais força na cena independente – não à toa, suas canções acumularam mais de 80 mil plays ano passado. Marcada pela energia da música pop junta à força da MPB, suas obras são reflexo da própria vida. Já estudou canto e teatro musical, além de uma variedade de estilos de dança.

Seu último trabalho lançado foi o EP Coroa (2021), posteriormente ao EP Abre Alas (2020), que retratou a versatilidade da cantora no universo pop.



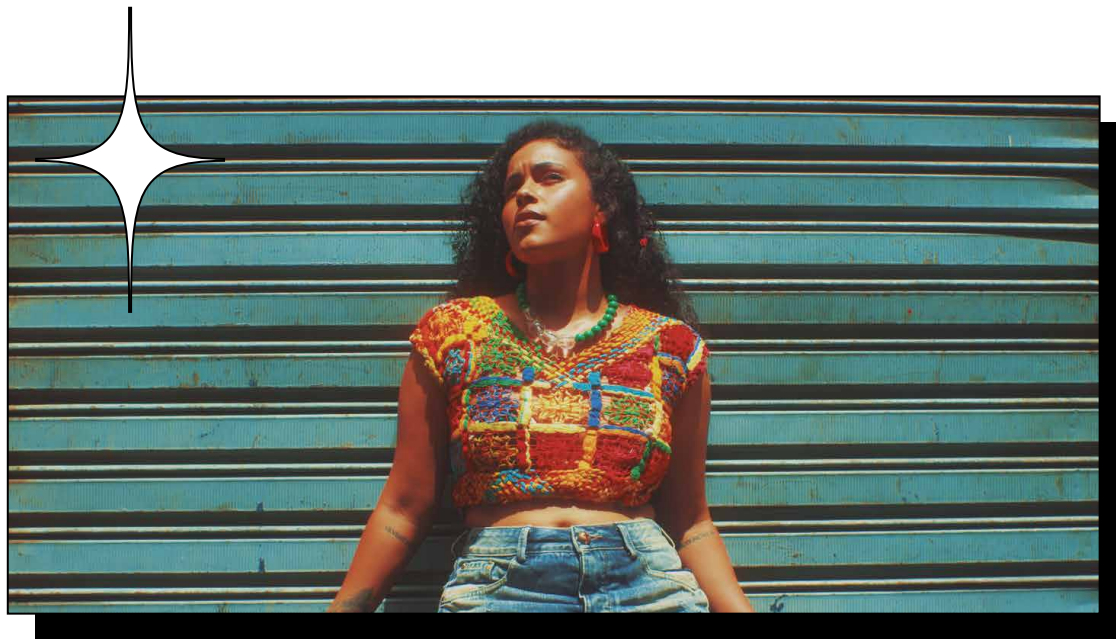
TOTÔ DE BABALONG (BA)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 21 de agosto | 22h30 - 23h30

Aos 26 anos de idade, Heitor Alencar Pinto, mais conhecido como Totô de Babalong, é um multifacetado artista que carrega consigo uma identidade única em todas as vertentes em que atua. Seguindo uma linha estética “não conformista”, ele une as mais diversas referências de modo refinado, ao mesmo tempo que ousado e único. Enquanto estilista, ganhou notoriedade nacional com sua marca Babalong (uma espécie de abreviatura em chinês para as palavras “Brasil”, “Bahia” e “dragão”), que já vestiu nomes como Anitta, Ludmilla, Luiza Sonza, Pablo Vittar e Vitão.

Para sua atuação no mundo da música, ele transportou suas referências do mundo da moda, abraçando a ideologia da “bagaceira” e adotando-a de um modo que transmita riqueza e originalidade. Enquanto isso, abraça sonoridades pop com referências solares e tropicais, desde a bachata até o funk.

Atualmente, Totô trabalha a divulgação de “Contém 1 Drama”, seu solar e tropical disco de estreia, que será divulgado na íntegra no próximo dia 5 de agosto. O álbum vem recheado de referências das mais diversas (do forró à música eletrônica) e letras irreverentes que confirmam sua identidade musical.



RACHEL REIS (BA)

Centro Cultural Carmélia | Palco Principal | Dia 21 de agosto | 23h30 - 00h30

Rachel Reis é uma cantora e compositora nascida em Feira de Santana, na Bahia. Com sonoridade única, seu trabalho é uma mistura da essência da música de seu estado com referências do universo pop, afrobeat e MPB. De voz potente e ao mesmo tempo suave, Rachel traz em sua música uma batida -tropicana futurista-, onde mostra personalidade no canto, na presença e nas composições que abordam a vida cotidiana e dilemas amorosos contemporâneos.

Em 2021, lançou o EP Encosta, trabalho em parceria com os produtores musicais Zamba e Cuper, com o intuito de homenagear a Bahia através dos ritmos. O projeto ganhou um EP visual e já conta com mais de 2 milhões de plays no Spotify. Devido ao sucesso da empreitada conjunta, lançaram a faixa bônus do projeto: “Maresia”. A música tomou conta do verão baiano; ultrapassou 3 milhões de execuções; charteou por mais de um mês na playlist VIRAL 50 do Spotify Brasil e, mesmo após 8 meses do seu lançamento, continua a marcar presença nesta com suas múltiplas entradas. Após muitos pedidos dos fãs, a faixa ganhou seu próprio clipe.

Após o lançamento e promoção do EP “Encosta”, a cantora iniciou o processo de produção das faixas do seu primeiro álbum de estúdio que será lançado ainda em 2022.



DEEKAPZ (SP)

Centro Cultural Carmélia | Tenda MC | Dia 21 de agosto | 00h30 - 01h30

Deekapz é um duo de produtores de Campinas, interior de São Paulo, formado por Paulo e Matheus que misturam suas influências da música eletrônica global de club - o global bass -, com o background dos beats tropicais e brasileiros.

Com um público fiel na Europa - que tem mais contato com o tipo de som e possui uma cena mais sólida - e também nos Estados Unidos, os beats reverberam e artistas e labels de fora encontram nos meninos uma mistura de técnica nas produções e mixes. Nas collabs, assinaram produções com grandes nomes como Sango (Soulection), Kojoy Radical e Axwell Ingrosso. Além disso, as contribuições com artistas nacionais passa por várias interpretações do que é a identidade sonora do Brasil. Já assinou faixas com nomes como Kevin o Chris, Pablllo Vittar, Criolo, Tropkillaz, Arnaldo Antunes, Rincon Sapiência, BK, Akira Presidente, entre outros.

Durante 2020 e 2021, o duo se concentrou mais nos lançamentos autorais com 3 EPs: Jewel Gems, Ensaio Sobre Você e Poly, ganhando destaque na imprensa internacional em plataformas como Complex, The Fader, Bandcamp, Essence, Resident Advisor e Okayplayer, além de faixas em rádios consagradas como BBC1Xtra, BBC6 Radio, KCRW (Los Angeles) e KEXP (Seattle).

NOSSOS MOVIMENTOS





Realização de intervenção artística urbana promovida pelo MC.Arte, em 2021 e 2022.





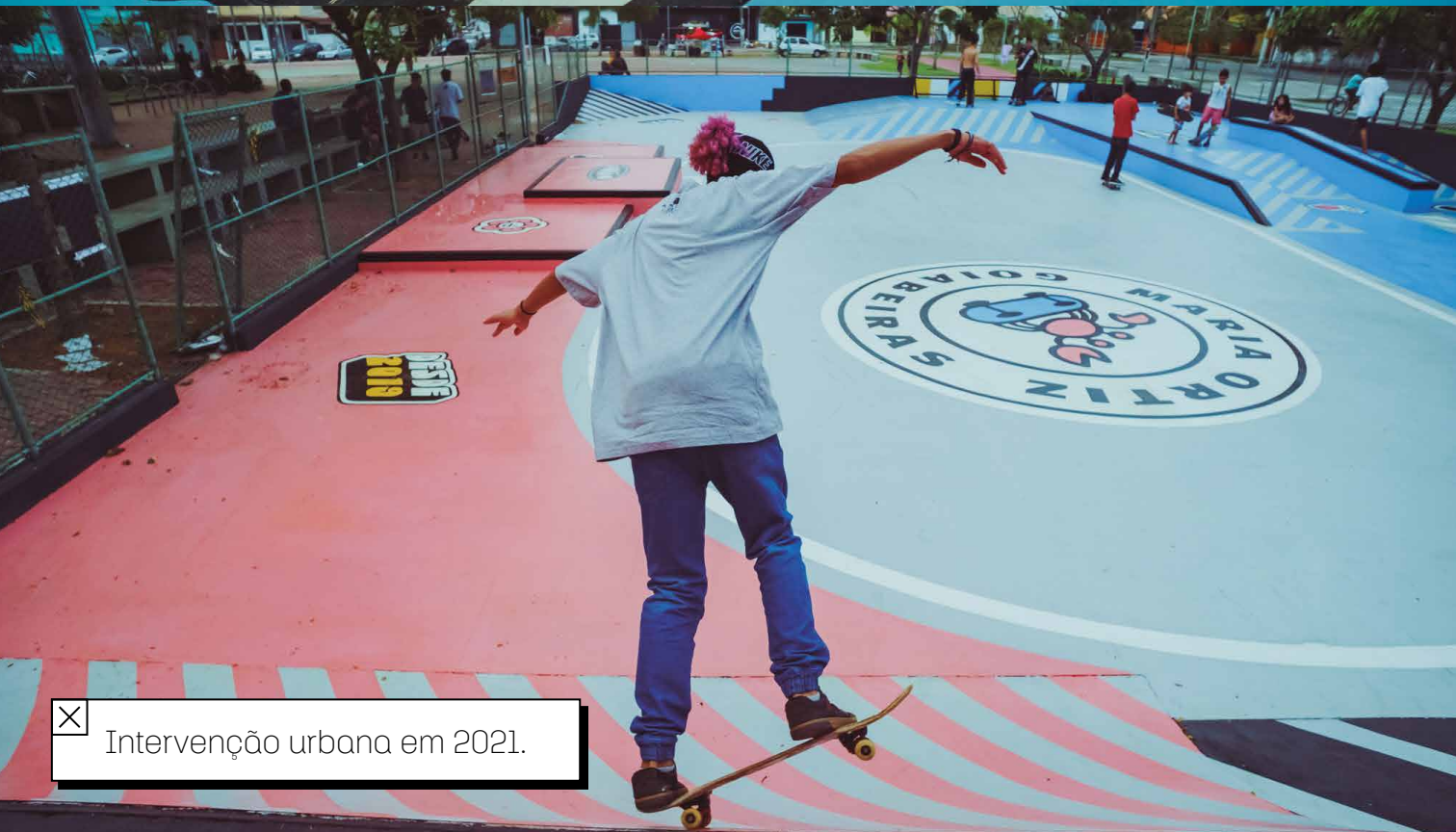


Realização de intervenção artística urbana promovida pelo MC.Arte, em 2021.





Cenografia do palco onde as atrações do MC.Música se apresentaram em 2021.



Intervenção urbana em 2021.



⊗ Atividade de formação proposta pelo MC.Lab, em 2022.

mc

Movimento
Cidade
2022
n.03

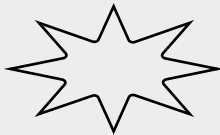


Carta ao leitor*AGIR - CONSTRUIR - ERGUER - OCUPAR*

Nesta terceira edição da revista Movimento Cidade, nos conectamos ao tema “Construir cidades”. Nesse esforço, convidamos os artistas aqui reunidos a partilharem perspectivas sobre essa “empreitada”. Assim, trazemos a proposta de exaltar a coparticipação da construção, partindo da compreensão de que o labor é contínuo e coletivo: tijolo a tijolo, carregado por muitos braços. Uma estrada possível para se projetar, erguer e vivenciar cidades seguras, acessíveis, justas, e que oportunizem a todas e a todos.

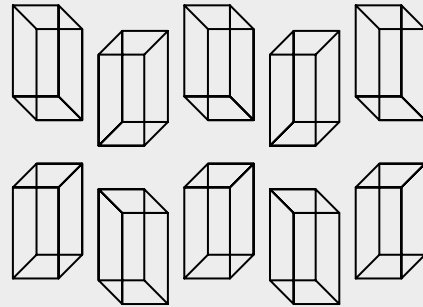
Desculpe o transtorno, em 2022 o Movimento Cidade está em obras!

Isabella Baltazar



2

A Revista Collab do Movimento Cidade é um produto coletivo, produzido a muitas mãos. Por isso, organiza percepções de criadores que receberam fundamental liberdade de expressar, opinar e escrever à sua maneira.



**Festival Movimento Cidade
2022/1- Edição Start**

Pronac 211240

Expediente

Editora-chefe · Isabella Baltazar

Capas · Beatriz Sacht

Curadoria de conteúdo · Isabella Baltazar

Direção visual e conceito ·
Isabella Baltazar e Paulo Prot

Revisão · Isabella Baltazar

Coordenação de Comunicação ·
Isabella Baltazar e Gabriela Camargo

Projeto gráfico e diagramação · Paulo Prot

Equipe Movimento Cidade

Diretor Geral · Léo Alves

Diretora de Programação · Julia Aguiar

Diretora de Comunicação · Luísa Costa

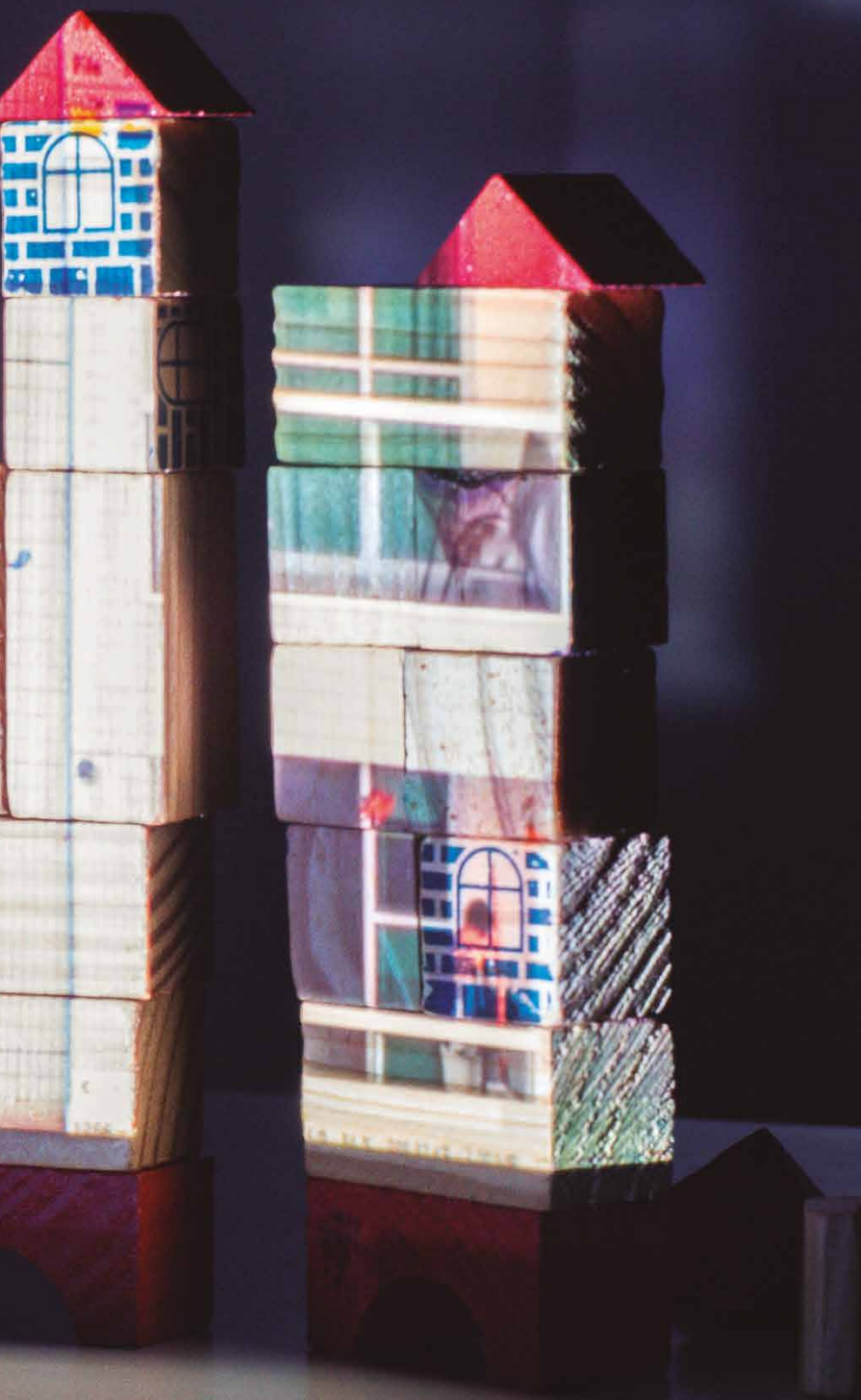
Diretora de Planejamento · Suellen Castello

Coordenadores Administrativo-Financeiro ·
Bárbara Magalhães e Matheus Moretti



CIRCULAR





Letícia Fraga

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, a artista busca compreender as relações entre os corpos e a arquitetura do espaço urbano ao estudar as coexistências de elementos do ambiente doméstico com os da construção civil, diante de ações de cuidado, manutenção e reparo, assim como o abandono, inércia e o ócio. Quem dita e sustenta as construções e os modos – ocidentais, diga-se de passagem – de viver, habitar e comportar-se? Ao questionar as condições das funções e gestos no entorno dos espaços domésticos, nas esferas do dentro, do entre e do fora, Letícia desenvolve sua pesquisa teórica-prática pessoal nas múltiplas linguagens do vídeo, da fotografia e da instalação. Atualmente integra o Grupo de Pesquisa “Entre - Educação e Arte Contemporânea” (CE/UFES) e do Projeto de Extensão “Como Construir uma Esfera Pública: debates sobre Arte em suas discursividades e imagens” (CAR/UFES).



sinopse dentro e fora: Este trabalho consiste na projeção de um trecho do vídeo “dentro e fora” em blocos de madeira, brinquedo infantil que convida a montar casas e castelos. São exibidas duas cenas de atividades de limpeza doméstica e urbana nas fachadas, ao mesmo tempo em que atravessam a característica lúdica e afetuosa das peças. Foi desenvolvido em processo experimental e interativo, em que a possibilidade de alterar a forma da construção com os cubinhos é infinita e pode ser alterada a cada exposição que participar. O som original de ambos os vídeos foram mantidos.

tes. Estampados por representações de pequenas janelas e tijolos, as peças de madeira compõem peças de montar direcionadas ao público infantil. Esse tipo de brinquedo ou brincadeira quer estimular, de forma lúdica, a criação de construções, espaços na infância. Empilhar, encaixar, subir e descer peças; colocar; retirar; derrubar; cair. A posição de uma peça específica pode ser crucial para a sustentação da estrutura que ela integra. Provocar uma reação a partir de um movimento, isto é, um conjunto de acontecimentos que, do mais sutil ao mais brusco, revelam uma variedade de significados.

Fincados em minha memória afetiva, o brinquedo retorna a minha vida transformado pelos questionamentos, incômodos e observações pessoais sobre o cotidiano doméstico na cidade. A partir de 2019, passo a investigar as relações existentes ao cruzar os elementos. Traço esboços, experimentos, montagens e instalações.

Em sem título (2019), eu tive a palavra “encaixe” como norte. “O quanto cabe nesse espaço? Como?”, pensava. Via o meu corpo, meus dedos e o corpo miúdo das peças do brinquedo em contraste com a arquitetura da coluna improvisando uma dança cuidada na busca do equilíbrio e de estruturas/formatos possíveis. Sigo em dentro e fora (2019), videoinstalação fruto da experimentação com a projeção de vídeos nos mesmos blocos. São exibidas duas cenas do que eu chamo de trabalho de manutenção: gestos de reparo e/ou limpeza doméstica e urbana no entorno das construções civis. Todos os registros fazem parte de um banco de imagens composto pela artista ao longo das observações pelas cidades, onde a divisão sexual do trabalho é evidenciada.

**Fotos por Melina Furlan*

Quais são as relações possíveis de serem estabelecidas entre corpo e arquitetura sob uma perspectiva artística e crítica? Que espaços são esses? Quais são os seres/corpos/sujeitos que habitam e transitam ali? Como a arquitetura – planejada ou não – interfere ou influencia no dia a dia das pessoas, considerando as camadas sociais, raciais e de gênero tensionadas no mesmo ambiente? Impulsionada pela reflexão sobre a ocupação do espaço urbano, especialmente por mulheres, encaro elementos do dia a dia na tentativa de evidenciar conexões possíveis entre o ambiente da casa e da rua, por meio de uma perspectiva de pesquisa e criação.

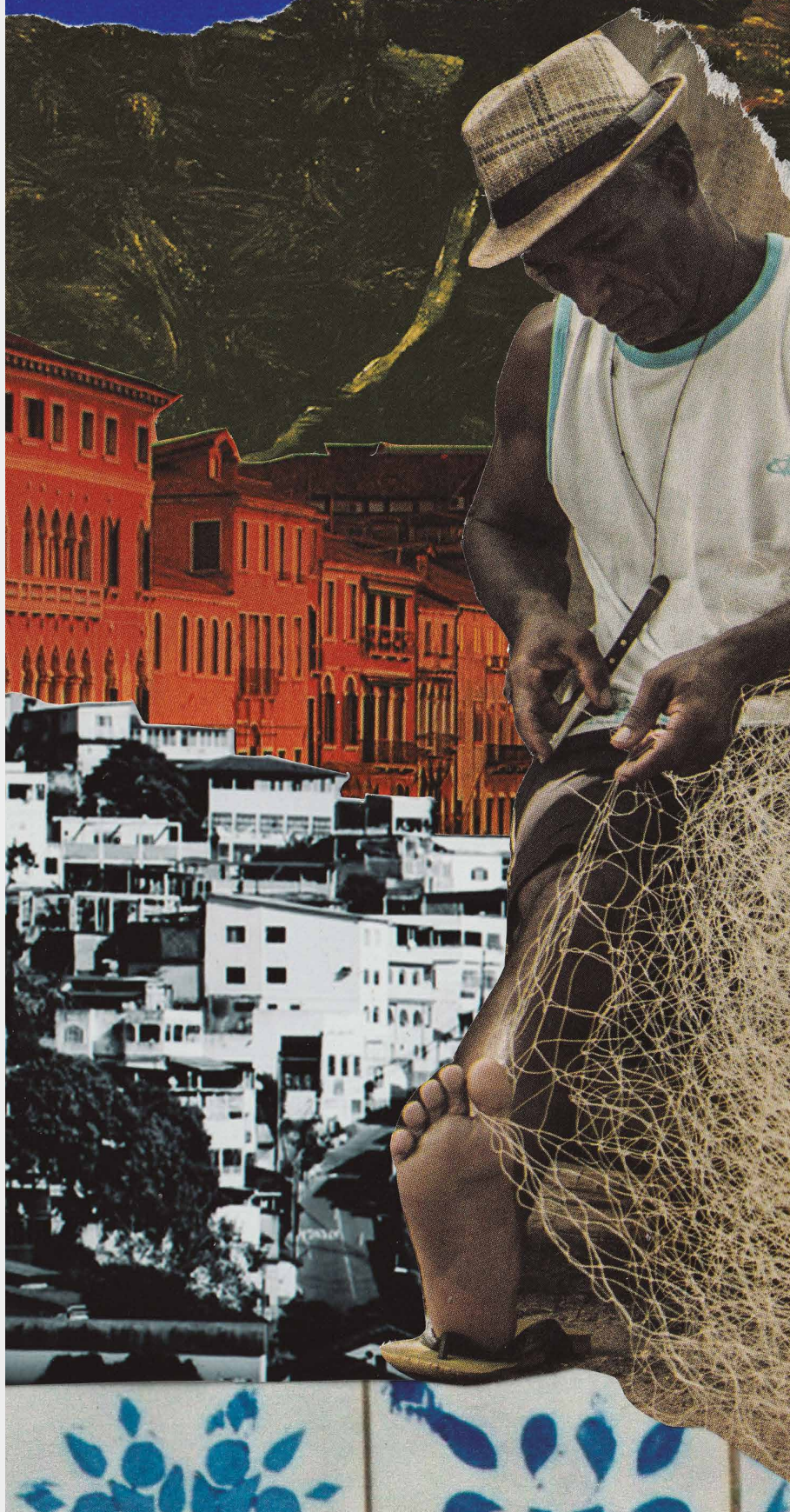
Quando era pequena, eu gostava de brincar com blocos coloridos, entre eles cubos, pirâmides e paralelepípedos. Lembro de imaginar cidades, torres, castelos, casas e pon-



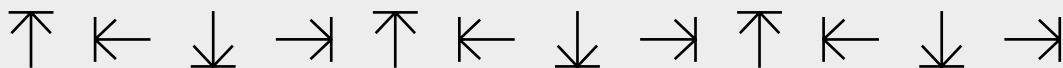


J.V. Abreu

Artista plástico e graduando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), possui diversas técnicas para a construção de suas obras, dentre elas colagens, bordado, pinturas, fotografias e vídeos. Através das suas artes mostra as realidades da cultura negra e as vivências de um jovem negro perante ao contexto periférico, partindo da comunidade em que reside, Alto Lage (ES).







A cidade se faz no caminho como instrumento de reflexão

Taynara Barreto

Da noite para o dia fomos forçados a viver em isolamento, distantes do convívio social, longe da rotina cotidiana, em um contexto cheio de incertezas e cercado de subjetividades. Tanto para quem ficou em casa, ou para quem viveu as jornadas comuns do trabalho presencial, estar na cidade ganhou novos aspectos.

Eu faço parte do grupo que seguiu sua rotina de trabalho normal durante todo o ano de 2020. Mas o caminho estava diferente. Havia muito espaço vazio, silencioso, apocalíptico, uma aura que me forçava enxergar tudo de um novo jeito. Comecei a me perguntar se tudo estava ali desde sempre ou eu que nunca havia prestado atenção.

Esse foi o primeiro insight para a construção do pensamento de *A cidade se faz no caminho*. Desenvolvido em 2022 com recursos do XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, o projeto nasceu de diferentes questionamentos. O principal deles era sobre como nós estávamos nos relacionando com a cidade, com os nossos caminhos cotidianos e com as alterações trazidas pela covid-19 em todo mundo. Muito se fala dos automatismos criados pela tecnologia, mas ainda não é totalmente tangível a importância da quebra de todos eles, principalmente no contexto (ainda) pandêmico que estamos vivendo.

A cidade se faz no caminho se torna um convite a apropriação de nossas ideias pelo percurso que realizamos pela cidade e como essas ideias concatenam com a cidade. Uma quebra aos automatismos e uma maneira de sentir presencialmente a nossa realidade. Se todo dia realizamos o mesmo trajeto, quais são as nossas vivências nesse caminho? Como as nossas histórias se misturam às histórias da cidade?

Ricardo Luís Silva, em sua tese *Elogios à Inutilidade: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana*, dedica a obra "a todos aqueles que assumem inquietos e aos pedaços, a Cidade como locus fundamental e transformador da condição humana". Este fragmento me toma de assalto sempre que o leio. Assumir esta transformação é assumir a nossa própria identidade e os significados de quem nós somos nos espaços em que habitamos.

A ideia de existência no contexto urbano cotidiano é não somente ampliada como desafiada a habitar de maneira significativa as fachadas, becos, travessias, ruelas, praças, muros pichados, cores, cartazes esquecidos, pessoas anônimas, placas, memórias e histórias, o movimento de todas as cidades.

Só é possível existir nestes espaços através da ação de caminhar pela cidade, observá-la com a atenta paciência de um trapeiro que vaga pelas ruas colecionando coisas, andari-lho de si mesmo, absorvendo seus pertences e curioso pelo caminho. A pandemia mudou meu foco de observação, e foi necessário refletir sobre ela. Me coloquei como trapeira pelo caminho. A cada passo novo dado na cidade, eu passei a colecionar a própria cidade.

Caminhar pela cidade se torna então ferramenta de criação livre. Permitindo que quem se põe no caminho, se faça na cidade de maneira sinérgica.



**“Para ver a cidade,
é preciso andar por
toda a cidade”.**

Rubem Braga

A cidade a qual me refiro neste ensaio é Alegre, interior do Espírito Santo. Berço de uma cultura universitária invejável, apogeu do tempo áureo dos grandes festivais nacionais, referência econômica no passado e conhecida por seus casarios e parques inspirados na arquitetura europeia da década de 1920.

Com o passar dos anos, a glória deu lugar ao ostracismo. Aqui, o tempo passa diferente, o desenvolvimento é lento, característica de toda cidade interiorana brasileira. A dualidade entre passado e presente transformam o cenário urbano em um relicário precioso, que necessitava de maior atenção.

Começar o pensamento de habitar a pluralidade que uma cidade interiorana possui, e





desenvolver por ela um trabalho pioneiro em linguagens visuais através da fotografia e do conceito crítico, permitiu compartilhar com a sociedade um verdadeiro despertar.

A fotografia foi escolhida para *A cidade se faz no caminho* por ser a única expressão artística que captura o tempo, um registro fidedigno de um momento que não existirá nunca mais, e que ressignifica a relação das pessoas com o passado e o presente da cidade, através da percepção da história impressa na arquitetura e nos espaços públicos.

Além disso, a fotografia hoje é a expressão de arte mais popularizada no mundo. Todos têm acesso a uma câmera digital ao alcance das mãos. *A cidade se faz no caminho* é, então, uma ideia democrática e popular, que pode ser difundida por todos aqueles que são movidos pela inquietação de estar na cidade, e ser parte dela.

A liberdade criativa proposta por este projeto/reflexão instiga a discussão da transformação do homem pelos caminhos da cidade no cotidiano e desperta os sujeitos estéticos presentes na arquitetura, no atemporal, no contemporâneo em lugares que julgamos muitas vezes não ter nada a oferecer.

Quando nos debruçamos nos conceitos múltiplos desta vivência com a cidade, nos permitimos ter contato tátil e sensível. O fazer fotografia se torna imersivo, promovendo ampla contemplação de tudo que nos cerca. O espaço urbano se torna, assim, catalisador de narrativas visuais poéticas e artísticas.

A cidade se faz no caminho não é uma política pública de desenvolvimento social, mas foi realizado com o mesmo sentido. Permitir que a sociedade faça parte desta reflexão, e execute de maneira plena em seus próprios contextos e visualizações reforça a necessi-



TEL-102

ALUGUEIRO
COTIZADO

EDIFÍCIO
REZENDE
(DE BRASILEIROS)

100

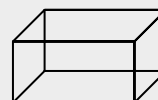
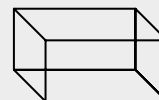
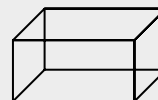
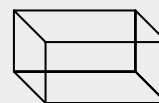
dade de democratizar a arte para além de espaços específicos. A exposição virtual coletiva proposta por este projeto é apenas um desdobramento de tudo que *A cidade se faz no caminho* propõe.

Ao observar a coleção de 120 imagens, criadas a partir desta reflexão, temos a certeza de que a proposta de *A cidade se faz no caminho* consagra por meio da arte o papel fundamental do cultivo do espírito, do crescimento civil e cultural da humanidade.



Taynara Barreto é comunicadora, diretora audiovisual, fotógrafa e produtora cultural. Ganhadora dos prêmios Boas Práticas de Promoção a Igualdade Racial no ES e do XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. O trabalho da artista recebeu o mérito de valorização da cultura negra capixaba com a medalha Chico Prego em 2021.

Acesse:
acidadesefaznocaminho.com





Observador Observado

Não é um espetáculo. E do lado de cá... Também não se encena.

Nunca foi uma encenação. Qualquer personagem sequer existiu.

Eu aqui e eles ali, sem planejar. A percepção dá o tom desses caminhos que se cruzam.

A sensação de ser visto, de ambos os lados.

Vamos existindo, nos percebendo...Anonimamente, suavemente.



Jussara Martins

Jussara Martins nasceu em 1983 em Vila Velha (ES), e vive atualmente em São Paulo (SP). Graduada em Jornalismo pela FAESA (ES), foi fotojornalista do Jornal A Tribuna-ES, para o qual recebeu dois prêmios como repórter fotográfico. Realizou as exposições "Corpos Ambientados" (Vitória, 2005) e "Estética da Transformação - o Corpo Híbrido" (Vitória e São Paulo, 2007-2008).

Por 7 anos, atuou como especialista multimídia na Evino Comércio de Vinhos. É artista visual, fotógrafa e videomaker, observadora e observada pelo cotidiano.









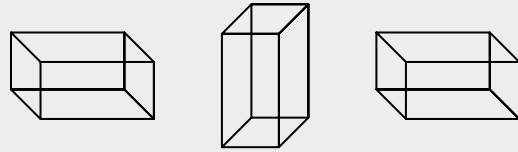
www.ceturb.es.gov.br





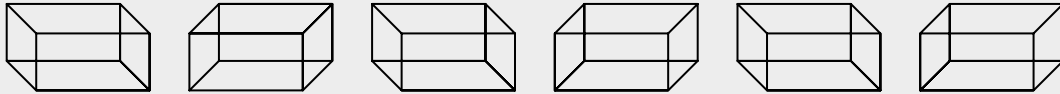
ste na arte

Poeta, multi-instrumentista e amante da arte. Tenho 19 anos, moro em Tararê e desde 2019 minha vida veio mudando com a poesia e escrita de forma geral. Tudo que envolve arte me envolve.



Minha cidade

Hoje é 3° feira e tem batalha do nove
E na 5° feira vai ter batalha da quinta
A roleta é baixa, a passagem tá escassa
Mais num pulo consigo ir de vix pra cariacica
De 514 cruzo a 3ª ponte
Terminal de vila velha é o meu destino
Qualquer coisa parto para o terminal do ibes
Pego o 518 e aperto o meu cinto
Paro em são pedro só pra dar uma admirada
No famoso pôr do sol mais lindo da cidade
Ilha das caieiras, uma ilha encantada
Tem caranguejo, moqueca e muita variedade
211 que garante meu rolê
Do subúrbio ao triângulo em 20 minutinho
E caso eu mude de ideia e queira sossego
Eu salto depois do shopping e curto um fra-
de todinho
A cidade é bela, minha cidade é linda
Encantos da natureza que renovam minha
energia
E sempre que vou embora a saudade fica
apertada
Por isso sempre retorno porque essa cidade
é casa.



Manifesto Ferramenta

Jefferson Medeiros

Pois aqui estou, de corpo cansado e espírito infinito.

Estou onde sou para dizer: eu ergui esse lugar, eu mantenho esse lugar, eu afago esse lugar e cada pedra da fundação tem a marca da minha mão.

Aqui eu sou o tempo. Pra que acordem, eu acendo o dia.

Eu sou a energia, o fluxo, a velocidade, eu sou o som da explosão; da martelada, do gargalhada, do coração.

Eu sou a ferramenta que constrói e a coluna que sustenta.

Eu venho anunciar que ocuparei a cidade, toda ela, sem faltar uma só parte.

As minhas botas vão marcar de barro vermelho o piso mais caro da torre mais alta do bairro mais nobre.

Não se preocupe, essa é minha casa, eu construí, sou eu quem limpo.

Eu sou o nós que essa noite não será guardado no quatinho escuro, no fundo do quintal, disputando espaço com as peçonhas.

Compartilharemos o melhor da cidade de forma horizontal, ninguém descansará no topo, não porque temos medo de altura, mas, por nunca aceitar que existam os de cima e os de baixo.

O nós que sou eu, vem cantar num coral de um corpo só: o trabalho deve ser consequência do amor geral, pão que se divide por quantas bocas tiverem fome e nunca, mas, nunca pena que se pague por ter nascido nós.

Sejamos apenas ferramentas comunitárias para uso solidário, jamais propriedade d'um senhor.

Que a partilha da cidade seja nossa urgência, nossa verdade.



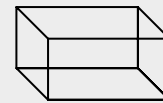
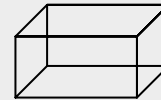
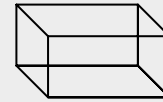
*De São Gonçalo, RJ,
Jefferson Medeiros é
professor de História,
artista plástico e músico
percussionista.*

Cidade de momentos

Todos os dias alguém acorda e sai pra trabalhar de manhã, com a correria do dia-a-dia não consegue reparar no cotidiano de beleza que temos na cidade. Pássaros cantando, brisa do mar, a restinga florindo...Tudo isso passa despercebido no mar de preocupação que as pessoas estão imersas.

Apreendi com meus ancestrais a apreciar o tempo, observar o céu, verificar a direção do vento e respeitar como tudo tem seu espaço e momento para acontecer. Mas como isso passa despercebido na cidade? O furor por coisas momentâneas, os resultados imediatos e a pressa pelo digital na cidade distancia as pessoas desses pequenos momentos que vem e vão mas que trazem momentos de reflexão e calma para o nosso espírito. Já reparou nos movimentos das ondas? No cantar dos pássaros ao amanhecer? Nos cactos florindo na restinga? Na grande e organizada confusão da feira do seu bairro?

Portanto, observe, respire, aprecie e o mais importante: MORE a cidade! Aproveite o que ela tem a ensinar, seja bom ou ruim. Contribua com olhares carinhosos, cultive acolhimento, preencha espaços, floresça amizades, construa momentos. Já pensou em “perder um tempo” vendo o balé das marés? Ir até ao Convento para apreciar o entardecer de outono? Colecione morada, afinal o é o espaço que vivemos e criamos memórias eternas. Deixe o tempo passar mais devagar... Traga um pouco do passado para o presente e dê uma calma para a chegada do futuro.



Tamires Cruz dos Santos

Mulher Indígena Tupinikim, Bióloga, doutora em genética e melhoramento de plantas pela UENF, mestre em ecologia de ecossistemas pela UVV. Com experiência em assuntos socioambientais e desenvolvimento comunitário, com foco principal na educação ambiental e sustentabilidade. Tamires também conta com experiência na área de educação ambiental e sensibilização da comunidade.



Artista e fotógrafa documental, realiza fotografias etnográficas visando a valorização e ressignificação através das suas lentes. Deslumbrada por cenas do cotidiano urbano, está sempre em busca de instantes únicos que compõem a cidade.

“Sinto Muito”

Ana Luzes

Fotografias de observações diárias que de maneira subjetiva estimulam o apreço por situações comuns e a representação dos sentimentos que nos envolvem. Realizado em locais movimentados do Centro de Vitória, o ensaio possui características de uma sociedade em que a individualidade tem um peso cada vez maior, trazendo à tona, para os mesmos a denominação “Não-Lugares” que Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês, emprega para espaços de rápida circulação onde o indivíduo perde sua identidade, se torna um ser anônimo e se mescla com os demais igualmente não identificados.











Condenado a ti

vejo os traços dela em cada canto da cidade
tão presa a mim quanto a luz do poste ou do sol que a
cela invade.

ela arrepia o corpo com o simples toque, onde num
momento de intimidade grita mais que uma guitarra em
show de rock.

é o que move meu universo, dando valor a cada verso,
pra entender me viro do avesso e tenho a impressão de
que a tenho comigo desde o berço.

inseparáveis como a caixa de som e o microfone, viver
pra ela é tão utópico quanto o comunismo ter fome.

em um belo quadro da vida, te faço pinturas ávidas, que
retratam a morte nessa selva de concreto, onde os meus
pra sobreviver precisam da sorte.

sendo tratados como meros animais, entrando em
extinção pela cor, mas não temos os rostos estampados
em papéis pois não temos valor.

a mão que salva é a mesma que mata, a mão que limpa é
a mais suja

tão irônico quanto o neurocirurgião que infarta e o
assistente que não ajuda.

é o fogo da brasa que queima a arruda, a tinta no corpus
Christi que enfeita a rua

as imperfeições que embelezam a lua e a maquiagem que
esconde a surra.

sou grato por tudo que ela me fez, viveria essa peça mais
de uma vez.

vejo minhas conquistas no fim do mês mas ainda não
enxergam Vale dos Reis.

se eu não te usar, você me descarta, o jogo é o mesmo,
só mudam as cartas

no inquérito eu me sinto incapaz, sou um anjo sem asas e
sem ter paz

condenei minha alma a ti, pejelei tentando te sentir
pra quê céu se o inferno é aqui, pra quê descobertas se
vamos sumir?

cada clique da Ana me reparte, cada palavra dita vira
entrave, quero ser o efeito da crase, pra dar mais ênfase
na frase.

no final te usei, mesmo sem intenção

eu te uso pra ter mais coração

há quem te use pra ter mais cifrão

cada qual vai colher sua parte

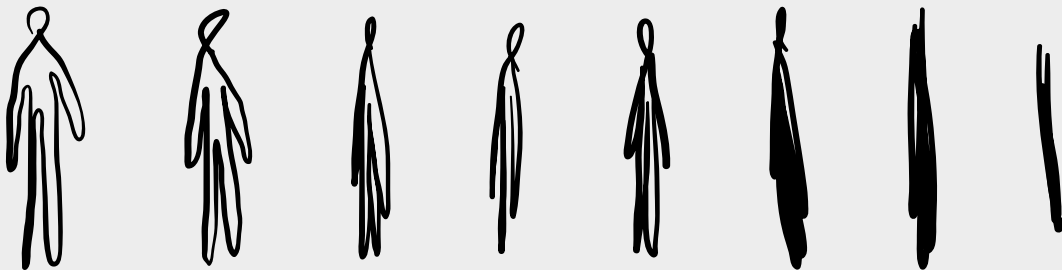
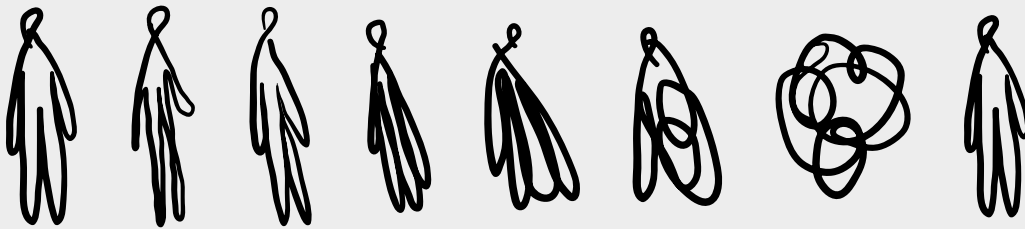
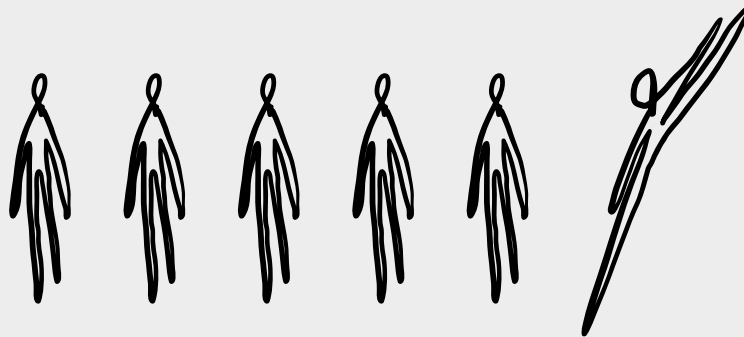
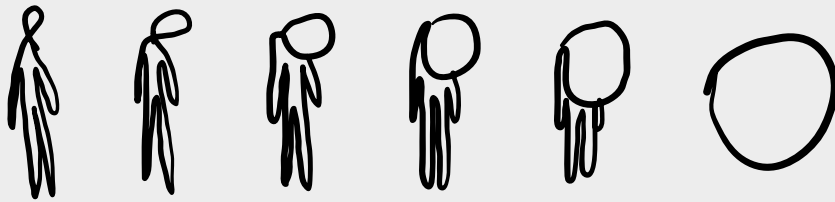
eu te odeio, eu te amo

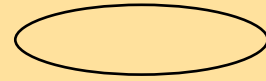
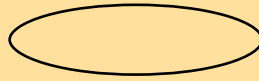
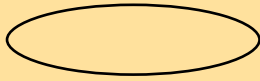
mas eu eu preciso de ti, pois você, é a arte



Santz Deivid

Universitário, artista, poeta e jovem negro. Cria de Vale dos Reis, iniciou sua carreira ano passado (2021) com 17 anos, ainda no Ensino Médio. Hoje com apenas 1 ano de carreira, possui diversos trabalhos realizados como: palestras e intervenções em escolas e faculdades, apresentações em festivais e títulos em competições de poesia falada (slam). Atualmente considerado “Rei do xamego” é também um dos idealizadores do “Slam Marielle”.





DE LIXÃO A ESPAÇO ACOLHEDOR

Ester Carro

“A Fazendinha antes me fazia medo, agora é alegria” – Rosinha, 55 anos.

Os espaços verdes foram se perdendo de São Paulo, cidade selva de pedras, e nas favelas a quantidade de espaços livres no tecido urbano é cada vez mais limitada, e a terra considerada um recurso escasso e raro. Muitos constituem vazios urbanos degradados, com escassez de opções de lazer e condições precárias de saneamento.

Não há políticas públicas que possibilitem a manutenção e preservação das poucas áreas verdes existentes, acarretando na diminuição do contato da população com o exterior, o convívio social, bem como alterações no microclima, pela ausência de árvores.

No processo de ocupação do Jardim Colombo, situada no Complexo de Paraisópolis, zona oeste de São Paulo, permaneceu livre uma área de aproximadamente 1.000m², com desnível acentuado de 18 metros, conhecida como *Fazendinha* por seu uso até 2007 para o plantio de alimentos e criação doméstica de animais por alguns moradores. A área foi posteriormente transformada em um grande depósito de resíduos, despertando a atenção de visitantes externos pertencentes ao grupo Arq. Futuro, que se inquietaram com uma dúvida óbvia: como tanto lixo poderia estar ocupando um dos poucos espaços livres existentes no Jardim Colombo?

Inicia-se, assim, no fim de 2017, um processo coletivo de transformação do local em uma área de convívio e lazer para a comunidade, inspirados no projeto do Parque Sitiê na favela do Vidigal no Rio de Janeiro. Após um ciclo de encontros, debates e discussões, anunciou-se em novembro daquele ano a realização de uma intervenção na *Fazendinha*, com o objetivo de fazer da área um parque local, objetivando-se a participação mais intensiva possível, sem a qual dificilmente se avançaria na concretização dos possíveis projetos e de sua preservação futura.

O esclarecimento da comunidade quanto à natureza e os propósitos do projeto gerou um grande entusiasmo, com a retirada de mais de 100 caminhões, percorrendo por uma viela, repletos de resíduos, entulho e móveis descartados no local. Feita a limpeza, a comunidade redescobriu a possibilidade de percorrer o antigo terreno de plantio e criação de animais.

Em paralelo a transformação territorial da área, inicia-se um processo de transformação cultural com os moradores com a criação de festivais anuais e uma programação mensal com atividades sócio-educativas, culturais e ambientais para atingir a comunidade, buscando-se difundir o zelo pelo espaço, a per-





Arquiteta e urbanista social, mestre em planejamento urbano. Presidente do Instituto Fazendinho e pesquisadora do Núcleo de Mulheres do Laboratório de Cidades do Insper e Arq. Futuro.



manência no local, propiciando um sentido de pertencimento.

Ainda se buscam os recursos econômicos para a continuidade das melhorias, mas as surpresas se mantêm: o espaço do parque Fazendinha permanece disponível e acolhendo atividades para a concretização do projeto, sem que houvesse cercamentos ou qualquer outro recurso restritivo para impedir sua ocupação privativa, em um contexto urbano onde se disputa cada metro quadrado.

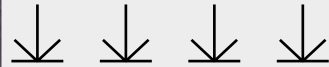
O projeto enfatiza que a arquitetura é processo, e não apenas resultado. Hoje a Fazendinha não faz mais medo, e sim acolhe, recebe, conecta e proporciona alegria, caminhos e soluções. A prova disso é o relato de uma das moradoras, sobre seu sobrinho que esteve recentemente participando do III Festival Fazendinho, logo após ter sido agredido e não ter encontrado segurança no seu próprio lar, constatando a importância desses espaços, pequenos refúgios urbanos:

“Boa noite nega desculpa não comparecer no festival pois no sábado o meu cunhado acabou se embriagado e bateu em todo mundo inclusive no filho dele, o Pablo, que estava no Festival. O menino está bem machucado não estou nem conseguindo raciocinar pois tá complicado por aqui então perdão por não ter ido.” Morada do Jardim Colombo, 13/06/22.

Os espaços livres seguem agregando ao meio urbano, assim como são primordiais para o desenvolvimento dos laços sociais e fortalecimento da cidadania entre a população, amenizando as injustiças sociais e promovendo a inclusão urbana de toda a sociedade.



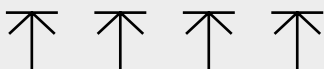
Lambes do mal



Os endinheirados condenam o espaço público como um lugar maldito. Optam por viver em “domiciliar prisão”. Criam formas de ir da casa para trabalho e para o lazer sem ter o desprazer de pisar na rua. Movimentam-se do privado para o privado em um sistema de repetição e anulação. Respiram ar condicionado e se relacionam através de telas luminosas e redes anti-sociais. Acreditam ter vencido na vida, mas não entenderam a batalha e muito menos o inimigo. Enfeitiçados pelo capital vêem no outro o problema ou possibilidade de lucro. Estabelecem uma anti-vida e compartilham o equívoco de forma violenta com filhos e netos. Fechados em condomínios, automóveis, shoppings, empresariais e coisas do tipo, desperdiçar o que de melhor se pode experienciar em uma cidade: a diferença. Ao contrário, fazem de tudo para se igualar e assim morrem secos, gradeados em um existir decadente. Qual o seu tempo de rua?



Somos passantes, de passagem nesse mistério do existir. Quantos já deixaram seus rastros por aqui? Quantos contribuíram para confecção do agora? Cada risco, cada ideia, cada improviso deixado no espaço se soma a outros milhões de detalhe deixados anteriormente. Camadas sobre camadas, desejos sob desejos, aventuras e passatempos. Toda superfície é profunda. O fora é fundamento. A cidade e sua troca de pele cotidiana. Bicho indomado, alimentado pelo risco, mal criado pelo fardo. Tatuagens nas paredes, fendas no inconsciente. Quem diz mais que a imagem? Leituras urbanas, publicações marginais, páginas proibidas, palavras camufladas, quantos muros você leu hoje? O que a cidade lhe contou? Fez seu dever de rua? "Quando criança, paredes eu li, quando cresci, nelas escrevi." É assim, é por aí, olhos atentos noutras paisagens. Só publico no público. Só a rua salva.



Crédito

instagram/lambesdomal
www.lambesdomal.com.br

Uma conversa com o concreto

Thayla Fernandes

O asfalto, quente, combina comigo uma temperatura para a vida. Nenhum corpo permanece sem ser perfurado - feito a fundação de uma nova cidade. Cada rua, cada encontro, cada despedida.

Querer-te justamente aqui, nesse cenário?

E despedir-me justamente já na esquina da próxima cena?

Estava eu ali, perambulando numa tentativa de formato, numa tentativa de rosto. Estava você ali, como mais um elemento no tráfego de gente pelo chão do mundo.

A pedra-sabão me abriu um portal qualquer pela cidade, onde os pés sozinhos não são um código, e só o desejo guia e demarca. A bolha do sabão da pedra enfileirada me inundou os olhos até que ardessem. Água de lágrima é dura o suficiente, forja o espaço quando bate?

Estava você, ali, dilatando minhas veias pelo fluxo de fuligem.

Estava eu, ali, uma cara indefesa e várias paredes armadas.

Tentei o que tantos já tentaram: perguntei ao concreto.

Como sair do meu hermético para o mais óbvio?

Perguntei, também, ao concreto:

se eu o toco, todos me entendem?
Se eu o planto, algo nasce?

Perguntei, ainda, ao concreto:

qual esquina me traduzirá a flor,

esta que define a minha pele,

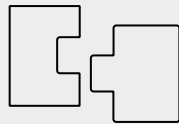
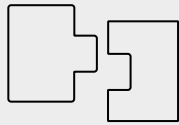
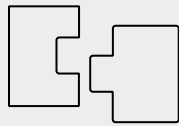
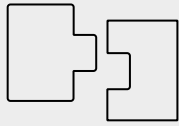
viva, carne,

endereço onde tudo,
necessariamente, queima?

Me despedi do concreto.

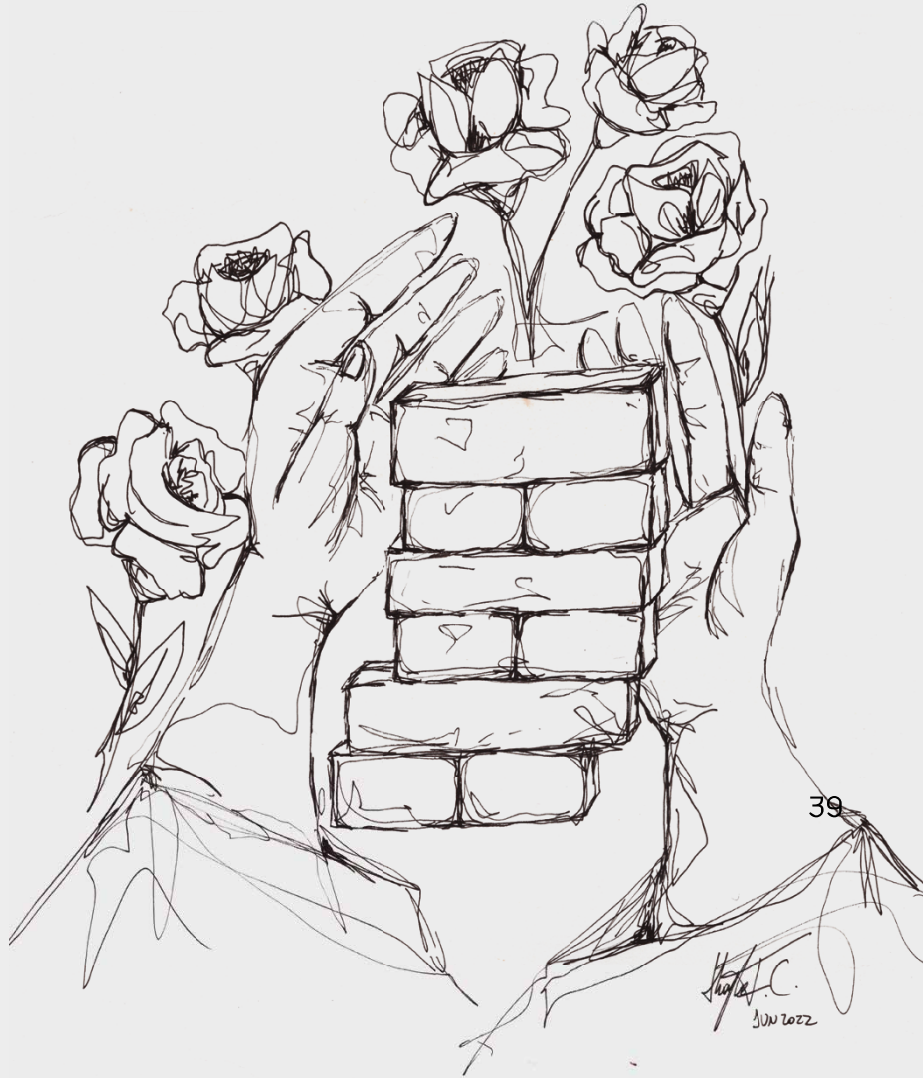
É no abstrato que arestas dos nossos mapas diversos encontram suas dobradiças?

É no abstrato que dobro eu
minhas dúvidas e parto?

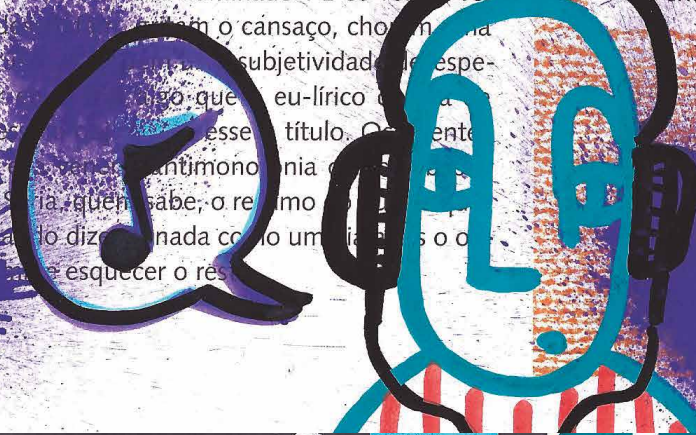


Thayla Conceição

Pará-pixaba, professora,
pesquisadora e
artista visual.



mitam, de... com o cansaço, choram na
sutil ang... subjetividade de espe-
rada por... que eu-lírico de
"paz". É es... esse título. O ente
mentos... antimononia de
a. S... quem sabe, o re...
lo diz... nada como um... o o
e esquecer o res...



UM SONZINHO
P'RA SE MANTER
ILESO NA BABILÓN.

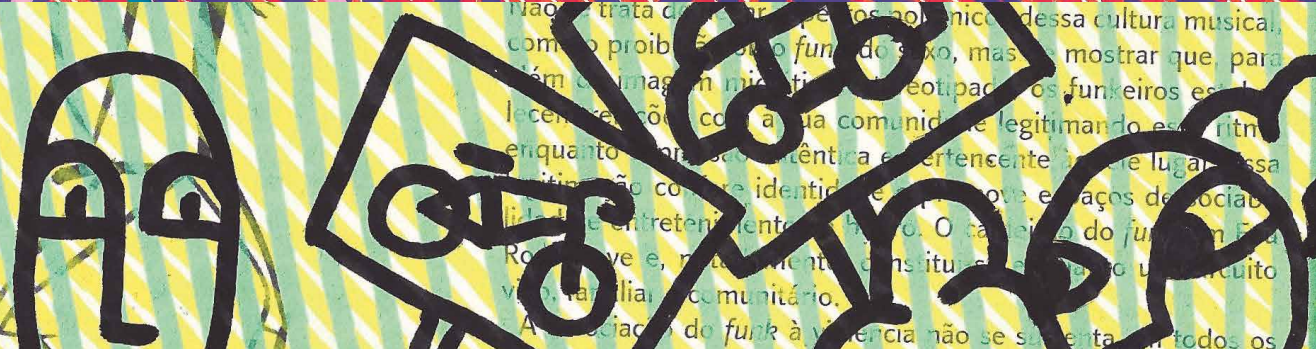


CIDADE
É TEXTO.



DAS FRICÇÕES
HUMANAS COMO
PRODUTORAS DE
LINGUAGEM...

Ilustração: Paulo Prot



Na... trata de... aspectos pol... dessa cultura musical,
como proib... do fundo do... mas... mostrar que, para
têm a... imagin... mic... eotipac... os funkeiros est...
lecer... com a sua comunidade legitimando esse ritmo
enquanto... se... tentativa e... pertencente... e lugar...
... não... com... re... identidade... e...
... e... espaços de... sociab...
... de entretenimento... O... do funk...
... e, n... n... d...
... v... familiar... comunitário.
A... do funk à... não se... todos os



MANIFESTAR



MANIFESTO

por Ana Pessoa

Edifícios móveis
de pernas. Elas vêm e vão,
gastam chão.
Corpo de concreto.
Mãos de Tião, empilha-empilha.
Mãos de Cida - e das pequeninas que ela carrega,
são muitas.

Das vigas, entranhas, de figuras esquecidas,
estrutura estremecida.
Das calçadas descalças,
guardando raiz de nada [porque é nada].
Ninguém vê.

De tão esquecido, tem lá teias de aranha.
Mas ninguém vê entranha. Se vê, estranha.
Toda a cidade ensaia a cena, baila,
passa tudo, chove, molha, vem o tempo e apavora
["faz muito tempo isso daqui!"]
Quem se lembra?

Na beira do asfalto partido -uns chamam
'buraco', outros dizem 'panela'.
Vão que se enche em poeira,
se remenda a cena, volta a acontecer.
Mas ninguém mais quer ver.
Corre! Prepara a massa! Cobre tudo!
Camada.
Camada.
Camada.
Camada.
Acabou tropeço,
acabou a festa.





Arte de Handerson
Chic por, Ana Luzes



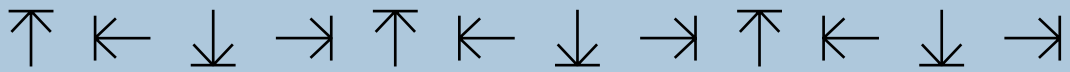
DIMITRIS C

G.R.E.S.
UNIDOS D'APIEDADES

caypa
caypa!
ciba
cibad



Ilustrações por Angela Gomes



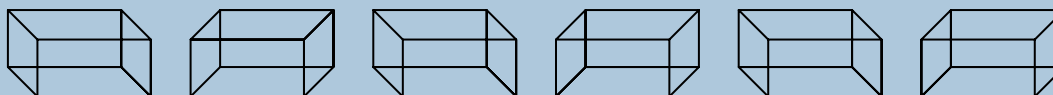
CORPO, CIDADE E LUGAR: outras formas de construir cidades*1.

Cinco pessoas, entre tantas na cidade, circulam intensamente nas redes na pandemia. Mulheres que se encontram com outras pessoas, debatem, divergem e ampliam temas e estratégias contemporâneas, hibridizam espaços físico e virtual nestes movimentos e criam outras formas de construir cidades.



O uso das redes sociais foi ampliado significativamente nos últimos dois anos, sendo necessário refletir também sobre a experiência de construção de novos caminhos para as cidades. Ao incrementar o uso das tecnologias digitais no nosso cotidiano, modificamos profundamente as nossas relações físicas, corporais e culturais com a cidade.

No recorte corpo-cidade-lugar articulam-se mapeamento e dispositivos móveis, mediados pelas redes pré-existentes e redes que foram criadas e transformadas, em 2020 e 2021. As cinco mulheres convidadas para participar da pesquisa, ligadas a movimentos sociais, culturais e de resistência, participaram de 111 lives, entre 15 de março e 30 de outubro de 2020.



Perfis (2020)

Temas

Juliana Lisboa: designer, co-fundadora do espaço empreendedor Oparque, plataforma cultural (desativada) e co-fundadora do Cidade Quintal, escritório de práticas e narrativas urbanas, com sede no Centro de Vitória.

Narrativas urbanas, design, arte e tecnologia, co-criação de futuros.

Rozilene de Sá: bacharel em Direito, Psicopedagoga e ativista cultural, ligada ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade e à Associação de Moradores do Centro (AMACentro).

Universo feminino no samba, cultura e pandemia, dia da mulher negra latino-americana, segurança pública e sistema prisional.

Stael Magesck: artista multimídia e ativista sócio cultural. Mantém, por iniciativa própria, o Centro Artístico Stael Magesck, no Centro de Vitória.

Espaços culturais e pandemia, direito à moradia, centro histórico, arte e educação, arte e pandemia, corpo e arte.

Crislayne Zeferina: Pedagoga, ativista social e presidente do Fórum Estadual de Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes); Atuante no Território do Bem, complexo formado por nove bairros e comunidades.

Cotidiano das mulheres, pandemia e poder público, coletivos periféricos, impacto da Covid-19 nas favelas e na população negra.

Deborah Sabará: presidente da Associação Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (GOLD), com sede no Centro; integra a diretoria da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT).

Coronavírus e LGTBTQI+, Diversidade LGBT e visibilidade trans, vulnerabilidades sociais LGBT e pandemia, juventude e preconceito.

Os mapas foram gerados a partir da localização das pessoas que participaram de lives com as convidadas. Estes mapas e a identificação das redes de interlocutores das convidadas foram construídos com o uso de ferramentas cartográficas do Google My Maps, utilizando-se dados públicos da rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, Instagram, que foram indexados a uma planilha interligada ao mapa. Além disso, foram realizados um questionário individual e uma oficina on line com as cinco convidadas, para apresentar, refletir e dialogar sobre os dados levantados.

As trajetórias das mulheres pesquisadas se articulam também com o movimento feminista no sentido de compreender que sua inserção ou não na sociedade, conseqüentemente, na cidade, é decorrente de processos e lutas históricas. Neste sentido, o espaço público não é neutro e o planejamento das cidades reproduz as estruturas ainda vigentes de poder e de opressão.

Ao politizar as desigualdades de gênero, segundo Suely Carneiro (2019), o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição permite que as pessoas tenham olhares diversos a partir do local que estão inseridos, fazendo com que outros processos particulares sejam desencadeados.

Apesar de a cartografia ser um instrumento de representação e uma forma histórica de legitimar políticas e ações de grupos sociais dominantes para influenciar a apropriação e percepção territorial, a cartografia também pode se tornar um método de construção da realidade de forma coletiva e horizontal.

A cartografia contemporânea dialoga com a possibilidade de rediscutir novas linguagens, sendo a arte (e suas diversas vertentes) uma das possibilidades de diálogo, pois o artista, assim como o cartógrafo, registra, absorve, processa, questiona e reelabora o seu tempo.

Uma nova ordem nunca está completa, é caminho, é pensamento proposto, é uma prática que se acumula no cotidiano, é a soma de pequenos e inusitados momentos. Recortar, rearticular, mapas e desejos cria uma cartografia com linhas soltas, abertas a novas conexões, em que outras pessoas, novas redes, observarão e participarão destes deslocamentos.

Destacamos o potencial de projetos e movimentos que valorizam a escala local, as práticas artísticas e culturais urbanas, como uma outra forma de pensar e intervir na complexidade das cidades, assim como o Movimento Cidade, que em 2022 realiza um festival no Teatro Carmélia.

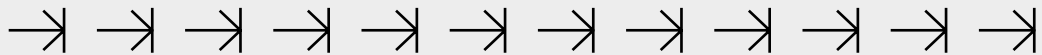
“Quando nada, vou cumprindo a tarefa de aperfeiçoar a ferramenta para os outros, que certamente virão. Quando nada, é possível que eu me saiba um pedaço desta ponte que deverá conduzir a humanidade até um mundo melhor.”

Carmélia Maria de Souza (1936-1974)

*1 Baseado na pesquisa da tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da Prof. Dra. Gisele Girardi.



Arquiteta Urbanista,
Mestre em Artes, Doutora
em Geografia, Produtora
Cultural e Gestora
no DAUS projetos.



Sereias, esquinas e cartazes

Filipe Gondim

Os cartazes comerciais fazem parte do cenário de quase toda cidade brasileira. Crescem cercados de mensagens publicitárias por todos os lados, elas estão nos outdoors, nos postes, paredes... Uma superexposição que invade nosso cotidiano — “não há vagas”, “aluga-se”, “vende-se”, “trago teu amor de volta”, “32225222”... E nossos olhos sempre convivendo com os “perigos de desmoronamentos” em cada avenida. No meio desse turbilhão de “faça um curso superior parcelado em 30 anos”, outros cartazes ocupam as avenidas e encruzilhadas — de maneira bem mais discreta, porém não menos impactante. Os lambes artísticos estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Para os olhares mais atentos, eles já figuram pelas ruas há bastante tempo.

Um parêntese ou “é necessário colar as pontas!”

(ao longo da história os lambes foram usados em muitas épocas, como na luta contra a ditadura militar, Diretas Já!, em iniciativas artísticas... No texto faço um recorte mais da cena atual, das minhas experiências e vivências, das expressões que tive contato geracional, mas é importante achar os encontros e desencontros, os contatos e hiatos — eles perdidos da linguagem que, por falta ou escassez de documentação, não se torna simples remontar os trajetos dos cartazes artísticos urbanos em Pernambuco, e também, no Brasil. Contudo, é de suma importância colar as pontas, assim como fazemos na hora de aplicar os lambes, para não ficarem vulneráveis aos rasgões. Colar as pontas do tempo é fundamental, nesse caso, para não se perder as raízes, as aberturas de caminhos. Não compactuando, assim, com uma visão imediatista, que não olha o passado e cultua apenas as existências presentes — fazendo coro com posturas voláteis — e, ao não encarar as construções históricas como um fio que tece coletivamente um tecido de muitas tramas, perde com rapidez a importância da existência, virando a página como quem vira em uma rua — sem olhar para trás, se perdendo na multidão sem face, por baixo da cal, que cobre as superfícies, apagando os vestígios das ocupações).

Em Recife, comecei a esbarrar com uma Sereia (lambe de autoria da artista Anne Souza) aqui, um Peixe (lambe de autoria do artista Nando ZV) acolá, uma La Ursa (lambe de autoria do artista Bozó Bacamarte) mais à frente e “O que você fez com seus sonhos?” (lambe de autoria da artista Abròs Barros) em algum tapume. Esses trabalhos começaram a fazer parte das paisagens das minhas idas e vindas. Nem imaginava, durante um período, começar a experimentar com a cola e o papel. Meu impulso para produzir lambes chegou um pouco depois, mas, sem dúvidas, esses lambes, são parte das influências e motivos pelo interesse e curiosidade sobre a temática.



Reprodutibilidade às avessas: intervir na rua como forma de existir

As propagandas se reproduzem em série nas avenidas como forma de massificação de produtos e afins. Bombardeios permanentes, perante nós, um “exército” de consumidores. Na rua, os cartazes artísticos e sua reprodutibilidade, gráfica ou manual, vão na contramão das cidades hostis-mercadoria-especulação. Quanto mais multiplicamos nossos lambes, mais tornamos os espaços públicos plurais, desafiando o concreto armado e seus verticais cinzas — as fuligens e seus apagamentos. Criamos assim, uma tensão para colocar faces e narrativas artísticas, onde se reproduzem exclusões e cassetetes — “onde queres revólver, sou coqueiro”.

As artes urbanas ajudam na formação artística de quem se arrisca nos seus caminhos. Um dos aspectos que mais impacta, em minha opinião, é entender a rua como um espaço de ocupação, experimentação e disputa. Diversas narrativas são contadas nos muros da cidade, até o muro branco vai contando seus contos de silêncio. Num espaço de tensões entre capital e o trabalho, do público e do privado, entre o excludente e o inclusivo, entre o banco da praça e as cercas que dividem mundos, é importante se colocar como uma barricada de resistência e fomentar a arte urbana enquanto fenômeno libertário e coletivo. Na defesa de um espaço público democrático, da possibilidade de existir nesses espaços e mantê-los vivos, pulsando arte. E falando nisso...

O lambe-lambe como um manifesto urbano de muitas vozes

O lambe-lambe historicamente tem uma vocação plural e artística, se colocando como um canal comunicativo amplo. No atual cenário, cada vez mais artistas utilizam os lambes, mas também, coletivos culturais e sociais, com diferentes pautas, de diferentes matizes produzem os cartazes urbanos, entendendo sua potência de propagação e disseminação de ideias. “Ocupa-se um espaço vago como também se ocupa um lugar ocupado: everywhere. (...) O nome do inimigo é medo”.

Muitas iniciativas nacionalmente procuram reunir um pouco da produção artística voltada para o lambe. Festivais e chamadas abertas para murais coletivos são uma potência real, mostrando um caminho para expansão da cena e fortalecimento de uma teia nacional, onde é possível partilhar experiências, conhecimentos e fortalecer os múltiplos laços do emaranhado de artistas que atuam nas ruas. Dentre de diversas experiências positivas, o Lambes Brasil é uma das iniciativas importantes de fomento e disseminação da cena de lambe, se tornando uma referência para o movimento de arte urbana nacional.

Os lambes são uma grande exposição ao ar livre, compondo com tudo ao redor. Fotografias e fios, poemas e grades, ilustrações e tráfego... buzinas, retratos, rasuras e gritos. Tudo mudando o cenário e sendo reciprocamente mudado. Nada passa ileso, até os rasgos vão transformando as obras depois de coladas. O tempo vai modificando, apagando, interagindo. E nossos manifestos individuais e coletivos vão sendo paisagem aos olhos de quem atravessa diariamente as ruas, interpretando e construindo conversas com

as intervenções artísticas. Diálogos de muitas vozes e sentidos, um mosaico rico de “decifra-me ou te devoro” seguindo o fluxo dos andares curiosos e apressados.

Travessias

Após anos pixando, comecei a experimentar outras linguagens, principalmente a fotografia e colagem. Quis levar essa produção para rua, mas como poderia intervir com as imagens que estavam sendo produzidas por mim? Os lambes foram a possibilidade que encontrei. Iniciei, nesse primeiro momento, a xerocar ou usar as colagens originais na cascata da urbe. Entretanto, foi com uma série de autorretratos que comecei a pensar o diálogo possível entre a cidade, os lambes e meus processos. Na época, por volta de meados de 2017, o que me fez refletir sobre esse diálogo foi uma frase que elaborei e passou uma semana “martelando” na minha cabeça — “o corpo e a cidade fazem parte da mesma paisagem”. Essa frase foi fundamental para a criação da série “Esquinas”, um trabalho chave na minha experimentação artística, para pensar as ruas e suas dobras como uma possibilidade poética da extensão dos nossos corpos — suas disputas e conversas cotidianas.

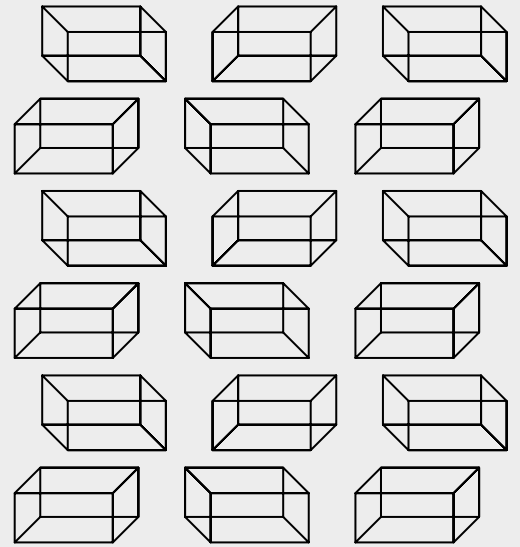
Tenho procurado registrar meus processos através da escrita. Compartilhando vivências e visões sobre experiências criativas que atravessam minhas produções. O lambe é um desses processos que sempre está no meu radar. Acredito no seu poder de diálogo, propagação, provocação e, também, na sua riqueza artística. Utilizar as paredes da cidade, do espaço público como suporte para criações é, talvez, o que de mais potente o lambe-lambe nos proporciona. De maneira fluida e sem apego a forma. Nos lambe-lambes cabem nossas histórias. Muitas histórias! E é assim que a pele da cidade vai resistindo

aos ventos que tentam apagar nossas pegadas e trajetos. Nas sobreposições de camadas que se acumulam nos muros. Um rastilho de pólvora em cada palmo da cidade.

— *E aí, já acendeu seu isqueiro?!*







Filipe Gondim teve seus primeiros contatos com as artes urbanas no bairro de Beberibe, periferia do Recife. Realiza experimentações com pixo, colagem, fotografia e lambe-lambe. É graduando do curso de Letras Português/Espanhol (UFRPE).

mc FESTIVAL 2022



APRESENTADO POR:



PATROCÍNIO



PATROCÍNIO



EMISSORA OFICIAL



HOTEL OFICIAL



PARCERIA



APOIO INSTITUCIONAL



PRODUÇÃO TÉCNICA



Este projeto tem recursos da LICC
Lei de Incentivo à Cultura Capixaba

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

Este projeto foi aprovado pelo Ministério do Turismo através do Pronac nº 211240.